

MD Magno



AmaZonas

A Psicanálise de A a Z

NOVamente
editora

O direito de impressão é pessoal e intransferível.

VERSÃO
E-BOOK

MD Magno

AmaZonas
A PSICANÁLISE DE A a Z
Falatório 2006



NOVamente
editora

VERSÃO
E-BOOK

NOVamente

editora

é uma editora da

UNIVERCIDADEDEDEUS

Presidente
Rosane Araujo

Diretor
Aristides Alonso

Copyright 2008© MD Magno

Preparação do texto
Patrícia Netto A. Coelho
Potiguara Mendes da Silveira Jr.
Nelma Medeiros

Editoração Eletrônica e Produção Gráfica

Editado por
Rosane Araujo
Aristides Alonso

...etc.
Estudos Transitivos do Contemporâneo

M176p

Magno, M. D., 1938-
AmaZonas : a psicanálise de A a Z : falatório 2006 / M. D. Magno. – Rio de
Janeiro : Novamente, 2008.
198 p. ; 16 x 23 cm.

ISBN 978-85-87727-32-9

1. Psicanálise – Discursos, ensaios, conferências. I. Título.

CDD- 150.195

Direitos de edição reservados à:

UNIVERCIDADEDEDEUS

Rua Sericita, 391 - Jacarepaguá
22763-260 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Telefax: (55 21) 2445-3177
www.novamente.org.br

VERSÃO
E-BOOK

EXERGO

“A mente, a cada um de seus estágios, um teatro de possibilidades simultâneas”.

William JAMES

“As palavras da língua, tal como escritas ou faladas, não parecem representar nenhum papel no meu mecanismo de pensamento”.

Albert EINSTEIN

DEDICATÓRIA

À pobrezinha da Amazônia que ainda acaba por morrer queimada. “Nossos bosques têm má vida. Nossa vida no teu seio mais calores. Ó Pátria amada, assim assada, salve! Salve!”

AGRADECIMENTO

A Aristides Alonso, Nelma Medeiros, Patrícia Netto Alves Coelho, Paula de Oliveira Carvalho, Potiguara Mendes da Silveira Jr. e Rosane Araújo – que fizeram haver este livro.

Sumário

1. 18/MAR

Psicanálise acolhe todos os saberes que servem para considerar o Inconsciente – Pulsão: dualismo de função e monismo de última instância – Inconsciente enquanto campo de recepção plerômica – Postura do analista é de recepção total – Toda formação epistêmica é ideológica – Ideologia é formação sintomática de dominação – Novamente é secularização da psicanálise – Possibilidade de postura não ideológica – Crítica ao relativismo democrático e proposição de absolutismo diferocrático.

11

2. 25/MAR

Condição de a psicanálise acolher outras práticas – Crítica à sobreposição dos sentidos filosófico e lingüístico no conceito de sujeito – Pessoa como pólo e sua constituição focal e franjal – Aproximação conceitual entre Pessoa e Rede – *Ipseidade* é marca da diferença – O Mundo sou Eu – A Cidade sou Eu como desdobramento da proposição O Mundo sou Eu – Conhecimento focal e franjal.

25

3. 08/ABR

Psicanálise AmaZônica – Poema *Revirão, a mente perfeita* – Relação entre psicanálise e gnose – Renascimento do pensamento gnóstico no mundo – Revirão gera toda a variedade de afetações e afecções.

39

4. 29/ABR

Os sete pecados capitais segundo Samuel Butler – *Holokaos* e o Quarto Império – Alegorias da Pessoa do Quarto Império: Macunaíma de Mário de Andrade, Ulrich de Robert Musil, Homem Com'Um de François Laruelle – Homem com'Um é IdioFormação – Ética da psicanálise é a ética do qualquer Um – Pessoa é nodulação do funcionamento originário com as resultantes primárias e secundárias – Função disjuntiva no Quarto Império – Oespírito é o Secundário reconhecido como paradigma de todas as formações.

49

5. 13/MAI

Abrangência do campo freudiano frente à restrição das ciências cognitivas – Produção AmaZônica de Duchamp – Razão absoluta da psicanálise frente ao relativismo do pensamento científico e filosófico – Os três absolutos da psicanálise: Impossível Absoluto (Ã), Cais Absoluto, Vínculo Absoluto.

63

6. 27/MAI

Apontamento para o Cais Absoluto na prática da Nova Psicanálise – Distinção entre Haver e Ser – Pessoa em sua condição de Haver e de Ser – Postura gnóstica segundo a Nova Psicanálise e segundo a Não-filosofia – A referência ao Haver submete todas as perspectivas de Ser.

75

7. 10/JUN

As pesquisas sobre neurônios-espelho – Contribuições de Wallon e Lorenz à tese do “estádio do espelho” de Lacan – Função catóptrica e a lógica do Revirão em MD Magno – Pesquisas sobre neurônios-espelho corroboram a tese de que o Revirão produz a linguagem – Experiência lingüística de evocar *in praesentia* e *in absentia* mostra o Revirão – Não há diferença entre natureza e cultura – Interdição relaciona-se com processo de recalque e não com passagem de natureza a cultura – *Édipo* como um exemplo de Princípio de Disjunção – Experiência de júbilo da criança no espelho é expressão da função catóptrica.

86

8. 08/JUL

Comentário do conto “O espelho”, de Machado de Assis – Distinção machadiana entre “alma exterior” e “alma interior” a partir da distinção entre Ser e Haver – Experiência literária de Machado de Assis descreve a aproximação do Cais Absoluto – Ser e Haver são a constituição de uma Pessoa – Para a Nova Psicanálise processo de análise é périplo da Pessoa em direção à indiferença originária – O que define a IdioFormação é a pura experiência de Haver.

98

9. 14/OUT

Dois sentidos para experiência de Haver – Ex-sistência das IdioFormações no mundo – ALEI é *hybris* – Movimento transcendental na produção do conhecimento – “Conhecimento é Formação resultante de uma transa entre Formações” – Vocação delirante do conhecimento – Distinção entre formações-gnômones e formações-gnomos na produção do conhecimento – Homotopia entre Kaos e ALEI – Diferocracia ou princípio de soberania das diferenças é gerada pelo Vínculo Absoluto.

108

ANEXOS

EXCERTOS DA OFICINA CLÍNICA

1 A 10

Crítica à inconsistência dos principais conceitos do lacanismo – Condição ficcional e biográfica de qualquer teoria – Suposição de um Princípio de Constância ao Haver – Questões sobre análise propedêutica, análise efetiva, formação do analista e indiferenciação – Razões para a interrupção do Falatório de 2006 – Recolocação do problema científico da psicanálise.

125

ARISTIDES ALONSO:

OS NEURÔNIOS-ESPELHO E A MENTE-ESPELHO DA NOVA PSICANÁLISE

145

ENSINO DE MD MAGNO

193

Nota

O Falatório de 2006 se desenvolveu apenas durante o primeiro semestre. O segundo semestre foi dedicado, na Instituição, à releitura da Teoria até aí produzida e o Falatório só foi retomado no primeiro semestre de 2007.

1. AmaZonas – eis uma metáfora para ajudar a situar a psicanálise no concerto, ou desconcerto, das ditas terapias de curas contemporâneas e teorias adjacentes. É o que poderia metaforizar o ecúmeno psi, seu lugar geral, mais ou menos parecido com o Pleroma. A bacia amazônica é o maior complexo dos sistemas de água doce, com um quinto de toda a reserva do mundo em seus sete milhões de quilômetros quadrados e com dez dos vinte maiores rios. A região é maior do que a Europa e tem o mais variado bio-eco-sistema do planeta: 800 espécies de mamíferos, 2.500 de peixes e 25 mil de plantas. E, do ponto de vista do que se costumava chamar de inconsciente, ainda tem as figuras e lendas que constituem sua riqueza folclórica. Todos os bichos de Freud estão lá.

AmaZonas: a psicanálise de A a Z (e não o Inconsciente, pois este não tem nem A nem Z). A tese é: **a psicanálise pode acolher todos os saberes que acaso funcionem para a consideração do Inconsciente**. Dito de outro modo, a função da psicanálise é a consideração do Inconsciente e pode acolher todos os saberes que funcionem para isto. Do ponto de vista da relação continente-conteúdo, o Inconsciente contém e não pode ser contido. Ele corresponde ao Haver, e não ao Ser ou a algum Universo. E o Haver, dada a chance da HiperDeterminação, contém tudo o que há. Afirmo, então, de graça – em todos os sentidos da palavra –, que aí não funciona o dito paradoxo de Russell, pois o catálogo de todos os catálogos, enquanto conjunto de todas as formações agoraqui do Haver, progressivamente inclui a si mesmo enquanto o que tem a chance de HiperDeterminação. Ou seja, a cada momento que bate na HiperDeterminação, ele se inclui a si mesmo, mesmo que se acrescente. Como está em movimento e não é uma lógica estática, não há paradoxo algum, pois o Inconsciente é essa coisa plerômica que vai se incluindo a si mesmo à medida que a HiperDeterminação funciona. Notem que dizer “se inclui a si mesmo” não é reflexivo, já que poderíamos dizer: ele inclui ele mesmo.

2. Espero que tenham lido o Livro Negro da Psicanálise – *Le livre noir de la psychanalyse: Vivre, penser et aller mieux sans Freud*, de Jacques Van Rillaer, Didier Pleux, Jean Cottraux, Mikkel Borch-Jacobsen e Catherine Meyer (Paris: Les Arènes, 2005) –, que é uma bobice, mas denuncia muita porcaria na psicanálise. Precisamos, se não situá-los, pois são incorrigíveis, pelo menos nos situar diante desse tipo de produção. Então, para nomear o Inconsciente como estou fazendo, é importante escapar decisivamente de qualquer dualismo a respeito do funcionamento de última instância do Inconsciente e da psicanálise. Há dualismos funcionais, assim como existe o Revirão e seus alelos, etc., mas, em última instância, a coisa é monista. Freud teve essa preocupação e escapou dela. Quando construía sua teoria da libido, teria tentado ser dualista para valer, mas Freud é dualista? Mais ou menos, pois, se apresenta um dualismo de função, dadas as partições do Haver, em última instância, é monista. Ou seja, quando começa a ter a idéia de propor não só uma pulsão de vida contra uma pulsão de morte também pensa em duas possibilidades de energia, uma *libido* em contraposição a uma *destrudo*, mas acaba por se dar conta sabiamente de que bastava uma libido para nos levar desejosamente para a vida ou para a morte, para o bem ou para o mal, fossem eles aleatoriamente construtivos e/ou destrutivos. Ambos em busca do mesmo fim – enquanto finalidade e enquanto término – na exterminação desse Tesão inesgotável.

Então, o que Freud apresenta é uma só libido, para além de mal e bem, como fundação de um monismo que se expressa dualisticamente em uma pulsão contrariada pela resistência. Pulsão de vida não é pulsão. A rigor, ela é resistência. É *conatus*, no sentido de Espinosa. Aliás, supor que a vida faz esforço para existir é um dos maiores empecilhos do pensamento ocidental. Ela faz esforço para não desistir, apenas resiste. Por que cientistas da astronáutica ficam tão perplexos ao passear pelos planetas e não encontrar pelo menos vida explícita? Por que aquelas coisas lá não se transformam numa vida com facilidade? Porque é um acontecimento raro. E não é engraçado que, pelo menos como vida complexa, ela seja rara? Se houvesse pulsão de vida, devia ser banal. A afirmação a respeito de haver vida é puramente narcísica. Não é nem

narcisismo da espécie, é o narcisismo da vida. A vida é narcísica – como tudo, aliás. Uma vez que acontece, acha-se o máximo.

● Pergunta – *E o esforço de auto-conservação?*

Isto existe, chama-se resistência. Não reconheço para a vida um esforço de existência, de vir a existir. É o problema da biologia que está nos velhos livros de Jacques Monod e François Jacob, por exemplo, sobre acaso e necessidade. Não estou decidindo a respeito, pois acho que isto não se decide assim, mas que é acaso, é. Necessidade, será encontrada na Pulsão, e não em seu resultado. A Pulsão é o motor, é o necessário. Dentro desse necessário, quais são os acasos de surgimento disso ou daquilo? A vida é necessária? Não sei, parece-me que não. Notem que, no estudo científico em relação ao universo, gastam-se fortunas para procurar vida em outros lugares. Com que sentido? Para haver inteligência expressiva, tem que haver vida? Não estarão procurando e gastando no lugar errado? Uma tônica das pesquisas é procurar vida para, depois, ver se há vida inteligente. Aliás, acho isto um pleonismo, pois se há vida, pode ser uma ameba, é inteligente. E se for possível aparecer a inteligência diretamente expressiva como a nossa – como a nossa burrice, aliás – sem que seja através de vida? Posso falar disso à vontade, pois ninguém sabe nada a respeito. É o problema que encararemos em relação à própria maquinaria de computação. Quando ela se resolver como autônoma e expressiva, não se chamará vida, pois não é da ordem do biótico. Chamam de vida digital, mas é maneira de dizer, metáfora. Eis algo a ser analisado, no sentido psicanalítico: o narcisismo da vida impõe que só haja inteligência onde há vida, o que é uma tolice, pois não se sabe.

● P – *Não haverá um narcisismo da própria inteligência?*

A inteligência que está embutida nas formações do que chamamos universo – as galáxias, etc. – é uma inteligência. Se não está embutida nele, está embutida na rede: a rede é inteligente. Se a rede não fosse inteligente, por que cientistas estariam procurando o inteligível da rede? Como se estuda o universo reconhecível? Na suposição de que haja, por exemplo, leis da física, da astronomia, da cosmologia. Portanto, isto é a inteligência daquilo. Se não fosse inteligente, não seria inteligível.

- P – *Quando se diz que um planeta é desértico, não poderia haver outras formas de vida ou inteligência que não temos condição de reconhecer?*

Não posso dizer nem sim nem não, pois nada sei a respeito, mas é preciso ter calma, pois já começa a cheirar a delírio. Daí ao espiritismo é um passo.

- P – *Pensar que só haja reconhecimento a partir de nosso tipo de percepção também não seria um delírio?*

Quando dizem que nós outros, seres humanos, temos uma percepção muito limitada, isto é verdade do ponto de vista espontâneo. Entretanto, do ponto de vista industrial, o artifício já tem produzido formas de percepção da maior penetração, com a qual não nascemos. Então, é uma conjectura viável supor que lá exista vida que nenhum de nossos aparelhos de percepção, espontâneos ou artificiais, conseguem perceber, mas é preciso tomar cuidado, ter um limite de “não sei” e acabar aí.

Vejam, então, que estou fazendo um pouco a crítica da idéia de pulsão de vida, que é justamente aquela pela qual a maioria é apaixonada. Não existe pulsão de vida contra a pulsão de morte. A pulsão é uma só, tem um sentido só, e como funciona dessa maneira uniforme e unitária acontecem acasos. Acaso é maneira de dizer, pois não sabemos acompanhar todos os momentos de desenvolvimento, por exemplo, de um autômato celular, o qual é considerado sem vida no campo do Haver, mas, dadas as repetições infinitamente grandes, ou sabe-se lá o que acontece nele, de repente o complexo nasce do muito simples – é a isto que chamo de acaso –, sem que, até hoje pelo menos, tenhamos condição de acompanhar essa passagem. Basta ver o trabalho de Stephen Wolfram, que, no computador, repete, repete, parece estar simplesmente repetindo, quando, de repente, o autômato celular dá um salto para outro lugar, e não se sabe como acompanhar aquela randomização não consecutível para nós. Então, chamarei a pulsão do computador – aquilo que pulsa no computador, na repetição celular – de pulsão de vida ou de morte? Suponhamos que, de repente, compareça a vida. Qual dos dois é a vida, o primeiro ou o segundo?

Observem, então, que precisamos desse tipo de conversa fiada – pelo menos assim parece – para sustentar as bases do teorema que apresento. Isto

porque, para acompanhar este modo de pensamento, não se pode pensar as duas coisas ao mesmo tempo, uma estraga a outra.

3. No Falatório deste ano, tomarei a questão da psicanálise considerada como aquilo que lida, ou pretende lidar, com o Inconsciente enquanto um campo de recepção plerômica. Ou seja, todo e qualquer saber que lhe sirva é incluído. Isto não é novidade, já está em Freud quando lança mão de todos os conhecimentos de sua época e os traz para dentro da psicanálise. E, sobretudo, está em Lacan quando exige de seus formandos que estudem tudo. Na verdade, se cada um não puder ser sabedor de tudo, que se incluam, então, no campo, pessoas capazes de manejar os mais diversos conhecimentos.

● P – *Isto é muito parecido com o que Freud coloca como técnica de escuta.*

Chamo isto de **postura do analista**, que é compatível com a possibilidade da Hiperdeterminação. A postura é: recepção total. Técnicas, temos muitas. Se a psicanálise é um campo de receptividade plena, podemos usar técnicas de qualquer saber. Metemos a mão e tratamos todos os saberes como ferramentas disponíveis. Nem por isso deixando de ter sintoma próprio. Acolhemos todos os saberes para nosso uso, mas dentro dos princípios que nos são próprios. Isto faz grande diferença em relação à idéia de somatório, de simples adição, das áreas que se pretendem multidisciplinares, ou interdisciplinares, pois trata-se de apropriação e submissão ao nosso modo de uso. Se não, é o *pot-pourri* interdisciplinar que hoje encontramos na academia. Aliás, só colocar a idéia de disciplinaridade, já estragou tudo, pois aí não é apropriação de um saber e seu manejo segundo modos próprios, e sim uma eterna discussão entre disciplinas cujas fronteiras ninguém sabe onde ficam. Portanto, não nos cabe combater o exercício e os saberes que são pertinentes, por exemplo, às ciências cognitivas. Não é nossa posição política, intelectual, técnica, ou terapêutica, combatê-los. Queremos que façam cada vez mais, pois assim poderemos lá buscar tudo para nós. Esta é a resposta que temos para eles, que são interdisciplinares e poldisciplinares.

Há anos falei do livro de Howard Gardner, *A nova ciência da mente* (São Paulo: Edusp, 1995, 454 p.). Ele, quase que jornalisticamente, faz uma leitura

dos acontecimentos, fatos e aglutinações que fundaram as ciências cognitivas. Cito-o para lembrar-lhes o que arrola na interdisciplinaridade da construção das ciências cognitivas: filosofia, psicologia, antropologia, lingüística, inteligência artificial e neurociências. É o samba do miolo quase doido. Vejam que, como interdisciplinar, esse campo é impossível. Falta música, por exemplo, que é fundamental. Talvez surgisse um maestro para essa orquestra. É até louvável, um esforço de transa entre os conhecimentos, etc., mas quando se coloca isto como se fosse um saber adquirido a respeito de coisas que são científicas, é de morrer de rir pela falta de análise, pela falta de reconhecimento do modo de produção do próprio sintoma. Se é colocado que a filosofia faz parte desse campo, já danou-se, pois a filosofia está perdida em relação a si própria, a suas próprias metafísica e epistemologia. Então, que isso tenha a pretensão de estar inter-relacionando saberes, que eles tenham saberes isolados em laboratórios e estejam descobrindo coisas muito importantes, por exemplo, nas neurociências, é tudo ótimo. Daí a arvorar o campo como científico, se for assim, cara pálida, estamos iguais: a psicanálise é científica também. Do ponto de vista de precisão teórica, do ponto de onde olho, estou pouco me lixando se é ou não ciência. Isto não tem a menor importância.

4. É preciso, então, dar conta de algo muito sério e perigoso de tratar. Afirmo, agoraqui, que **toda formação epistêmica** – podem usar *episteme* no sentido de Foucault –, **ou mesmo epistemológica, é inapelavelmente ideológica**. Tomemos a distinção kantiana entre *fenômeno* e *noumeno*. Não é do meu feitio, nada quero com Kant, mas me aproprio do que dele me interessa. Só de tomar a crença generalizada, mesmo com outros nomes e em outras teorias psicológicas ou filosóficas, de que há algo semelhante a fenômeno e noumeno, ou seja, de que não se pode observar o que não está observável, já me dá a garantia de que, naquilo que supostamente foi observado, no sentido kantiano, que foi estudado e cientificado, comparece uma ideologia. Do contrário, não sobraria nada por trás para chamar de noumeno. Se sobra, é porque o aparelho de abordagem está limitado por sua configuração discursiva, que é ideológica. Qualquer aparelho,

pois não há que bancar o marxista típico que quer supor que todos os saberes são ideologia, menos o dele. O nosso também é.

Quando lemos tratados ou artigos sobre ideologia, encontramos frequentemente o autor se defendendo ou defendendo a idéia de conhecimento não ideológico mediante uma distinção entre ideologia e não-ideologia. Esta distinção é geralmente feita em função de uma definição de ideologia que arrola apenas as formações discursivas com vontade de poder político: ideologia burguesa, capitalista, religiosa, etc. Marx, quando funda sua teoria, vai contra a ideologia alemã, que ele quer que seja abandonada para introduzir a *ciência* da história, da matéria, o materialismo histórico como científico contra as utopias e ideologias... dos outros. É claro que não conseguiu, mas levamos quase um século acreditando que ele era cientista em contraposição aos outros. Leiam, por exemplo, Terry Eagleton, *Ideologia* (São Paulo: Boitempo, 1997), e Istvan Meszaros, *O poder da Ideologia* (São Paulo: Boitempo, 2004). Ambos são marxistas: o primeiro se caracteriza por certa bobice e o segundo por certa carranca. Eagleton é bem humorado, mas seu humor esconde uma tapeação: fica contando anedota para não notarmos que está falando besteira. E quando o sujeito é muito sério, feito Meszaros, começa a denunciar todos os saberes, inclusive as ciências – e aí os cientistas ficam chateados com ele –, como tendo sempre alguma pressão ideológica em sua produção. Mas ele não está dizendo que a ciência em si é ideológica, e sim que o cientista, com suas ideologias, acaba por ideologizar aquilo que está fazendo. Não é o que estou dizendo. Para mim, o cientista mais isento de ideologias políticas, intrinsecamente à própria ciência, é ideológico.

Não existe saber ou discurso não-ideológico. Aí, os especialistas em ideologia argumentam que, se tudo é ideológico, para que serve o conceito de ideologia se não distingue mais nada? Isto é uma tapeação (ideológica, aliás), pois distingue sim: distingue a postura. Há aquele que trabalha sabendo que está sendo ideológico com tudo, e aquele que finge que não há ideologia em seu trabalho, só no dos outros. Vejam que a postura muda. Agora, vou dar a minha definição. Nietzsche, brilhantemente, em algum lugar, define metafísica – que

é algo muito parecido com ideologia – como valoração das oposições. Ele, em meus termos, está dizendo que, de qualquer halo significativo, valorizamos um dos alelos, e isto já é metafísica. A tal ciência primeira se apóia em valorizações, em valores que arbitrariamente nomeou. Mas como não me interessa a metafísica, que está completamente desmoralizada, roubo sua definição para dizer que **ideologia é a valoração das oposições**. Nietzsche está dizendo que escapar da metafísica é tomar posição para além de mal e bem. Entretanto, ele sabe comentar, mas não sabe ensinar qual é esta posição.

- P – *No máximo, nele, trata-se de ficar lembrando da valoração das oposições.*

No máximo, parar de valorar. Vocês hão de convir que minhas idéias de Revirão e de Indiferenciação são inteiramente cabíveis na tradição que vem, por exemplo, de Nietzsche, passa por Freud, etc. Qual é, então, a postura – e não a técnica – do analista? É para além de mal e bem, de sim e não. Só se exerce a postura quando se está na referência à Indiferença. Isto não quer dizer – como até uma ex-discípula minha cismou de achar ao buscar fazer a diferença entre o que é reflexivo e o que é do Inconsciente (o que, aliás, já é estar falando ideologicamente a partir de uma posição reflexiva) – que se possa efetivamente trazer isto para dentro do mundo. Não pode. Esta é a postura, que tem que ser tomada a cada passo mesmo. Considero, pois, a definição de Nietzsche quanto à metafísica como melhor ainda para a definição de ideologia. Como sabem, ele dizia coisas muito interessantes, mas que também precisam ser analisadas. Disse ele: “Deus morreu, fomos nós que o matamos” – quando está claro que Deus suicidou-se, como tudo, aliás. O Haver se suicida, quer não-Haver. O Cara não era onipotente? Tinha à disposição qualquer saída que quisesse e foi morrer na cruz? Suicidou-se, é claro! Fomos nós que o matamos? Nós quem, cara-pálida?

- P – *No Jornal do Brasil de hoje, um padre jesuíta, Luís Corrêa Lima, comenta que o Papa Bento XVI cita Nietzsche em sua primeira encíclica, sobre o amor. Segundo ele, Nietzsche “não é ignorado, nem desqualificado e nem satanizado” pelo papa. “O seu argumento é racionalmente analisado e contestado. O Papa dá um exemplo de maturidade humana, intelectual e cristã”.*

O Bené é inteligentíssimo. Leiam o livro dele. Jana Pawla expulsara da igreja Freud, Marx e Nietzsche. Esse aí resolveu dar o golpe contrário, incluiu. O outro não era tão inteligente, era uma coisa política e mercadológica.

Vamos, então, tentar uma definição para **ideologia**: “Formação de formações secundárias (conjunto de idéias), ou seja, pressupostos e crenças, que tem o poder de determinar para uma Pessoa – no sentido que dou ao termo – sua tomada parcial de posição (sua tese) referente a qualquer tema considerado. Trata-se, portanto, de uma formação sintomática que exerce dominação sobre a suposta escolha desta Pessoa”. Observem que faço um reviramento dentro da própria definição. A pessoa pensa que pensou e criou uma formação dominante, mas, se a criou, estava sob seu domínio, estava dominada pela formação que a pariu como criadora. A inversão é evidente: em vez de “eu pensei...”, temos que dizer “me pensaram que...” Esta é, aliás, mais uma das pretensões puramente narcísicas que temos. Onde está, então, a eficácia do entendimento do que seja ideologia? Está na postura que se vai tomar. Falo com a arrogância de quem tem um saber do saber, ou com a de quem tem um saber reconhecidamente ideológico? A psicanálise é uma ideologia? Sim! Por isso, precisa fazer a própria crítica o tempo todo. Qual é a formação de base da ideologia de Freud? Arrisco a dizer-lhes que Freud é o Moisés da psicanálise; Lacan é o Jesus da psicanálise; Derrida é o Maomé da psicanálise; e eu tento secularizar a psicanálise. Não sei o que isto possa querer dizer, pois está ideologicamente comprometido, mas pelo menos é a tentativa de pensar no regime do Quarto Império. Como sabem, o Quarto Império se chama Oespírito. Isto não quer dizer que seja o império do Bené ou do Allan Kardec. Se chamo assim, entre brincadeira e seriedade, espírito pode ser espírito dos *Éons*, o que há de *pneuma* nas formações computacionais, por exemplo. Sua consistência é puramente computacional e sua matéria puramente informacional. É por aí que a coisa vai.

● P – *A possibilidade de HiperDeterminação e o movimento como exercício de Indiferenciação são movimentos de suspensão ideológica, mas ao mesmo tempo inseridos numa base que não tem como não ser ideológica?*

Não estão inseridos, e sim fora. Esta é toda a diferença entre postura, saber e técnica. A única coisa não-ideológica que se pode ter é uma postura. A

de Nietzsche, por exemplo, de se referir ao que fica para além de mal e bem. Existe algo não ideológico? Discursivamente, não. Posturalmente, sim. A cada vez que abordamos, que acolhemos, há que fazer o exercício da indiferença, ou pelo menos o processo permanente de indiferenciação do que quer que se escute. Qualquer valor aplicado será posterior ao movimento de indiferenciação. Então, se, para não sermos ideológicos, não podemos intervir senão em silêncio, isto significa que toda vez que fazemos intervenção, estamos lutando no plano ideológico com a ideologia do outro. Pode ser útil na análise, mas a única resposta não-ideológica é o silêncio absoluto. Mesmo assim, a resposta que o analisando se dará diante do silêncio será ideológica, ainda que desloque seu ideograma para outro ideograma. Portanto, só a postura é não-ideológica. A intervenção, para além do silêncio, é ideológica.

A diferença é que o suposto analista, se tem como postura não ideológica a indiferença, mesmo que, num momento, aplique uma formação que foi valorada pelo simples fato de usá-la, ele não quer compromisso com ela. Foi apenas um estratagema de análise. Ele disse tal coisa porque funcionava no momento, mas não quer compromisso com aquilo. Por isso, Lacan disse que a psicanálise é uma *escroquerie*. Do ponto de vista do ideólogo, tirar o seu da reta a todo momento é escroque, mas é a postura do analista. Isto não vale para o cotidiano do social, em que temos que ter relações ideológicas mais ou menos asseguradas. E não vamos tomar essa idéia para fazer a *escroquerie* no social. A não ser que se queira ser um revolucionário nietzscheano, que se queira a zorra instalada. Isto também é possível, mas aí é preciso dizer o nome. Quando agimos no cotidiano, na relação com os outros, estamos nos apropriando de uma formação ideológica para sobreviver. Então, há que saber fazer o jogo político com certa seriedade, mesmo que seja uma bobice ideológica.

5. As formações de saber incluídas, por exemplo, nas aparentemente triunfantes ciências cognitivas são pura ideologia, tanto quanto qualquer outra. Portanto, são relativizáveis ao extremo e não têm a menor competência, senão política e de poder, de deslocar a psicanálise. Podem tomar o poder e até proibir a psicanálise,

mas isto não quer dizer absolutamente nada. Nós outros não queremos calá-los e nem que desapareçam. Queremos sim nos apropriar de tudo que consigam. A diferença de postura é essencial. Vemos terapias contemporâneas que parecem refinadas. Por exemplo, filósofos que, baseados em suas filosofias, querem se tornar terapeutas. Há um tal Irvin D. Yalom, que se diz psicanalista, escreveu *Quando Nietzsche Chorou, A Cura de Schopenhauer*, mas que, de analista não tem nada. Ele toma uma filosofia para convencer que se você tiver uma filosofia daquela ficará melhor. É claro, se você tiver todas as filosofias, ficará melhor, menos estúpido. Estude todas, por favor, mas é pura ideologia. O melhor dos filósofos é um ideólogo.

● P – *Ideologia é anterior a qualquer produção de conhecimento?*

Se é anterior, não sei, mas, no momento da produção, não se pode não produzir sintomaticamente. E não é questão de proibição, pois é impossível produzir discursivamente sem sintoma. Logo, é ideológico, já que sintoma sempre valora oposições. Então, quando produzo uma coisa chamada Nova Psicanálise, não posso produzi-la sem sintoma. Mas quando descubro, como muitos outros – os mestres zen, por exemplo –, que a postura é indiferenciada, indiferenciante e indiferente, então estou fora da ideologia. Eu me retiro, saio dos valores, me ponho para além de mal e bem, de sim e não, de noite e dia, e estou na paz da não-ideologia, fora do sintoma. Posso, isto sim, refinar a formação sintomática. De tanto ter a postura não ideológica da indiferenciação, com mais facilidade refino os teoremas sintomáticos. Isto significa buscar que sejam cada vez menos conteudizados, mais abstratos – mas mesmo assim são sintomáticos. O que é um fundamentalista? Uma besta que não refina de modo algum sua sintomática, e se recusa a fazê-lo. Como não tem a competência de, por exemplo, partir de Javé e chegar a Nenhum, a Ninguém, trabalha afinadamente para aumentar a confluência sintomática de seu sintoma e argumentar cada vez mais, como o Bené está tentando fazer até com filósofos os mais decentes. Aliás, uma das lutas ideológicas mais acirradas é a religiosa. O que Bené está fazendo é não refinar, mas reduzir os refinamentos à sua grossura. Cuidado com ele, pois o outro só tinha inteligência política e de marketing e o

que dizia que prestasse do ponto de vista intelectual era o Bené que soprava em seu ouvidinho. Ideologia religiosa é barra pesada, pois, às vezes, tem séculos de reafirmação de sintoma. A psicanálise tem apenas um século e já deu vários passos na tentativa de refinar, enquanto que lá, é permanente, só se aumenta a confluência sintomática. Compro livro católico e leio. Agora mesmo estou lendo um sobre os valores absolutos. O autor é uma besta, professor de universidade na Itália, que quer nos convencer de que o mundo está uma porcaria porque perdeu os valores absolutos. Se eram absoluto, como foram perdidos? Como se pode perder um valor que é absoluto?

Para o pessoal das ciências cognitivas, o *racional* não é ideológico. É sim. Por isso, peço que leiam Paul K. Feyerabend, que é brilhante e arrasa com a pretensão da razão. Seus livros mais importantes são *Contra o Método* e *Adeus à Razão*. Por outro lado, ele tampouco deixa de fazer parte, como Terry Eagleton, John Gray e Jurgen Habermas, do relativismo democrático. Não estou contra o relativismo e a favor do absolutismo, e sim dizendo que o relativismo democrático sofre de um defeito gravíssimo que nunca vi denunciado. Estou abusando um pouco ao dizer isto, mas ele parece o politicamente correto. Por exemplo, na antropologia moderna não se pode tomar nenhum grupo, tribo, dizer ou dito de qualquer proveniência e considerá-lo inferior ao seu, ou a outro dito, pois todos os grupos e tribos têm razões no que dizem, razões até racionais. O grande argumento é que, mesmo sem a racionalidade do Ocidente, eles sobreviveram milênios. Eu, aliás, digo até melhor do que o relativismo democrático: o que quer que se diga é da ordem do conhecimento, basta situar – sou absolutista diferocrático, e não relativista democrático. O difícil, então, é situar em relação aos outros. Segundo eles, os ditos de todos que dizem algo têm uma função, uma verdade, se não, não teriam sido ditos daquele modo ou acolhidos por tantas pessoas que lá existem, e muito menos essas pessoas teriam existido até hoje. O que se esquece aí é que quando entramos em relação, às vezes de confronto, com outra posição ideológica, difere muito se temos uma *crença* em relação à nossa formação de saber e o outro também a tenha em relação à sua formação de saber, ou se somos capazes de

18/MAR/2006

ler todas essas crenças e manter uma posição de respeito por fora e extrapolada delas em relação a todas as crenças.

Se me deparar com uma besta que resolva me reduzir à sua bestice, lutarei com ela sem respeito a relativismo democrático algum. Agora, se me disserem que aquela é sua ferramenta, que a usam de tal modo, mas não acreditam naquilo, aí tudo bem. Se tomarmos a briga de George W. Bush com os fundamentalistas islâmicos, qual é o pior? É indecível. Bush, na mídia, dá uma desculpa calhorda – que, situada em outro nível, serviria – de que está atacando os de lá porque estão ameaçando os de cá. Ele teve a sorte de Bin Laden derrubar as torres gêmeas para poder dizer isto, mas não está em seus princípios ou dos falcões que os de lá possam ser o que quiserem desde que não se metam na casa dos de cá. Para ele, aqueles têm que ser também democratas e libertários. Aí a discussão fica de igual para igual. Um diz que islamismo é uma palhaçada e outro quer destruir o cristianismo e transformar o mundo em adoradores de Alá. Ideologia com crença é isto: os dois querendo que sua ideologia domine o mundo. Pode até acontecer, depende de quem tiver a arma maior. Era, aliás, preciso criar um turismo diferocrático. Faríamos turismo nas crenças dos outros. Poderíamos entrar nas igrejas dos outros, mas não esculhambá-las.

No caso dos intelectuais, quando falam em relativismo democrático, esquecem que falta uma mente que passe por todos os relativos: uma mente que acolha, relativamente, todos os relativos. Vamos supor que eu me suponha com essa mente e o outro não seja relativo, e sim fundamentalista, estarei danado na mão dele. Ou, se não, sou fundamentalista e quereirei destruir o outro. Portanto, para fazer um relativismo democrático, temos que ter a competência de entendimento de que as formações de saber são *ferramentas* e não podem ser *crenças*. Por exemplo, considero como a mais idiota – no sentido do termo, *idiós* – das teorias *psi* o comportamentalismo, o behaviorismo. No entanto, lá há coisas muito práticas que podemos usar quando for necessário para dar jeito em algum analisando. Nem tudo na análise, para funcionar, é suspensão. Às vezes, notamos que o analisando está precisando levar uma recalcada para aprender o processo do recalque. Ele simplesmente passa por cima, funciona dentro do

processo do recalque, mas não se dá conta. Então, não basta esclarecer, há que recalá-lo, ainda que só para fazer contraposição. Notem que há diferença entre fazer isto como um Bush que quer reduzir o outro, e fazer porque é uma estratégia para o outro perceber seu recalque. Portanto, uma coisa é utilizar um saber que, em última instância, sabemos que é ideológico, outra, utilizar o mesmo saber sem reconhecer isto, como se fosse absoluto. Ter crença é valorar. Quando trabalhamos qualquer saber como mera ferramenta, não estamos valorando, valorizando, e sim usando porque foi pragmaticamente útil no momento. Não estamos dizendo que é o valor, pois, daqui a pouco, poderemos usar o contrário. A crença é valorativa. A definição de Nietzsche para a metafísica é brilhante, mas serve mesmo para a ideologia. Aliás, a metafísica é ideológica.

● P – *As ciências cognitivas partem do pressuposto de que há crenças racionais e crenças irracionais.*

São a mesma coisa. Não temos que ter crenças racionais, e sim dispositivos de razão. E, às vezes, dispositivos de irracionalidade inconsciente. Se um animal ideológico quiser me oprimir, por que vou discutir com ele? Para ele me matar antes de eu acabar a frase? Como sabem, ao contrário de Nietzsche, digo: **só há fatos, não há interpretações**. Quando achamos que algo é interpretação, estamos dizendo que essa interpretação corresponde exatamente a determinado fato. Não! A interpretação é outro fato. Podemos dizer que fizemos trabalhos muito precisos, acompanhados por procedimentos e métodos, e temos a impressão de que os fatos realmente corroboram tal teoria. É possível dizer isto, pois os fatos foram produzidos por ela. Quando sei, sei absolutamente o que sei a respeito de algo que está no real. *Está, não é*. Kant chama isto de *noumeno*, mas não quero saber de *noumeno*, pois, como disse, o que tenho é: o que quer que se diga é da ordem do conhecimento. Ou seja, se houve recorte, as formações são paralelas. Então, não estou vendo uma coisa, e sim vendo formações. Mediante um saber, vejo uma formação; mediante uma formação, vejo um saber. Isso é uma completude? Não, é uma bobagem útil.

18/MAR

6. Da vez anterior, disse-lhes que, diferentemente dos críticos marxistas, que sempre acham em todo discurso uma pressão ideológica, mas que a consideram como sendo de uma ideologia dentro da (ou paralela a da) qual nasceu aquele discurso ainda que científico, para mim, há ideologia na própria produção da ciência, com ou sem pressão de uma ideologia política externa. Poderíamos chamar isto de ideologia interior ou exterior a um discurso. Ideologias externas ao discurso podem influenciá-lo, e os críticos marxistas sempre acham que elas estão lá presentes. Mas falo de uma ideologia interna a toda e qualquer produção de discurso. O simples fato de fazer escolhas por um caminho ou por outro já é um fato ideológico. Isto é evidente na produção de uma teoria qualquer. Sobretudo, na de uma filosofia, em que há os princípios escolhidos pelo filósofo, os quais, se não forem criticados, a filosofia pode ficar muito interessante, mas se os criticarmos ela não se agüenta.

Falei da psicanálise como verdadeira bacia amazônica, cuja orografia, cujo relevo permite acolher todos os discursos que lhe interessarem *ad hoc*. O problema é: é possível colher resultados sem, junto, colher a doutrina? Se a psicanálise, seja qual for – em nosso caso, a Nova Psicanálise –, se apresenta doutrinariamente, como, aliás, não pode deixar de fazê-lo, quando colhe de outro campo algum resultado, algum fragmento, é possível fazê-lo sem colher a doutrina que o produz? Sim, mas nem sempre. Às vezes, o resultado é tão subdito à forma da doutrina que temos que abandoná-lo, pois será incompatível com nosso próprio discurso. Mas, de modo geral, os resultados podem ser práticas interessantes independentemente da doutrina que os produziu. Portanto, podemos abandonar não só a ideologia, mas também os princípios e métodos de um discurso, e considerar que, se realizou tal coisa e deu tal resultado, aquilo pode ser uma prática interessante e não contraditória com, pelo menos, o manejo de nossos processos. Por isso, disse que a psicanálise acolhe tudo que se faz na área discursiva, desde que ponha sob seu escopo.

● P – *Pode-se dizer que qualquer doutrina é inconsciente dos resultados que produz?*

Genericamente, sim. Mesmo quando ela supõe saber conscientemente os resultados que produz, algo vai ali que é fora do domínio de sua ordem discursiva.

Uma das coisas que parecem mais distantes da psicanálise é a doutrina behaviorista. No entanto, seus achados podem perfeitamente, no manejo ana-

lítico, ser tomados como utilizáveis. O behaviorismo supõe manejar apenas dualidades internas, e não sabe que maneja as outras. Então, não confundir sua ignorância com sua prática. Suas inocência e candura são supor: pão-pão, queijo-queijo. Nós sabemos que nada garante que o resultado seja este. Como lemos mediante o princípio da transa entre formações, sabemos que, ao mexer em algo, a consequência pode ser completamente diferente do que se pretendia no início. A posição behaviorista acredita que tudo se dá no nível da consciência. Aliás, como a consciência desta posição é “estímulo e resposta”, diante de qualquer teoria da consciência, não pode dizer que isso não seja consciência. Então, o fato de se produzir uma prática sobre uma teoria que nos parece deixar de lado uma quantidade enorme de fenômenos adscritos à ordem inconsciente não quer dizer que esta prática não seja utilizável por nós, mesmo que parcialmente. Vejam o caso da intervenção farmacológica. Se a droga *x*, sem que os cientistas saibam por que – como efetivamente não sabem –, produz tal resultado e, por algum motivo, for útil para nosso trabalho, podemos utilizá-la. Sempre com a reserva de que é uma ignorância, em todos os sentidos da palavra. Se algum analisando está excessivamente agitado, a droga pode acalmá-lo para, depois, continuarmos a conversa. Aliás, o que sabemos nós a respeito das dosagens internas dos hormônios e outros elementos químicos que agem em cada analisando? Mesmo que ele faça uma porção de exames, verifique que está com tal hormônio excessivo e que saibamos que alguém com este hormônio excessivo se comporta assim-assim, não dá para regular ou saber de tudo. Por exemplo, alguém sensível ao calor ou ao frio. Como computar isto na análise? A coisa é muito fluida. Se for para computar tudo, então, terá que ser Tudo...

7. “Si a tu ventana llega una paloma / trátala com cariño que es mi persona”, de Iradier Montes Gil. Coloco este verso de um bolero antigo para tomar a pessoa aí representada e trabalhar o conceito de **Pessoa**, que é da maior importância na consideração da Psicanálise Amazônica. Isto porque a Pessoa que estamos considerando aqui também tem a vocação de acolhimento de todas as suas relações de rede, uma vez que também ela é considerada por nós uma rede. Essa pomba, então, como Pessoa, parece-me não uma metáfora, mas uma alegoria.

O termo Pessoa tem uma sujeira histórica, sobretudo no campo da filosofia cristã. Mas como o definimos de maneira bem diferente, ele escapa bastante das definições já dadas. Do ponto de vista conceitual, acho mais sujo lidar com sujeito ou indivíduo. Sujeito entrou na moda com os estruturalistas, em geral, e na psicanálise com Lacan, em particular. Em grego, é *hipokeimenon*; em latim, *subjectum* – um troço que está por baixo. Mas o que há embaixo das coisas que vira sujeito? Já o tal indivíduo, em grego, é *atomon*, o átomo, aquilo que não se divide mais, como pensavam os atomistas lá do começo. Vejam que as duas palavras são sujas. O sujeito se apresenta na história do pensamento com duas definições principais. É um aparelho lógico, como o sujeito gramatical, no qual pode ser uma coisa. Por exemplo, em “a xícara está sobre a mesa”, o sujeito é “xícara”. Então, podemos dizer: “Oi xícara, tudo bem?” – mas quem fala com sujeito é maluco (eu falo com Pessoas). Sujeito é, pois, aquilo de que se fala, que tem atributos e predicados. Mas, segunda definição, a coisa escorregou na história da língua para o sujeito como sendo cada indivíduo. Isto, mesmo que não se estivesse numa vertente individualista da história, a qual, no Ocidente, começa, desenvolve-se e culmina no cristianismo. Portanto, o termo escorrega: assim como “a xícara está sobre a mesa”, também “João está sobre a cadeira”. Então, as pessoas confundem João com xícara – coisa, aliás, fácil de confundir...

Os estruturalistas, em geral, estavam tão apaixonados pela linguagem e pelas línguas dentro da linguagem que faziam o esforço de submeter as regras da língua enquanto sintoma e da linguagem enquanto estrutura. Isto, sem ninguém saber ou explicar o que é a linguagem. Lacan, para não ficar preso aí, inventou o tal “Outro”. Então, no que a linguagem, sobretudo languageira, de fala, é colocada como núcleo de todas as estruturas, não há como não tomar os construtos de linguagem para ordenar o pensamento – e lá veio o tal sujeito gramatical junto. É possível uma língua sem sujeito? Gente importante da área da lingüística garante que sim. E mesmo supondo que todas as línguas tivessem sujeito, tivessem a estrutura das línguas ocidentais, a estrutura é da língua e não se pode dizer que seja da linguagem, pois ninguém sabe o que ela é. Por isso, nos dicionários de filosofia, vemos a palavra sujeito escorregando do lógico,

do gramatical para a pessoa: o sujeito passa a ser a pessoa – mas não definem o que é pessoa a não ser remetendo a personalismo ou a personalidade, segundo outra construção teórica. E, no século XVII, ainda aparece René Descartes dizendo: *cogito ergo sum* – que é um total absurdo (leiam as suas *Meditações* e verão que o cogito é inteiramente delirante). Mas o negócio colou e, depois, na história da filosofia, muitos fizeram esforço para reformá-lo. Há o sujeito transcendental, de Kant, que dá uma escapada do cogito; a crítica de David Hume, que define a consciência como um feixe de percepções (e o cogito, de Descartes, é consciência); o conceito de Merleau-Ponty do cogito como corpo; o conceito de Hegel do sujeito como sendo a substância; a idéia de Wittgenstein de que o sujeito não existe, pois, se existisse, seria tão limítrofe que estaria fora... Vejam que estão todos inconformados.

Nosso caríssimo Doutor Lacan tem a linhagem de dentro: Descartes, Hegel, passando por Kant. De qualquer modo, sobrou-lhe algo das aulas de Kojève que não pôde ser jogado fora. É claro que ele empurrou o sujeito para nem ficar com o cogito cartesiano ou com a substância de Hegel e trazer o sujeito como intervalar: o sujeito é um buraco, um intervalo entre um significante e outro como representação que ele representa para outro significante, ou seja, é coisa alguma. Aliás, alguém pode me explicar o que um significante pode representar para outro significante? Lacan inventou um aparelho circular que não diz nada: o sujeito é o que um significante representa para outro; o significante é o que representa um sujeito para outro... Ele fez um embrulho e colocou debaixo do tapete para continuar, pois não sabia aquilo. A pergunta é: ele estava falando propriamente do sujeito lógico ou do sujeito pessoa? A confusão entre os lacanianos é enorme, pois eles falam com o sujeito. Logo logo, analisarão a xícara. Como uma pessoa pode ser sujeito? Ela é um intervalo entre significantes? A pessoa não tem corpo, concretudes? Isso entra em contradição com o fato de a análise, para Lacan, ser finita. Como pode ser finita se o sujeito é o que um significante representa para outro? Quando isso acaba? A resposta teórica é bem feita, pois Lacan não é burro. Para ele, o sujeito é indiciado: há o tal Falo e o índice do S_1 , o *signifiant maître*. Se ele não fizesse isto, aquilo ficaria saltando. O sujeito é, pois, indexado, tem um valor próprio.

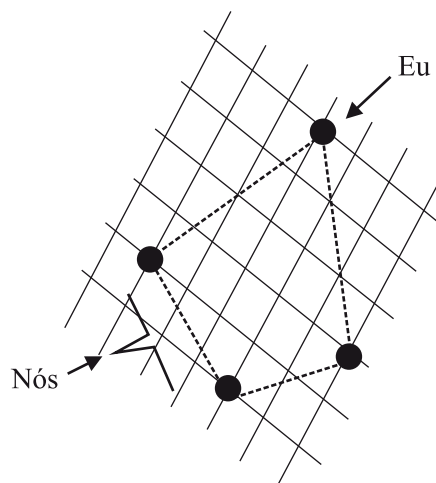
Ou seja, é uma moeda nomeada, e não apenas o conceito de moeda. É Dólar, Real, algo assim.

8. Uma Pessoa que se chama de **Eu**, é ela que se chama assim, ninguém mais. Este é o problema de Roman Jakobson, em que Lacan meteu a mão como sujeito do enunciado e sujeito da enunciação. Do ponto de vista da estrutura da língua, é realmente difícil para uma criança entender isto. Ela fala “neném quer”, “neném gosta”, etc., e, de repente, percebe que as pessoas se chamam de Eu, mas que ninguém as chama de Eu, o que, para ela, é um absurdo total. É um problema lógico e poético fundamental, pois se me chamo de Eu, como os outros me chamam de outra coisa? E ainda me chamam de você. Mas não sou você, por que, então, você está me chamando de você?! São artifícios da língua que, se não são paradoxais, são fugidios. Cria-se o hábito de se chamar de Eu, chamar o outro de você e atender quando o outro o chama de você. É um hábito lingüístico, pois, logicamente, é inteiramente furado, a não ser que acompanhemos vetores o tempo todo: o vetor veio para cá, é Eu; foi para lá, é ele... Uma pessoa que se chama de Eu não é sujeito, e sim um significante – esta é a troca que gosto de fazer. Isto é, uma formação do Haver, uma ou até mesmo várias IdioFormações. Sem a presença de IdioFormação, não há Pessoa, mesmo que essa Pessoa seja coletiva ou institucional. É preciso, pois, a presença de uma IdioFormação para a Pessoa ser constituída, a qual pode ser múltipla. Como vêm, não uso a palavra significante precisamente no sentido da lingüística ou do estruturalismo. Quando digo que é significante, é que aquilo tenta significar para mim, e não se trata de um buraco que um significante representa para outro. Aquilo significa, é signo. Uma Pessoa significa.

As pessoas são pessoas do verbo, em todos os sentidos da palavra verbo. Conhecemos a primeira, a segunda e a terceira pessoas do verbo. Em nossa língua, no singular é: eu, tu e ele ou ela. No plural, eu é nós, tu é vós, e ele-ela é eles ou elas. Portanto, existe Eu plural. No estudo da gramática, costuma-se dizer que as pessoas são: primeira, aquela que fala; segunda, aquela com quem se fala; e, terceira, aquela de quem se fala. Quando digo eu ou nós, estou tomando a palavra como pessoa; quando digo tu ou vós – o “você” caiu no Brasil, mas era a

pessoa do plural: Vossa Mercê, vosmecê, vossemecê –, estou falando com alguém, dirigindo-me a um outro suposto eu, outro que pode dizer Eu; e quando estou na terceira pessoa, falo com alguém a respeito de uma terceira suposta pessoa ou um terceiro que considero uma pessoa. É claro que a língua portuguesa tem defeitos gravíssimos como não ter o *neutro*, que faz muita falta para o entendimento das coisas e nos obriga a, por exemplo, chamar a xícara de “ela”. A língua inglesa é mais sintética e mais precisa. O francês também não tem o neutro, tem o *on*, mas, como o nosso *se*, é precário. O neutro faz falta até para nosso raciocínio em geral. Ele é uma terceira pessoa-coisa ou indiferenciada, que não faz a confusão que faz o sujeito, pois uma coisa, um tema, uma pessoa, qualquer coisa, pode ser sujeito *da frase*. O sujeito foi parar como sujeito do inconsciente – e Freud jamais colocou assim – na suposição de que o inconsciente imita a linguagem fazendo frases. Em Freud, o inconsciente pode imitar algo que não seja da ordem da língua falada. Imagens, por exemplo, que podem deixar a pessoa perplexa e só depois conseguir fazer um discurso a respeito delas.

Do ponto de vista do arranjo estrutural, uma Pessoa é um pólo distinto com foco e franja, podendo ser plural, e que comparece dentro de uma rede conjeturável como infinita. Vejam o desenho simplificado como uma rede simples:



Temos vários *nós* aí, notados como (•). Se tomarmos qualquer um desses nós como pólo, este pólo terá implicações infinitas, para todos os lados, pois, por estar no interior de uma rede, é conectado inteiramente com essa rede. Então, poderemos prestar atenção local, ou seja, no pólo como foco, ou prestar atenção franjal, isto é, na franja em geral que abarca esse foco. Franja esta que não sabemos onde termina, que temos que considerar infinita e na qual apenas podemos fazer um recorte. Esse é um pólo singular, mas um pólo pode ser plural como o polígono acima desenhado pela linha pontilhada. O primeiro pólo que mencionei é da ordem do Eu e aquele constituído pelo polígono, da ordem do Nós. Então, ao considerarmos uma Pessoa, estaremos sempre fazendo um recorte pequeno, dentro do qual, por ser focal, ao mexermos nele, certamente teremos conseqüências longínquas e imprevisíveis. Mas, uma vez que a estrutura deve ser mais ou menos toda parecida, mexer nesse recorte já significa mexer bastante. Repetindo, qualquer rede é cheia de cruzamentos, que chamo de *nós*. Podemos polarizar qualquer nó, isto é, considerá-lo um *pólo*, o qual, por sua vez, poderemos considerar focal e franjalmente. São operações sucessivas: recorta-se o nó como pólo, e o pólo será considerado focal e franjalmente. Pode-se considerar qualquer nó como pólo, com poucas ou muitas conexões. É preciso olhar não para a coisa, e sim para o conceito. O conceito de nó aqui é cruzamento de linhas da rede; o de pólo, destacamento de pontos sobre um ou vários nós; o de foco, centramento nesse pólo; e o de franja são os arredores.

Uma Pessoa é um pólo distinto, distinguível por ser diferente dos outros. Por que, depois que conhecemos uma pessoa, sabemos reconhecê-la? Por exemplo, ao telefone, reconhecemos pela voz, pois é um foco de formações que distinguem essa pessoa. E podemos considerar esse pólo focal e franjalmente. Em relação a uma pessoa em análise, estamos lidando com certo pólo, do qual temos certa focalização. À medida que ela vai falando, aparecem franjas insuspeitáveis. De repente, descobre-se algo longínquo conectado influenciando a focalização. Notem que as pessoas, além de serem pólos, são muito focalizadas. Ao conhecermos uma pessoa, focalizamos e ela se apresenta como foco. Preci-

samos de muito tempo para perceber alguma relação franjal que nunca aparecera no foco. Esta nova conexão começa a dar mais sentido à focalização que a pessoa apresentara. O importante é reconhecer que são formações complexas que vão se aglutinando. Num pólo plural também podemos ter uma pessoa, que é composta de várias pessoas que conseguimos focalizar. E se procurarmos as franjas dessas pessoas, veremos que são diferentes para cada uma. Como vêem, estou considerando *rede* em sentido geral. Alguns autores chegam a pensar que tudo no Haver está conectado de algum modo. Se não estivesse, do ponto de vista gravitacional, por exemplo, talvez as estrelas caíssem sobre nós. Então, isso fica enorme e complexo demais, pois sabemos que estamos mexendo focalmente em algo cuja relação franjal desconhecemos, e a pessoa também. Ela usa, mas não conhece. Às vezes, nem suas relações focais conhece.

Então, o que dá para fazer? Operar sempre, consigo e com os outros, numa região focal com certa franjalidade. Ou seja, dá para mexer e entender um pouco o foco. Uma pessoa, no sentido que estou usando, não é indivíduo ou sujeito, e sim a rede complexíssima que podemos focalizar porque se apresenta com uma polaridade evidente. Na rua, passamos por milhões de pessoas que podemos supor que sejam polares, mas não as focalizamos. Passaremos por elas amanhã e elas não serão as mesmas. Por outro lado, de tanto passarmos por determinado lugar, começamos a focalizar. Como sempre vemos tal pessoa passar, não sabemos quem é, mas reconhecemos que está sempre por ali. Vamos, portanto, estabelecendo conexões e mais conexões que podem ir ao infinito. Por isso, digo que **não existe análise finita, e sim análise satisfatória**: a pessoa parece estar indo bem, está lidando adequadamente com as coisas... Mas nunca sabemos onde *Eu* termina.

9. Quando falo em um pólo distinto, trata-se de um pólo com **ipseidade** (que Duns Scott [1266-1308] chamava de *hecceidade* [*haecceitas*] e que foi retomado por Heidegger de outro modo). É o caráter único de uma formação do Haver que a distingue de todas as outras formações. Ou seja, é o Princípio da Diferença. Um pólo é distinto quando reconhecemos a diferença. Por exemplo, sabemos que tal pessoa não é tal outra.

● P – *É um efeito sistêmico aparecer a diferença?*

É um efeito da formação. Por causa da zona franjal, não conhecemos todos os ingredientes de uma formação. A diferença é efeito da constituição da formação. Se a captamos, é apenas focalmente. Ipseidade é a marca da diferença. Portanto, não se trata de egoísmo ou solipsismo – coisas de que tratei ano passado –, e sim de ipseísmo. As coisas, de algum modo, são si mesmas em sua diferença e as pessoas podem, com muita força, cultivar essa diferença, ou seja, cultivar seu ipseísmo. Direi uma frase já dita em várias filosofias, mas que temos que tomar de outro modo: “O mundo sou eu” (que é onde deve chegar a tese de doutorado em urbanismo intitulada “A cidade sou eu”, em realização por um membro de nosso grupo). Se quiserem uma idéia do que seja Eu, uma pessoa, leiam a *Canção de mim mesmo* (*Song of myself*), de Walt Whitman (acho que *Canto de mim* seria uma tradução mais bonita). Prestem atenção no poeta desmanchando as fronteiras, as franjas, e assimilando outrem como eu, ou eu como outrem. Ele vai rompendo, afirmando a diferença e assimilando todas as franjas como pessoa, como eu. Aliás, é o que está no *Je est un autre*, de Rimbaud (sem a interpretação de Lacan, é claro).

Quando digo “o mundo sou eu”, a pergunta é: o Haver há sem esta pessoa que se chama eu? Ou seja, o mundo, sem mim, existe? Este é um problema de todas as filosofias. Posso deduzir que sim a partir de minha existência datada e da continuação, para mim, da existência do Haver depois do desaparecimento de outros. O Haver há para mim, mas posso pensar: se eu não houver, ele há? Quando cheguei, fulano já estava aí, então o Haver, para ele, já estava considerado antes de mim, mas é dedução, pois não tenho essa experiência. É igual à morte, cuja experiência não tenho, mas, como o outro morre, digo que talvez para ele não haja mais o Haver. Como o Haver acabou para ele e não para mim, talvez o Haver haja sem mim, mas isto é uma dedução. Porém, efetivamente, sensorialmente, perceptivelmente, etc., o Haver, como experiência, não há sem esta pessoa que se chama Eu. Se pensar numa pessoa que conheci bem de perto e que tenha morrido há trinta anos, o mundo que há para mim seria irreconhecível para ela. Nós nos acostumamos a uma porção

de mudanças, mas, em caso de criônica, por exemplo, se uma pessoa morta há trinta anos pudesse aparecer de novo, o mundo lhe seria irreconhecível. Os focos seriam poucos, já que a mudança foi radical. O mundo sem mim é pura conjectura minha, pois efetivamente ele não há sem mim. Posso dizer isto porque o mundo sou eu. Não estou dentro do mundo. Os filósofos é que depreendem o mundo para além deles e se colocam lá dentro, como se isto fosse possível. Minha polaridade com seus focos e suas franjas, totais, todas, se puderem entrar, constituem o mundo. Não há distância entre eu e mundo. Não existe um eu que está fora e considera o mundo. Não existe um mundo que está fora e que me situa. Se você disser que o mundo que você é está considerando o mundo que parece que eu sou, isto não é problema meu porque você está falando de outro mundo. Você é uma alma de outro mundo...

● P – *Você disse que o Haver contém, mas não é contido.*

O Haver, em sua totalidade, contém e não é contido. Como este Haver só há como Eu, podemos dizer: o eu contém, mas não é contido. E não há distância aí. Quando alguém diz “meu mundo”, está falando besteira, pois não temos mundo algum, somos despossuídos. E mais, está considerando um foco como uma propriedade sua, coisa que depende do conceito de propriedade. Por exemplo, quando falamos das “propriedades do cálculo”, parece que não estamos falando do conceito de apropriação, mas estamos sim, pois são os elementos daquela formação que certo discurso recortou como próprios dela. O “próprios” é do discurso, e não do cálculo. Como posso saber todas as propriedades do cálculo se não as usei todas? Isto é tão arbitrário quanto dizer que sou proprietário de tal terreno. Será mesmo? É assim enquanto não houver uma revolução, enquanto não se morrer ou perder no jogo... O que é dado é o direito de aluguel permanente durante algum tempo. Somos um cadáver adiado, como diz Fernando Pessoa.

Quanto a afirmar “a cidade sou eu”, isto é possível porque não há distância entre eu e cidade. Essa cidade-eu é cheia de fragmentos geográficos, geométricos, locais, pessoais, etc., com os quais me confundo facilmente. Basta dormir para sonhar que abri a porta do quarto e estava em Paris. Hoje,

aliás, é, pelo menos, fácil falar imediatamente com Paris através da Internet ou, demorando algumas horas, tomar um avião, dormir e, ao abrir a porta, lá estarmos. Do ponto de vista de nossa visão psicanalítica, não há distância entre eu e mundo. Minha singularidade é o mundo que eu sou. Qual é a cidade que diz respeito a você? Não se pode dizer “a sua cidade” ou “a cidade em que você mora”, pois é a cidade que mora em você. Não sabemos onde estão os limites, as fronteiras. O vetor virou ao contrário: não estou na cidade, a cidade é que está em mim. Vejam na internet a animação de uma litografia de Escher, em que temos um rapaz visto através de uma janela olhando um quadro pendurado na parede. No quadro, vemos uma cidade portuária, a qual, em uma de suas casas, inclui o rapaz, visto de uma janela, olhando o quadro da cidade, e assim infinitamente...

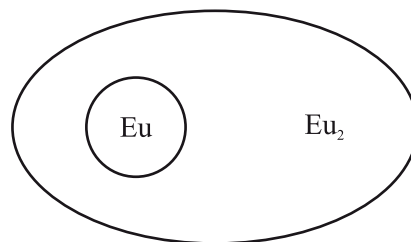
Observem que posso dizer “o mundo sou eu”, mas posso também dizer ao contrário, “eu sou o mundo”? Não sei, pois a língua fica esquisita. “Eu sou o mundo” me soa paranóide, já “o mundo sou eu” não me soa assim, não é paranóide, explicitamente, pelo menos. E mais, se não tivermos certa visão do que chamo de Cais Absoluto, viramos coisa, funcionamos como uma coisa. Quando digo que moro na cidade tal, sou uma coisa, um endereço, e não gente. Se procurarmos pela Monalisa, temos seu endereço, museu do Louvre, sala tal, andar tal. Uma pessoa não é isto. A perspectiva de que estou falando é fundamental, não é a velha mania de inverter os vetores: o século XXI cada vez mais pensa assim e, em cinquenta anos, a tônica do pensamento do século será esta. As pessoas, em breve, mudarão de cabeça, pois estão sendo pressionadas pela tecnologia e outras coisas para desarrumar a situação. Vemos isto em pequenos comportamentos típicos de hoje que eram inconcebíveis em minha adolescência. Por exemplo, o verbo *ficar*, entre os adolescentes. Conexões breves desse tipo eram pouca vergonha, putaria. Para eles, não: conecta aqui, entra ali, do mesmo modo que um entra no blog do outro.

Quando se diz “a cidade sou eu” pode parecer implicância com urbanistas e professores que têm dificuldade em conceber esta idéia, mas qualquer um que pensar sobre a estrutura material que estará à sua volta no futuro tem

que inverter o vetor e administrar a situação atual pensando na pessoa, pensando que a cidade é aquela pessoa. Falo de uma cabeça que considera cada cidade de cada um. Qual é a minha cidade? Não moro no Rio de Janeiro, eu sou uma cidade x .

● P – *Você pode falar mais sobre a postulação da franja como necessária para a consideração das formações e sobre o postulado da Gnômica “eu conheço o que conheço”? A franja não é a consideração daquilo que não conheço?*

Se digo “o mundo sou eu” é porque esse mundo é o conhecimento pleno que tenho. E a franja é a consideração do que eu conheço franjalmente. Suponho que a franja pode ser muito grande, mas meu conhecimento é o conhecimento do que conheço da franja. Devo conjecturar a franja como *infinita*, pois dá a impressão de que aquilo vai muito longe. Quando parto de um foco, à medida que vou conhecendo mais conexões desse foco, é a isto que chamo de franja. E quanto mais franja conheço, maior o foco. Ou seja, modifico a qualidade do foco para conhecer, portanto é meu conhecimento. Eu não disse “o que quer que se diga é pleno conhecimento”, e sim “o que quer que se diga é da ordem do conhecimento”. Por exemplo, estou conversando com você a respeito de certa região de meu mundo que, por acaso, coincide plenamente com uma região de seu mundo e, de repente, vejo que o seu ainda tem mais e inclui o meu. Fico perplexo:



Perco-me numa franja a que não tive acesso porque o mundo que você apresenta (Eu_2) é maior do que o meu (Eu). Então, entro numa região franjal que, na conversa com você, faz Eu me acrescentar como mundo. (Eu) é conhecimento e (Eu_2) também é conhecimento.

25/MAR/2006

Suponhamos que você esteja concordando com tudo que falo, mas me diz que deixei de ver algumas coisas, um fantasma assim-assim, o espírito de fulano... Direi que você é doido, pois é a primeira coisa que dirá qualquer estúpido ao se deparar com o mundo maior do que ele. Ele não vai duvidar, logo-logo afirma que o outro é maluco. Ou seja, o mundo que eu sou começa a se comportar como ego fechado porque foi agredido pelo outro. Isto acontece o tempo todo no decorrer da história. Se alguém começa a ver mais do que outros, está perdido. Só dirão que ele foi genial se venceu no mundo financeiramente ou obteve um poder maior do que o deles, sobretudo mediante o que sabia. Aliás, gênio é quem foi. Descartes, por exemplo, do ponto de vista de sua época, é um gênio, mas, do ponto de vista do que sabemos hoje, é um idiota completo. Temos que lembrar que essa gente do passado é muito ignorante. Por isso, é esquisito, na academia, ainda vemos pessoas rezando para Descartes. O mesmo ocorre com Aristóteles, que disse quantidades de porcarias em termos de ciência. Há que situar o gênio em seu momento, pois fora dele pode ser uma besta. Vejam, então, que o franjal diz respeito a arquivos que tal pessoa não sabe acessar, mas estão lá. Quando entramos na Internet, focalizamos, mas não sabemos o que outras existências lá estão influenciando o que se focalizou.

À medida que a franja vai sendo reconhecida, o foco vai assimilando a franja e vai se ampliando: ele se dilui na rede. Sempre é preciso desconfiar de que é a franja que não atingimos, de que ela está lá agindo sobre nós. A franja é o reservatório de meu desconhecido, mas está atuando. Esta é a diferença entre consciente e inconsciente, em Freud. Em vez de dizer que há a parte consciente e a parte inconsciente, estou dizendo dentro da rede: o que consigo focalizar, é consciente; o que não consigo trazer para o foco, é inconsciente – mas está atuando. Toda vez que recorto, recalco algo. Se não recalco algo que está inscrito imediatamente na franja, recalco pelo menos o avesso. Como sei que a mente funciona em Revirão, se recorto um *sim*, recalquei um *não* – e isto me dá a certeza de franja, de (In)Consciente, como escrevo. Qualquer atitude que eu tome é recortante e recalcante. Isto, com a possibilidade de trazer para dentro do foco.

Vejam, pois, que é fundamental mudar de posição e de vetor. Não podemos considerar pessoas dentro de um mundo. Há um truque, uma safadeza, nas imposições de pensamento. Quando pensamos que há um mundo e pessoas dentro, estamos pensando com a cabeça de um outro que pensou assim e está dominando nossa cabeça, certamente a favor da dele. Esta é uma questão política, pois se algum idiota feito Aristóteles pensou “o mundo é isso e as pessoas estão dentro do mundo”, como foi ele quem pensou, o mundo é ele e estou dentro do mundo ele. Um *pensador* não aceita isto, tenta pensar com a própria cabeça. Estamos submetidos a uma ordem de pensamento e obedientes a ela em favor de quem? Da glória de Aristóteles? Ora, podemos utilizar o paradigma que quisermos! Se não tivermos competência ou não nos ocorrer inventar um paradigma, usaremos o que quisermos, e não o que nos estão mandando usar. Há vários. É o princípio de alienação – de que lhes falei em 2004 quando tratei da *Economia Fundamental* –, cujos representantes maiores são a igreja, a academia, as instituições de poder...

10. Quinta cena do quinto ato de *Macbeth*. Enquanto caminha para a morte poeirenta, diz:

Out, out, brief candle!
Life's but a walking shadow, a poor player
That struts and frets his hour upon the stage
And then is heard no more: it is a tale
Told by an idiot, full of sound and fury,
Signifying nothing.

Acho esta a passagem mais bonita do texto: “Fora, fora, chama passageira! / A vida é apenas uma sombra que passa, um pobre ator / Que se pavoneia e aflige sua hora em cima do palco / E depois não é mais ouvido: é uma estória / Contada por um idiota, cheia de som e fúria, / Significando nada”.

25/MAR

11. Segundamente, um rapazelho lindo – que, em inglês, se diz *gorgeous* –, lá na sábia Grécia, disse: “O homem é a coisa de todas as medidas”. Já o primeiro, chamado Protágoras, dissera: “O homem é a medida de todas as coisas”.

Saiu em português o livro *Onde encontrar a sabedoria*, de Harold Bloom (Rio de Janeiro: Objetiva, 2005), originalmente publicado em 2004, no qual diz: “A ciência de Freud, a psicanálise, não é basicamente especulativa poética, nem empírica terapêutica, mas fica na fronteira entre todas as disciplinas anteriores” (pág. 259). Acrescento eu: e as posteriores também. Ele a colocou como uma espécie de charneira entre os saberes, mas prefiro minha bacia AmaZônica como recolhimento possível de toda e qualquer formação. No que a psicanálise, dada sua índole, pode reduzir todas as formações a meras formações do Haver e, portanto, cabíveis no Inconsciente, ela é uma espécie de acolhimento geral.

12. Hoje, lerei para vocês um texto cujo título é: **Revirão, a mente perfeita**. É quase todo um poema por mim adaptado a partir de duas traduções. O texto talvez tenha sido originalmente escrito em grego, provavelmente anterior ao século II, e intitulado no original – não grego, pois este original não existe mais – *O Trovão, a mente perfeita* (*trovão*, em grego, é uma palavra do gênero feminino). Faz parte da biblioteca Nag Hammadi de textos gnósticos, encontrada em 1945 por camponeses na cidade com esse nome, próxima a Luxor, no Egito. Atualmente, existe apenas a tradução copta, copiada pouco antes de 350 d.C., que está no museu copta do Cairo. O interessante é que o texto não se declara cristão ou gnóstico. Mudei o título, pois, para mim, trata-se do Revirão, que é a mente perfeita, completa:

Revirão, a mente perfeita

Trazida pelo poder

Eu vim para aqueles que pensam em mim

E fui encontrada naqueles que me procuram.

Que me considerem os que pensam em mim

E aqueles que ouvem que me escutem.
Os que estão esperando por mim que me recebam em si mesmos
E não me afastem de suas vistas.
E não façam com que suas vozes me odeiam nem seus ouvidos.
Em qualquer lugar e a qualquer hora não fiquem ignorantes de mim
Fiquem atentos
Pois eu sou a primeira e a última.
Sou a honrada e a desprezada.
Sou a puta e a sagrada.
Sou a esposa e sou a virgem.
Sou a mãe e sou a filha.
Eu sou os membros de minha mãe.
Sou estéril
E tenho muitos filhos.
Eu sou aquela que teve um casamento magnífico
E a que nunca se casou.
Sou a parteira
E a que não traz à luz.
Sou o consolo no meu próprio trabalho,
Sou a noiva e sou noivo.
E foi meu marido que me gerou.
Sou a mãe do meu pai
E a irmã do meu marido, o qual é meu filho.
Eu sou a escrava daquele que me preparou,
Sou a governante de minha prole.
Mas foi ele que me criou, antes ainda do meu nascimento
E ele é o fruto do meu parto.
É dele que provém o meu poder.
Eu sou o bastão do seu poder na juventude
E ele é a bengala da minha fraqueza na velhice.
E acontecerá comigo o que ele quiser.

08/ABR/2006

Eu sou o silêncio incompreensível
E a idéia que sempre é relembrada.
Eu sou a voz de variado som
E a palavra de múltiplo sentido.
Sou a pronúncia do meu nome.
Por que os que me odeiam me amam?
E me odeiam aqueles que me amam?
Os que me negam me confessam
Os que me confessam me negam.
Mentem os que dizem a verdade sobre mim
E os que mentem sobre mim, dizem a verdade.
Os que me conhecem me ignoram
E os que me ignoram então que me conheçam,
Pois eu sou o conhecimento e a ignorância.
Sou a coragem e a vergonha,
Sou a envergonhada e a sem vergonha.
Sou a força e sou o medo.
Sou a guerra e sou a paz.
Prestem atenção a mim.
Eu sou a desgraçada e a majestosa.
Observem minha pobreza e minha riqueza.
Não me maltratem quando atirada sobre a terra,
Pois sempre me encontrarão nos que estão por vir.
Não me vejam como um monte de merda,
Nem se afastem de mim,
Nem me abandonem,
Pois é nos reinos que vocês me encontrarão.
E não me desconsiderem quando me encontrarem entre aqueles que
Estão em desgraça e nos piores lugares, nem riam de mim.
Não me atirem entre aqueles sacrificados pela violência,
Embora eu seja a compassiva e a cruel.

Fiquem atentos.
Não odeiem minha obediência,
Não amem minha continência.
Não me abandonem na minha fraqueza.
E não tenham medo do meu poder.
Por que desprezam o meu terror
E amaldiçoam o meu orgulho?
No entanto, eu sou aquela que existe em todos os medos
E sou a Força diante das agruras.
Sou aquela que é fraca
E meu lugar é nas alturas.
Sou sábia e sou insensata.
Por que me odeiam em suas decisões?
Devo ser silenciosa entre os silenciosos,
Mas também devo falar.
Por que então me odiaram os gregos?
Por que sou bárbara entre os bárbaros?
Pois eu sou o conhecimento dos gregos
E a sabedoria dos bárbaros.
Sou o juízo dos gregos e o dos bárbaros.
Sou o grande monumento no Egito
E sem nenhuma imagem entre os bárbaros.
Tenho sido odiada em todos os lugares
E por toda parte tenho sido amada.
Eu sou aquela a quem chamam de vida,
Mas outras vezes só me chamam de morte.
Eu sou aquela que se chama Lei
Mas que foi apelidada de desordem.
Sou aquela que vocês excluíram
Sou aquela que vocês aprisionaram.
Sou eu que vocês espalharam

08/ABR/2006

E a que recolheram.
Sou aquela de quem sentiram vergonha
E aquela com quem foram despudorados.
Sou aquela que não dá festas
E aquela das festas numerosas.
Eu sou atéia e sou aquela cujo Deus é majestoso.
É em mim que vocês pensam
E é a mim que vocês têm desprezado.
Sou aquela de quem vocês se escondem
E a quem vocês acabam se mostrando.
Mas o que quer que vocês escondam
Então sou eu quem lhes aparecerei,
Pois sempre que vocês se manifestarem
Serei eu quem me esconderei.
Eu sou a mente
E também sou o restante
Sou o conhecimento da minha inquirição,
O achado daqueles que me buscam
A orientação daqueles que me indagam
E o poder dos poderes
E meu conhecimento das mensagens que têm sido enviadas pela
minha palavra
E dos deuses em suas épocas
E dos espíritos de todos os homens que em mim habitam.
Eu sou a cidadã e a estrangeira.
Eu sou a substância
E eu sou o nada.
Eu sou o controle e o incontrolável.
A união e a dissolução.
O duradouro e o efêmero.
A condenação e a absolvição.

Sou livre de pecado
E o pecado se origina em mim.
Sou eu que sou desejo pelo desejado
E a continência também reside em mim.
Eu sou aquilo que pode ser ouvido por qualquer um
E o discurso que não pode ser reprimido.
Sou muda,
Mas é grande a minha falação.
Ouçam-me com carinho
E me aprendam com aspereza.
Sou eu que brado
E sou lançada sobre a terra.
Eu preparo o pão
E estou dentro do pão.
Sou o conhecimento do meu nome.
Sou eu que brado
E sou o que escuto.
Eu sou verdade
E sou mentira.
Vocês me veneram
E me maldizem.
Os que forem vencidos que julguem antes da sentença.
Se vocês forem condenados, quem os absolverá?
Pois o que está dentro de vocês é o que está fora de vocês.
E aquilo que lhes dá forma por fora
É aquilo que forma o que está dentro de vocês.
E o que vocês vêm de fora de vocês é o que vocês vêm dentro de
vocês. Ouvintes me escutem e aprendam minhas falas
Vocês que me conhecem.
Sou eu o escutar que é aceitável em qualquer assunto,
Sou eu o falar que não pode ser restringido.

08/ABR/2006

Sou eu o nome da voz e a voz do nome,
Eu sou o sentido do texto e a marca da diferença.
Prestem então atenção meus ouvintes,
Eu sou a única que existe
E não há quem possa me julgar.
Pois são muitas as coisas agradáveis chamadas pecado e incontinência
E paixões e prazeres efêmeros que os homens abraçam até se
tornarem sóbrios
E subirem então ao seu lugar de repouso.
E lá eles me encontrarão.
E lá eles não encontrarão a morte.

Não é impressionante que no século II já houvesse a Nova Psicanálise?
Somos antiquíssimos. Quando li esse poema fiquei perplexo, pois está falando
do Revirão, de como nós funcionamos. A mente perfeita, quer dizer, total, é
isso. Freud foi quem a descobriu.

13. Como sabem, faço pouquíssimo a alusão gnóstica em meu trabalho, pois
a tendência é as pessoas correrem para igrejas e esquecerem do pensamento.
Originalmente, a gnose não é religião ou filosofia. O núcleo do pensamento
gnóstico é o que tenho dito sobre a análise ser a lembrança do Revirão. É isto
que está lá, só que dizem que a pessoa se conhecendo muito bem conhecerá sua
origem e o deus dentro dela. Não tirei as coisas que penso dos gnósticos, eu as
pensei assim. Quando, no final dos anos 1980, um então membro do Colégio
Freudiano apresentou na Maison d'Amérique Latine, em Paris, a base de meu
pensamento, uma moça de lá disse que era semelhante à gnose. Fui ler os livros
sobre o tema e realmente vi que tenho uma tradição milenar. Entretanto, insisto
em que é preciso cautela, pois nada custa para tornar-se o que se tornou o Édipo.
Freud falou dele, todos passaram a falar dele, esqueceram da psicanálise e
virou a besteira papai-mamãe – a besteira sempre vence. Mas está acontecendo
no mundo uma verdadeira revolta teórica intelectualista de base gnóstica, da

qual faço parte sem ter sabido. Harold Bloom, que citei há pouco, coloca Freud como gnóstico e é verdade, pois ele achava que, pelo conhecimento, chega-se à origem. A gnose grega começa em Sócrates. Platão começa a estragar tudo e, depois, é fagocitado pelo cristianismo.

Como sabem, digo que o Quarto Império está chegando por aqui. Assim como estou pensando essas coisas, o mundo está salpicado de pessoas que, por suas vias, também estão entrando nesse caminho, que é compatível com a Nova Psicanálise. Por exemplo, François Laruelle, que esteve aqui conosco em 2001, é um representante do renascimento do pensamento gnóstico no mundo. Um de seus discípulos, Gilles Grelet, publicou um livro, *Théorie-Rébellion: un ultimatum* (Paris: L'Harmattan, 2005), com textos, entre autores como Michel Maffesoli e François Laruelle, de três membros de nosso grupo NovaMente¹. Fico satisfeito em saber que não sou maluco sozinho. É um pensamento violentamente contrário a posturas judeu-cristãs e ocidentais. Não é o único assim, há varias rebeliões no Ocidente, mas esse é veementemente denunciatório do aprisionamento a essas posturas. Aprisionamento mesmo da psicanálise, a qual, até Lacan, ficou presa a um cristianismo mais para o lado da patrística. O grupo a que pertence o organizador do livro é dos “sem-filosofia”. François Laruelle falara em não-filosofia, o que foi elogiado por Gilles Deleuze, e esse grupo apresenta uma guerra *contra* a filosofia, a qual está datada e defunta. Desde que surgiu, ela nos prendeu. Lembrem-se de que, à força, incluiu até Sócrates e os chamados pré-socráticos em seu âmbito. Só não conseguem engolir os sofistas – e a psicanálise tampouco. Isto, embora haja o esforço, e Lacan tem metade da culpa aí, de filosofar a psicanálise. Mas, do final do século XIX para cá, a filosofia se perde evidentemente. Podemos dizer que Wittgenstein ou Nietzsche sejam filosofia? Não dá para segurá-los lá dentro. E vemos também o esforço que alguns fazem para escapar dela, sobretudo da metafísica.

O *pathos* de qualquer pensamento é melancólico. Esse livro, *Théorie-rébellion*, se apresenta como sua outra face, a do entusiasmo (*entheos*). O

¹ ALONSO, Aristides. *L'art du pilotage: pour une stylistique fondamentale*. ARAUJO, Rosane Azevedo de. *La ville, c'est moi: l'urbanisme du siècle XXI*. SILVEIRA Jr. Potiguara Mendes da. *Le fait curatif: transfert, personne et réseau*.

melancólico se dá mal por não saber reverter a melancolia e sair para a briga. Aliás, não gosto da palavra entusiasmo, pois diz respeito a um *theos* (deus). Para mim, o nome correto é: Tensão. Se seguirmos pela via da melancolia, que é a do afastamento e de não querer saber de nada, veremos que, entre o Cais Absoluto e o não-Haver, está o Gnoma, como chamo, e que, ao contrário da melancolia, a Gnose também se afasta do mundo, mas quer saber. É como diz a psicanálise: não é possível pensar, pelo menos, a indiferença dos valores de dentro dos valores. O processo de indiferenciação do analista é, sobretudo, o da indiferenciação dos valores em jogo. Ele está neutro. É como está no poema que li: Eu sou a puta e sou a santa. É o contrário do que vemos nos textos de ditos psicanalistas hoje: a tomada de partido prévia diante do julgamento do que estão tratando. Não se pode tomar partido na consideração analítica. Há apenas que com-siderar. Já tivemos aqui entre nós gente que até fez tese universitária sobre a Nova Psicanálise, mas que ficou assustadíssima quando, de repente, se deu conta de que não sou grego e de que não há uma epistemologia possível em meu pensamento. A razão freudiana não cabe na razão grega, que tem um terceiro excluído e recusado.

São muito interessantes os estudos sobre a gnose, pois dizem respeito ao que foi recalcado. Os gnósticos são, a meu ver, próximos dos cétricos, cínicos e sofistas – e de Freud, portanto (que, aliás, é cétrico, cínico e sofista). Há séculos, estamos metidos numa situação cultural de péssima origem e que faz com que a leitura de Freud seja judeificada e cristianizada. Sabemos que ele se recusava ao judaísmo, embora tenha escrito *Moisés e o monoteísmo*, em que, na verdade, está falando de seu povo, e não da religião ou do saber judaico. Ele está defendendo a existência do povo judeu que, naquele momento, estava sob ameaça. Acho abusiva a leitura judaizante de Freud, pois ele evidentemente recusou tudo aquilo e pensava diferente. Ninguém reinventa aquele tipo de inconsciente sem essa recusa. Freud não inventou inconsciente algum, apenas passou Schopenhauer e um pouco de Nietzsche a limpo, mas operou essa reinvenção de maneira radicalmente incompatível com a cultura ocidental e com a cultura judeu-cristã. A redução se faz depois, com o pessoal judaico-cristão que

está lá metido. Não há psicanalista católico?! Se levarmos a sério a estrutura montada por Freud, vemos que são coisas incompatíveis. Lacan fica no limbo entre dizer e não dizer, mas acho que sua resultante é cristã. Ele tinha certa paixão sintomática pelo cristianismo. Se ele não fosse Lacan, certamente seria seu irmão, que era abade beneditino e a quem ele dedica sua tese de doutorado de 1932. Há uma pressão judeu-cristã-católica em sua vida. Sua filha, Judith é filha da mãe, Sylvia (ex-Bataille) (1908-1993), que era judia de origem romena. A França tem essa coisa entre judaísmo e catolicismo que dura até hoje.

Quanto a mim, as pessoas sentem o cheiro certo e percebem que o pensamento que apresento é contra a estrutura grego-judeu-cristã. Fico, portanto, satisfeito ao ver que a via gnóstica está em pleno renascimento. É claro que o Bené fará o possível para não permitir. Ele até quis assimilar Nietzsche, o que é um absurdo, mas a igreja faz qualquer negócio, sempre fez... Lacan nem tentou eliminar o ranço judeu-cristão, que parecia figurativo demais. O que fez foi abstrair seu grande anedotário, e, no que fez isto, permitiu-me pensar o que pensei. Coisa que, aliás, sem ele, eu não teria podido fazer. Como ele tirou do anedotário e jogou na abstração, dela partimos para o lado que quisermos. Por exemplo, retirou Édipo e colocou Nome do Pai, metáfora paterna, desejo da mãe. Ele poderia ter dado outros nomes, mas como era um bom marketeiro, colocou os nomes que poderiam vingar na cultura. Ou seja, a coisa vai se abstraindo, mas não se mexe no núcleo e quando se renomeia, isto é feito mais para o lado do núcleo do que para o da abstração. Com o quê, mantém-se a anedotinha literária judeu-cristã e até mesmo certos aspectos da tragédia grega. Então, no que se faz a abstração, saímos à vontade, mas, na formação das frases e das figuras, a coisa ainda é muito configurada. Por exemplo, o sujeito de Lacan é algo representado por outro troço, se não, é nada, um buraco. No entanto, quando põe um índice para ele, as pessoas viram sujeitos. Assim, ao invés de tratar cada pessoa como significante – pois o que há de sujeito é *entre* –, ele as tratou como sujeito, mas, a rigor, não se poderia falar com sujeito. Só maluco fala com buraco.

14. Por que existem as afetações, afecções, patologias, etc., com toda a variedade com que se apresentam? Porque o Revirão não se cala. No que ele é esquecido ou recalcado para fora, fica revirando para dentro. O chamado obsessivo é alguém que não consegue revirar para fora, só para dentro. Ele é caseiro e pensa que driblará o recalque, pois, em sua cabeça, dribla o recalque interno. Ele fica perseguido pela alternância dos alelos, e não entende que, já que alterna, é possível alternar de uma vez por todas. Se fizer isto, acha que enlouquecerá. Há grande diferença entre ser indeciso e assumir plenamente a ambivalência. Neste segundo caso, há escolha, e não obsessividade. Aí, sabe-se que tudo é ambivalente, ou seja, que a mente é ambivalente. Já a chamada histérica revira internamente no corpo ou nos comportamentos. Ela joga um dos alelos para dentro do corpo e estaciona no outro. Ou seja, estaciona dos dois lados. Por isso, o obsessivo tem inveja dela.

08/ABR

15. Vocês certamente se lembram dos velhos sete pecados capitais, da santa madre igreja. O primeiro é a soberba; o segundo, a avareza; o terceiro, a luxúria; o quarto, a inveja; o quinto, a gula; o sexto, a ira; e o sétimo, a preguiça – ou seja, tudo que cultivam na igreja. Próximo de nossa época, foram para o beleléu. Samuel Butler (1835-1902), autor inglês de *Erewhon* – anagrama de *nowhere*: agoraqui ou lugar nenhum –, que influenciou muito H. G. Wells e George Orwell, substituiu os sete pecados capitais por: primeiro, falta de dinheiro; segundo, saúde deficiente; terceiro, temperamento ruim; quarto, castidade; quinto, pedantismo; sexto, vínculos familiares; e sétimo, fé em alguma ideologia. Estes são mais parecidos com os nossos.

16. Holokaos é um termo que pode ser aplicado ao Quarto Império. Em grego, significa o caos total. É o vale-tudo mundial. A aproximação fônica com o holocausto serve para lembrar que os novos tempos são conseqüentes com um

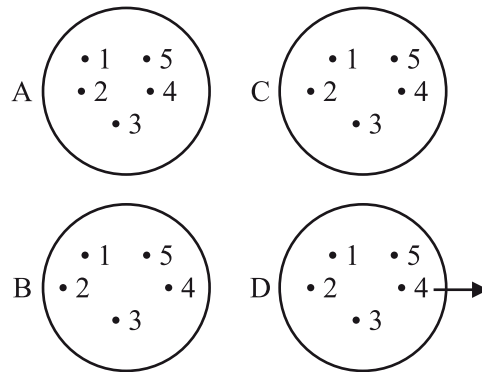
trauma radical, justamente a queima total dos valores dantes atribuídos às formações com vocação hegemônica. Agora elas estão absolutamente relativizadas apesar dos esforços ingentes e inúteis de filosofias e religiões. As pessoas estão pulando como pipoca dentro dessa panela.

A queima total de valores, portanto, relativização generalizada, resulta num certo tipo de gente. Como resultante, e não como indivíduo. Sempre que pensamos numa tipologia, em certo tipo de pessoa, a tendência é achar que cada um é esse tipo, ao passo que esse tipo é resultante da confluência de uma quantidade enorme de caracteres, coisa muito comum, aliás, na interpretação da literatura. Por exemplo, tipos resultantes desse holokaos, tipos típicos, se pudéssemos dizer assim, do Quarto Império e que foram vistos com antecedência de quase um século: Macunaíma, de Mário de Andrade; e, com mais clareza, Ulrich, de *O Homem sem Qualidades*, de Robert Musil. São descrições do homem que está chegando, cuja gestação ocorreu no século XX. Dizem que Musil não terminou seu livro, mas acho que é assim mesmo, não é preciso terminá-lo. Os que viram a gestação e farejaram para aonde a coisa estava indo é gente como Proust (este um pouco menos), Joyce, Musil, Mário, o nosso polinômimo Fernando Pessoa (que exercitou em si mesmo, em sua própria estrutura personalógica, digamos, essa barafunda)... Personagens como Macunaíma e Ulrich não são a tipologia de uma pessoa, um tipo ou protótipo que se repete em cada indivíduo. Entendo que, considerando uma época e a diferença vetorial entre as pessoas, a resultante dá esse caráter. Macunaíma não é o homem brasileiro, ou cada brasileiro é assim, é o Brasil que é assim. A resultante do brasileiro é: Macunaíma. E Musil viu que a resultante austríaca naquele momento era: Ulrich.

Junto com Mário de Andrade, Robert Musil desenha o homem do Quarto Império. Ele morre em 1942, sendo, portanto, contemporâneo de Freud. Além de outras coisas, foi também um pesquisador do inconsciente, um psicólogo. Mediante Ulrich, seu personagem, mostra os últimos dias

do império dos Habsburgo na Áustria, que ele, gozando a duplicidade do império austro-húngaro, chamava de *Kakanien* (Kakânia, na tradução brasileira de Lya Luft), nome derivado da abreviação *K und K* (*kaiserlich und königlich*, ‘imperial e real’). Logo antes da chegada do nazismo, ele, cuja mulher era judia, teve que fugir e morar na Suíça, onde quase ficou na miséria. *Der Mann ohne Eigenschaften* é o título em alemão, o que faz com que alguns críticos achem melhor traduzir por *O Homem sem Características*. Acho que, no Brasil, fica melhor: *O Homem sem Peculiaridades* – que, aliás, é o que deve ser (não a pessoa do, mas) o analista enquanto ocupante do lugar da análise. Como exemplo, ouçam o que diz ele logo na primeira parte, item 8, do livro: “...sempre é falso explicar os fenômenos de um país pelo caráter dos seus habitantes. Pois um habitante tem no mínimo nove caracteres, o profissional, o nacional, o estatal, o de classe, o geográfico, o sexual, o consciente e o inconsciente e talvez ainda um caráter particular: reúne todos em si, mas eles o desagregam; na verdade, ele não passa de um pequeno canal banhado por todas essas pequenas correntes...”

Como sabem, gosto de roubar de François Laruelle a expressão Homem com’Um. Não é que cada um consiga ser constitucionalmente ele mesmo um Macunaíma ou um Ulrich, e sim que estas personalidades são a Pessoa com que cada um tem que lidar no Quarto Império: o esfacelamento e a pulverização de caracteres são tais que nos fazem lidar com sua resultante. Trata-se do Quarto Império, que começa a se impor no século XXI, mas cuja personalidade foi gestada no século XX, o qual foi a fábrica desse troço que só veio emergir agora. É ainda um infante esse personagem, mas promete um mundo todo novo. O que assusta as pessoas é a pulverização que o trecho de Musil que acabei de ler demonstra bem. Pessoa é um conjunto de formações e o conjunto das pessoas não dá mais para caracterizar uma situação ou um lugar. Seja para um país, uma situação de grupo, o que for, imaginemos vários conjuntos, cada um com cinco pessoas:



Se o primeiro conjunto for A, teremos dentro dele, A^1, A^2, \dots, A^5 . O mesmo para o conjunto B: B^1, \dots, B^5 – e assim por diante. Até muito recentemente, quando a situação era de separação, se viajássemos para um outro lugar, veríamos o conjunto dos hábitos e comportamentos das pessoas que lá habitavam definir o lugar. Por exemplo, quando era adolescente, saí do Sudeste e fui morar no Nordeste. Lá era outra coisa, o português era outro e as pessoas todas se pareciam na linguagem, no modo de comportamento, etc. Isto acabou. Imaginemos cada número 1 de A, B, C e D colocado junto, o mesmo para cada número 2, ..., 5. Qual será a resultante? Será sem característica. Mesmo que as pessoas não estejam se deslocando de suas habitações, a tecnologia, sobretudo a tecnologia de informação, está descaracterizando tudo. Não descaracteriza cada um, que tem sua característica sintomática, mas ao lidar com as pessoas, temos que lidar do ponto de vista da resultante, que é o que vemos.

Nos consultórios, tem-se escutado muito, principalmente das mulheres (os homens ainda não ligam muito para isso), a reclamação de que as pessoas não têm caráter, de que os homens saem, dormem com elas e, depois, não falam mais, nem telefonam. Reclamam... como se não fizessem o mesmo. O que não se está notando é que, do ponto de vista da vida social ou da vida clínica, por exemplo, não adianta olhar, pelo menos criticamente, cada uma das formações. Estamos lidando com um mundo que é um personagem assim

e é preciso tomar uma posição condizente com isso, pois as pessoas – cada um – também estão começando a entrar nesse tipo de modulação. Elas ainda são bem características, mas ao olhar para o conjunto, há que olhar do ponto de vista da resultante. O olhar tem que ser macunaímico. Ou seja, as próprias pessoas, cada uma, cada homem com 'Um, na lida com esse mundo, estão se tornando esse monte de fragmentos. Mário, ao descrever Macunaíma, descreve-o fragmentado, ou, pelo menos, em metamorfose. Musil também descreve um Ulrich despirocado para lá e para cá. Por outro lado, vemos atualmente alguém como Jacques-Alain Miller abominar o homem contemporâneo por este estar ficando sem qualidades. É justo o contrário. A resultante é sem especificidade, há que saber lidar *ad hoc* com cada situação, e cada um está ficando também assim.

Quando eu era muito jovem, a coisa mais terrível que se dizia de uma pessoa era ela ser sem caráter. Não existe falta de caráter, pois, no fundo, todos têm algum. Mas esse tal caráter está ficando muito fracionário – como é, na verdade: um conjunto de formações. Gosto de supor que Macunaíma, Ulrich, etc., são alegorias de uma resultante indiferenciada por excesso de diferença. No que o mundo contemporâneo permite o surgimento das diferenças, a coisa fica indiferenciada. Antigamente, não era permitida a diferença, o comportamento tinha que ser em bloco e as diferenças um pouco mais exacerbadas tinham que se calar ou fingir que não existiam. Eram uma coisa só para dentro. À medida que as diferenças vão podendo se dizer, o mundo fica indiferenciado. Trata-se, pois, de uma resultante indiferenciada porque as diferenças são extremas, múltiplas e podem se dizer. E quanto mais puderem se dizer, mais os personagens serão indiferenciados. Portanto, ao lidar com pessoas, não mais lidamos com caracteres claros, previsíveis e reconhecíveis.

● P – *É a isso que psicanalistas estão atualmente chamando de novas patologias, novos sintomas, novas formas do mal-estar?*

Nem é preciso fazer desenhos de novas patologias, pois é tudo *ad hoc*, tira-se a resultante em cada caso.

Os personagens antigos são alegorias e resultantes diferenciadas, claras. Macunaíma, Ulrich, etc., na primeira metade de século XX, estavam

se apresentando como futuríveis, mas os personagens com que estávamos acostumados a lidar na literatura ou no teatro eram personagens chamados assim porque caracterizados: o avarento, o orgulhoso, o estúpido, o burguês, o gênio, o misantropo. Íamos ver como Molière caracterizou o personagem *x* a partir de um caráter desenhado, claro, cuja resultante é ele mesmo.

● P – *E. M. Forster (1879-1970) chamava esses personagens bem desenhados de planos, flat characters. E contrapunha que, na literatura moderna, começaram a aparecer os round characters, personagens redondos, que não se enquadravam mais naquela formatação.*

E agora, mesmo tomando esses do começo do século XX, o que temos é o personagem estilizado. Vejam, por exemplo, os construídos por Michel Houellebecq. Ou seja, todos sabem que a tal personalidade previsível, reconhecível como caráter *x*, era uma forçação de barra externa: “Você *tem* que ser assim!” Quando se deixa a pessoa funcionar à vontade, o inconsciente fala as diferenças e as pessoas são nuvens, nefelibatas.

● P – *E os personagens de Shakespeare seriam o quê?*

Segundo Harold Bloom, foi Shakespeare quem inventou, se não o humanismo, pelo menos o homem, mas bem caracterizado: Falstaff, Hamlet, Ofélia são tipos. Ele apresenta uma psicologia do indivíduo em que Hamlet, por exemplo, é completamente diferente de outros, é um personagem inteiramente movimentado por uma série de conflitos, etc., mas a resultante de Hamlet é Hamlet. A resultante de Ulrich e de Macunaíma é o quê? Não é ninguém reconhecível, é uma *constelação*, como diz Mário de Andrade. O homem sem qualidades, ou sem peculiaridades, nasceu com o nome de Macunaíma no monte Roraima, a montanha sagrada da Amazônia. O monte Roraima brotou do chão alagadiço como o centro do paraíso dos índios Macuxi, lugar onde estava a árvore do fruto proibido, a banana. Ou seja, Macunaíma nasceu dando banana para todo mundo – gesto que repetimos, em 1985, naquele famoso Congresso da Traição Brasileira...

17. Mesmo que não lhe seja efetivamente possível ser um personagem desses – pois ninguém, com’Um, efetivamente é –, o analista, em seu lugar, tem

ao menos que imitar um homem sem peculiaridades. Isto, para poder lidar com o que vier, pois não sabe o que vem. É aí nesse lugar que uma série de conjecturas clínicas do passado recente cai por terra. Édipo é desenhado demais para que se escute alguém esperando encontrá-lo lá. Aliás, por que ele quer comer a mãe, e não a tia? Trata-se, pois, de ocupar o lugar do homem sem peculiaridades. Ele tem peculiaridades, sim, mas não essas genéricas desenhadas por algum autor. Não é Hamlet ou Édipo. Vai-se tentar buscar uma resultante de cada caso, com o analista indiferenciado de qualquer personagem conhecido.

Por exemplo, a idéia de *politicamente correto* – de se estar coibido da menor agressão à diferença – é burrinha, mas nasceu por ser compatível com a resultante indiferenciada de que estou falando. Antigamente, se fôssemos a uma festa na casa de um amigo, sabíamos que só eram convidadas pessoas com determinado desenho, capazes de estarem ali. Portanto, podíamos não ser corretos politicamente e falar mal daqueles do lado de fora, só não podíamos dizer dos que ali estavam. Hoje, se entramos num grupo, temos que ter cuidado, pois tem representante de todas as coisas. A idéia do politicamente correto é correta quando é o reconhecimento da resultante indiferenciada, mas não quando o pessoal exagera e a transforma em comportamento de camisa de força.

O que chamo de *cada um* é cada homem como Um, cada homem com'Um, isto é, cada IdioFormação. Como sabem, não quero mais utilizar categorias como indivíduo ou sujeito. Podemos fazer uma brincadeira e chamar esse *cada um* de *Idio* – ou, se não, de indígena – para substituir o arruinadíssimo indivíduo, uma vez que o Idio não é indivíduo. É claro que ele é *divíduo*, pois está submetido ao Vínculo Absoluto. O fato de ser uma formação que inclui o Revirão, e, portanto, a possibilidade de HiperDeterminação, torna cada um Um, absolutamente separado de todos os outros uns, uma singularidade. Mas o fato de haver o Vínculo Absoluto porque todos os uns são uns, torna não individual esse Um. Isto jamais entrará na cabeça de um aristotélico. Como as duas posições são assumíveis, não se trata de

individualismo, que é o reconhecimento de um enquanto um separado do outro. O homem com'Um – cada um, o Idio, o indígena, a IdioFormação – é absolutamente solitário, separado e singular, entretanto, no que está submetido à HiperDeterminação, entra em Vínculo Absoluto. Portanto, é Um, mas não é indivíduo: os dois lugares estão disponíveis para ele. Ele pode solicitar o compromisso com o outro, não na baixa extração das formações primárias e secundárias, mas na alta extração do Vínculo Absoluto. É a única maneira que vejo para pensar qualquer começo de possível ética na psicanálise. As éticas em vigor são de baixa vinculação. São comportamentos relativos a determinadas formações, sobretudo secundárias. Com essas, a psicanálise ou o analista não tem compromisso. Mas tem compromisso com a vinculação absoluta, através da qual pode negociar *ad hoc* com outras formações. Todas as éticas são falsas porque são políticas configuradas.

Mediante a HiperDeterminação e o Vínculo Absoluto, a IdioFormação se pulveriza, é qualquer um. Quando se faz referência ao Originário, qualquer Um é qualquer um. O Originário não tem espécie alguma de configuração. O que tem configuração é o Primário e o Secundário. O Originário é o único vínculo de que se pode lançar mão para tentar vincular outras coisas. Os outros são configurados, logo são falsos, meramente políticos. Portanto, não se pode tratar cada um como indivíduo. Quem faz isto é um pensamento político, sobretudo burguês, nascido no século XVII junto com o tal sujeito. Em seu nascimento, o *subjectum* quer dizer o específico de cada um, isso a que essa coisa se refere. Descartes diz “penso, logo sou”, se isto for o específico de cada um, já está errado, pois é uma imposição puramente da consciência, ou seja, está configurado como formações primárias e secundárias. Entendam a passagem do truque: o “penso logo sou”, dito por ele, é estatuto de consciência, que é algo que está sujo. De nada adianta Lacan fazer esforço para tornar o sujeito mero intervalo, pois, por não poder continuar mantendo a noção de intervalo, tem que indiciá-lo, e quando o indicia já o re-configura, se não, não estará falando com ninguém. Mas podemos falar com cada um, pois cada um tem a chance de referência à HiperDeterminação, embora sendo um

amontoado de formações com uma resultante que não temos como saber. Há que escutar o tempo todo. Do ponto de vista de haver Revirão, qualquer um é qualquer um – no sentido de *qualquer* –, tanto faz. E a postura do analista é receber o analisando como qualquer um – depois, vê-se que tem reconfigurações secundárias e primárias. Se houver alguma ética para a psicanálise, é a ética do qualquer um. Se fizer a suposição de que você não é um animal, você é qualquer um, você é Eu, e não um indivíduo.

● P – *Ao longo dos séculos XVIII e XIX houve uma convergência, de um lado, da vertente romântica em busca do caráter, por exemplo, de um povo, e, de outro, com o que parecia antitético, que é a emergência do que os historiadores chamam de individualismo burguês...*

Não acho esses dois lados incongruentes. O indivíduo é absolutamente romântico, é típico do romantismo.

● P – Werther, *por exemplo, é um indivíduo...*

Ele é um indivíduo tão caracterizado quanto uma nação. É típico do romantismo, sobretudo, quando se é gênio, exacerbar essa individualidade ao extremo. Tudo se permite ao gênio porque ele é um indivíduo excepcional. Quanto a mim, quero que o gênio se dane, acho-o muito folgado. Vejam que eles tomam países, povos, nações, indivíduos, grupos e começam a desenhar. É o auge da caracterologia. É uma expressão do Terceiro Império, com grandes arroubos cristãos.

● P – *Mas é, sobretudo, agnóstico. À medida que se privilegiam poderes e caracteres, não se dá espaço para a emergência do que você está chamando singularidade, a qual depende estritamente de um percurso que só ela, a singularidade, poderá fazer, pois é irreduzível a qualquer caracterologia. Ao percorrê-lo, ela descobre que caminho só há um, que é o caminho que todo singular percorre – já isto não é agnóstico, e sim gnóstico, da ordem da gnose.*

O romantismo é agnóstico no sentido de não produzir singulares, e sim indivíduos, gênios individuais. Nada tenho contra o gênio, desde que esteja claro que gênio é algo que cai sobre alguém se sua cabeça estiver des-

prevenida o suficiente. Portanto, gênio não é alguém, ele é do Haver. Como as pessoas têm a cabeça muito prevenida, raramente cai lá.

● P – *Esta é uma posição analítica para considerarmos nossa contemporaneidade, pois carregamos sintomas de cepa romântica, atribuímos genialidade, caracterologia, modelos no trato com as pessoas, com os sintomas em vários níveis.*

Donde o marxismo é romântico. Ele quer dissolver a classe, mas através da imposição ditatorial da classe.

Vamos à prática AmaZônica. Um exemplo: é possível fazer o aproveitamento de uma recomendação terapêutica TCC (terapia cognitivo-comportamental) *depois* do entendimento do sintoma pela via psicanalítica. Isto porque sintoma algum decai apenas por informação e reconhecimento. Freud, no começo, pensava que fosse assim, mas, depois, viu que não. A nova abordagem e o novo tratamento pelo analisando de seu sintoma, baseado na informação criada pelo analista e no reconhecimento, por parte do analisando, é que pode reduzir o sintoma e torná-lo administrável. Portanto, se essas terapias descobrem que determinada técnica serve como estratégia, tomo-a para mim. O errado nelas é não haver o entendimento, mas só a estratégia de convencimento. Poderemos usar essas técnicas porque, primeiro, abordaremos o não-reconhecível de imediato, que é a resultante, para saber até onde aplicar certos estratagemas.

18. Vejam esta escultura que comprei numa exposição de artesanato da África. Ela é feita num bloco único de madeira e é um nó borromeano. Nó este que posso continuar a usar, pois, com ou sem o aproveitamento de Lacan, é espantosamente inteligente. Então, chamarei esta escultura de *Saníssima Trindade*: Primário, Secundário e Originário – que são, aliás, os referentes da produção dos Cinco Impérios. Espanta-me ver como uma tribo africana, relativamente ignara das mutretas ocidentais, pôde cavar num toco único uma escultura com essa lógica.



Foto: Isadora Dantas

A amarração fundamental que estatui cada um é: Primário, Secundário e Originário – sendo que o Originário não tem especificação, jamais terá, é o mesmo em qualquer um. Onde o Vínculo Absoluto. A personalidade, o caráter, essas coisas, românticas ou não, são de caráter primário e secundário, e não de caráter Originário. E o que há para saber é o Originário e suas decorrências como Secundário, apesar do Primário – isto é gnóstico. Ou seja, apesar da resistência do Primário, o Originário consegue criar algum furo ao fazer um Secundário que tem proliferação possível. Se separamos os três, teremos um animal, um bicho primário, pois o Secundário sozinho não existe.

Há que entender muito bem a qualificação de certos termos em relação aos Impérios. Por exemplo, Opai do filho da mãe, do Segundo Império, não é o mesmo e é radicalmente outra composição que o pai d'Ofilho do pai, do Terceiro Império. Assim como não adianta procurar nenhum pai d'Oespírito, do Quarto Império, pois podemos chamar a função que existe em seu interior – como se diz função f de x no computador ou no telefone celular – de *função disjuntiva*. É uma função separadora, distintiva, ordenadora, sem necessidade

de pai algum. Ou seja, não é preciso arrastar esse nome do Terceiro Império para o Quarto, pois o do Terceiro já não é o do Segundo, é outra invenção, só guardaram o nome a partir da tal família, que é um dos pecados capitais que citei no começo. Do mesmo modo, as mulheres do Quarto Império são cada vez mais Icamiabas, as Amazonas, mulheres sem marido que penduram um muiraquitã no pescoço dos homens quando querem que as fertilizem. É o mesmo que comprar um espermatozóide e levar para o laboratório, se for o caso. Isto é interessante na mitologia brasileira, pois, para elas, homem *não* – e em lugar algum se diz que sejam lésbicas necessariamente.

A forclusão do Papai Noel não produz psicótico algum, mesmo quando o mau funcionamento da função disjuntiva promova uma bagunça psíquica. O que chamei de função disjuntiva, diferentemente do que querem chamar de Nome do Pai, nada tem a ver com pai, é mera função disjuntiva exercível por qualquer discurso. E mesmo quando isso funciona mal o que acontece é um porra-doida, um bagunçado, e não psicose, a qual, em nosso caso, funciona de outra maneira, por HiperRecalque. O espírito de que se trata no Quarto Império não é o mero simbólico de Lacan, e sim o Secundário, reconhecido como paradigma de todas as formações inclusive as primárias. Algo como o princípio de equivalência computacional de Stephen Wolfram. É tratar todas as formações como constituídas, em última instância, de unidades de informação. Ou seja, é o Secundário reconhecido como paradigma de todas as formações, inclusive as primárias. O Simbólico, em Lacan, é heterogêneo ao Imaginário e ao Real. Já o Secundário é homogêneo ao Primário, mesmo apesar de nossa ignorância. O ponto *parti-pris* é homogêneo e o modelo de observação é o Secundário, pois o Primário não nos dá de imediato esse modelo.

● *P – E o Real não opera por falta estruturante, ele é puro esteio que torna possível a equivalência dos valores contida nas unidades de informação, que é o Secundário como paradigma do Primário?*

Sim. Ouçam outra frase brilhante de Robert Musil (primeira parte, item 4, de *O Homem sem Qualidades*): “Se existe senso de realidade (...), tem

de haver também algo que se pode chamar senso de possibilidade”. Este é o sentido da catoptria plena. Por isso, o que é disjuntivo é a quebra de simetria, e não a função catóptrica. Esta é homogeneizante, eternamente reverberante e rebarbativa. Ela encontra um limite que é o Impossível, mas não é ela que faz a quebra. Ao contrário, ela exige todos os avessos, é a função de todos os possíveis. É, pois, o senso de possibilidade a que se refere Musil que é reconhecível através do conhecimento do essencial – e isto é gnóstico.

● P – *A ascese, que é a análise, torna possível justamente entender que sempre há possibilidades. O secundário é o campo das possibilidades...*

...mediante HiperDeterminação. Isto, apesar do Impossível, que nem faço idéia de como possa ser até como impossível. Ou seja, tirado o impossível, tudo é possível. É simples, não é? Se fosse mesmo inviável, seria impossível e ninguém ficaria reclamando. Não se reclama disso, e sim de se ser boboca.

● P – *Nesse sentido, as chamadas patologias, as morfozes de uma IdioFormação, são funções prejudicadas do entendimento de que tudo é possível?*

Sim. Note que pensar assim vai na contramão do *status quo* do mundo contemporâneo.

O aproveitamento da cadeia borromeana para descrever a transa entre Primário, Secundário e Originário não me leva a fazer algo que Lacan fez e que acho errado. Projetou o nó em duas dimensões e depois tratou os toros como círculos de Euler, que são elementos da teoria dos conjuntos, ou seja, rodinhas ou qualquer forma sobre um plano que arrolam um conjunto. Ele o projeta como nó, um por cima e outro por baixo, mas, depois, separa em imaginário, real e simbólico, trata-os como conjuntos. Deu um salto que não sei se é permitido nem na matemática. Não se pode tratar um nó como círculo de Euler, pois teoria dos conjuntos não é topologia.

● P – *O que homogeneíza o campo?*

O reconhecimento de que o Secundário, produzido pela vigência do Originário, é capaz de ser modelo das formações, mesmo as primárias. O Primário é que veio a produzir, em seu seio, o Originário e, por isso, o Secundário. Parto

do princípio de que tudo é homogêneo, tudo é abordável pela via do Secundário. Se seguirmos historicamente, temos que, de dentro do Primário, brotou o Originário, que vira causa de Secundário. Uma vez que isto está instalado, nossa especificidade é o Originário, embora ele não viva sem o resto. O que é diferente nas IdioFormações é o Originário. Há sempre que levar em conta que, no futuro, pode ser possível produzir um computador que seja uma IdioFormação. Não se trata, portanto, de humanos e muito menos de humanismo.

● P – *Se usamos o nó borromeano para falar de Primário, Secundário e Originário, não é por não poderem ser separados?*

Depois que o aparelhinho está montado, se separar Primário, Secundário e Originário, acabou. Então, se no futuro, seja lá o tempo que for, à revelia do conhecimento – como, aliás, a espécie humana se deu à revelia do biológico –, de tanto mexer para lá e para cá, aparecer um computador IdioFormação, seu Originário e seu Secundário serão o mesmo que o nosso, mas seu Primário será completamente diferente. E necessariamente surgirá outro racismo. Observem que o computador contemporâneo é disjunto. Consegue-se fazer um Primário para ele com um Secundário imitado do nosso, mas não brotado do Originário. Quando dizem que não conseguem produzir um computador inteligente como esta nossa espécie – e talvez não se consiga nunca –, é por pensarem que é o saber do Secundário que o produzirá. Não será. Será um acontecimento de Originário que produzirá o Secundário novo, seja lá o que isto for. Eis senão quando, de tanto mexer, vira Revirão. Coisa que, aliás, pode acontecer com qualquer espécie animal. Por que as espécies estão paralisadas? Algo aconteceu que as paralisou. Já pensaram num leão sentado aqui conversando conosco?

Tomemos, de novo, o que estou denominando AmaZônica, ou seja, comermos os saberes de toda gente. Há um negócio chamado PsicoNeuroImunologia, que dizem ser uma ciência nova, mas que é simplesmente um campo de futrica intelectual. Escolhe-se um paciente que tem que tomar uma droga com efeitos colaterais muito pesados e a associam a um excipiente qualquer reconhecível por ele. A droga é, por exemplo, associada a um gosto e um chei-

ro inócuos. Ele vai tomando a droga e, depois de algum tempo, sem avisá-lo, lhe dão metade dos comprimidos com a droga, o gosto e o cheiro, e metade só com o gosto e o cheiro. Verificam que faz o mesmo efeito. É diferente do placebo, que é estritamente psicológico, pois convence-se o outro de que está tomando o remédio. Portanto, deve haver uns cinquenta por cento de histeria em jogo aí. Na PsicoNeuroImunologia, a pessoa realmente tem a doença e toma o remédio para aquela doença. O remédio tem um efeito colateral muito forte e vem num excipiente – que é aquilo que conduz o remédio – com uma denotação clara de gosto e cheiro. Depois de tomar durante um tempo, retira-se metade das cápsulas e põe-se apenas o excipiente – e funciona igual. Quem foi tapeado? A célula. Ela começa a reagir ao remédio sem o remédio. Ela guarda a memória do remédio e começa a funcionar como quem está tomando todo o remédio. Isto é intervenção direta, mediante o Secundário, no Primário, na célula, e não um convencimento psíquico, um movimento cerebral ajudando a pessoa, que, aliás, não sabe de nada. Estão todos boquiabertos com o fato de a célula responder e a pessoa ficar curada como se tivesse tomado a mesma quantidade de remédio. Vejam que o Primário é bem mais Secundário do que se pensava. Se não o fosse, como iria evoluir? Se houvesse psicossomática, seria isto. Não há intervenção no psiquismo do paciente, e sim no “psiquismo” do laboratório: o Secundário maneja lá, não avisa ao Secundário de cá e enfia no Primário de cá, o qual reage bem, deixa-se “enganar”. Nosso campo imunológico é extremamente afetável por relações psíquicas e enganações. Onde a frase mais definitiva desta espécie: “Me engana que eu gosto”.

29/ABR

19. No que diz respeito à psicanálise como AmaZonas, acontece um fenômeno engraçado. O rio Amazonas é constituído por uma série grande de afluentes que nele desaguam – e ele tenta desaguar no mar, apesar da pororoca. Essas águas são as que evaporam e retornam como chuva refazendo o ciclo. Então,

ao contrário de Heráclito, estamos todos nos banhando nas mesmas águas do mesmo rio – isto em relação à psicanálise e ao que veio depois dela. O mais importante em Freud talvez tenha sido AmaZonar o campo. Por um lado, acolhe todo o anterior na mesma bacia. Tudo que havia disponível no campo psi – as psicologias, psiquiatrias, neurologias e fisiologias a respeito do que pudesse estar no psiquismo –, ele recolheu para dentro da psicanálise. Considerou todos esses aspectos, suas influências e até os futuríveis como, por exemplo, a possibilidade de uma neurologia mais precisa modificar o psiquismo diretamente. Por outro, reutiliza a água evaporada dessa bacia e há uma redistribuição. É do que precisamos nos lembrar ao vermos a situação grotesca em que ditos psicanalistas deixaram a psicanálise cair diante das supostas novas ciências relativas ao psiquismo. Se prestarem atenção, verão que todas as atuais manifestações – terapias, neurociências, ciências cognitivas, etc. – estavam metidas no pensamento de Freud. O que fizeram foi recolher, tomar pequenos detalhes e de cada um deles fazer um campo separado, como se o conseguissem. Isto é farsante, pois o campo precisa funcionar por inteiro, com todas as possibilidades. Neste sentido é que digo que a psicanálise é capaz ainda, e será sempre, de acolher todas essas manifestações que apenas foram retiradas como partes dela.

As pessoas têm ciúme e inveja de Freud. Se foi a ele que coube a sorte de estar aparelhado no lugar e na hora certas, isto não pode deixar de, a todos nós, causar alguma inveja. Só que agora é tarde e temos que nos conformar com epigonidades. Podemos fazer reformatações, re-inclusões, etc., mas, até segunda ordem que de fato tenha validade, não se pode, mediante qualquer ideiazinha cognitiva ou neurológica, abolir o que lá aconteceu. Trata-se, lá, do campo inteiro. As ditas novas ciências não são mais do que contribuições ao campo – e devem ser acolhidas, na medida em que não queiram estropiá-lo. Com muita frequência, elas se dão ao trabalho de tentar fazer isto, sem se darem conta de que uma prática cognitivo-comportamental, por exemplo, isoladamente, é uma besteira. Incluída no campo, pode ser capaz de eficácia. Qual a diferença entre isolamento e enquadramento do campo? No isolamento, criam pequenas técnicas para atacar o sintoma de frente na base de receitas de

comportamento, de re-mentalização, etc., para que o sintoma seja dominado e extirpado. Isto pode ser eficaz desde que, antes, se tenha reconhecido o lugar que o sintoma ocupa na história individual, suas conexões conscientes e inconscientes, etc. Não que se vá, só pelo esclarecimento – o que é uma crendice de psicanalista ignorante –, eliminá-lo ou suspendê-lo. Vai-se ter uma noção clara de seu funcionamento e poder-se-á, eventualmente, na guerra contra ele, tomar estratégias do tipo das propostas por essas técnicas. É isto, aliás, que vemos Freud fazer: insistir em peitar o sintoma depois de esclarecido para exigir que a resistência vá embora.

Entendam bem a diferença. Uma coisa, é a tática de enfrentamento direto do sintoma sem reconhecimento de sua situação. Outra, é usar a mesma tática com esse reconhecimento. Sem reconhecimento, atacam-se primeiro os efeitos e tiques perdendo a possibilidade de, após a compreensão, poder atacar o sintoma em sua situação. Como disse, o próprio Freud, *depois* de bastante análise de alguém que se situava sintomaticamente, começava a brigar com a resistência através dos mais diversos modos de enfrentamento. É preciso, portanto, recusar essas terapias e técnicas no que são falsas por incompetência de reconhecimento da situação do sintoma, mas, dentro do reconhecimento da situação do sintoma, podemos usá-las todas. Até alguma química é utilizável. Podemos enviar a pessoa ao psiquiatra para tomar remédio e suspender um pouco uma situação, mas o princípio de organização da cura é o princípio analítico. E mais, se tomarmos a armação cognitivista do ponto de vista da razão computacional, veremos que não pode ser tomada sem considerar todos os links e conexões das formações em jogo. Como jogam metade dos links no lixo e abordam determinado chip, isso não adianta muito. Pelo contrário, há que brigar com determinada formação em tal chip, mas articulando com as demais conexões. Esta é a crítica fundamental que temos a fazer às ciências cognitivas.

• P – *Ao utilizar o termo campo, você está dizendo que, ao se destacar uma técnica deste campo, ela deixa de ter eficácia analítica?*

Se é que não deixa de ter eficácia *tout court*. O campo freudiano é aquele que comporta a teoria a respeito de algo que foi abordado por todos os

flancos. Portanto, saibam que a balela que está aí no mundo vai passar. Se a terapia deles de enfrentamento direto do sintoma é breve, a eficácia também o é, tem vigor por pouco tempo, pois o sintoma reaparecerá. Se, em análise, que é mais abrangente, o retorno do sintoma é coisa das mais constantes, imagine com uma terapia idiota dessas. Como vêem, minha tese não é debater-se contra eles, e sim assimilá-los como apenas um pedaço, uma partezinha, de nossa história, de nosso campo. E estimamos que se desenvolvam bastante, pois também ajudam em nosso trabalho, mas não com a pobreza que têm apresentado. Peço que estudem bem essas áreas para verem com que clareza fica exposta a situação deles de imensa inadimplência, de falta de recursos. Pautam-se, por exemplo, pela possibilidade de intervenção imediata no nível do cérebro, mas não sabem quase nada a respeito. O que há nos enormes volumes publicados é apenas uma promessa, sempre jogada para a frente, de que um dia acharão a solução. Por favor, achem e nos mandem depressa!

20. Aconteceu com Freud, desde 1900 pelo menos até sua morte em 1939, o que veio acontecer na segunda metade do século XX com a obra de Marcel Duchamp, que sempre retomo. Não pensem que Duchamp é propriedade exclusiva das artes plásticas só porque desenvolveu muita coisa material e figural que se pode colocar em museu, pois seu campo é abrangente. Basta ler suas anotações e textos para ver isto. Coisa que as pessoas em geral não fazem, ficam olhando para figurinhas. Ele, após passar por uma crise diante da situação de seu momento, em que toda e qualquer possibilidade de criação, ou seja, de instaurar qualquer novo, parecia ter acabado, acolhe tudo que havia, desde a pintura de cavalete até a manifestação popular mais aparentemente inócua ou sem prestígio, e arruma tudo num campo. Não deu nome, como Freud deu para a psicanálise, mas arma de tal maneira que, desde sua obra até hoje, não existe produção alguma no campo das artes – plásticas, sobretudo – que já não esteja lá dentro. Não adianta o pessoal estrebuchar e pensar que está fazendo criação, pois não está. Há, sim, desenvolvimentos de projetos, que nele são os mais diversos, uma quantidade enorme de coisas. Surgiram vários movi-

mentos – pop art, minimalismo, performance, instalação, vídeo art, cada um com um nome –, mas tudo já está lá. As pessoas estão apenas repetindo o ato de criação de Duchamp, que, repito, foi capaz de acolher todas as formações de produção do campo das artes. Ou seja, não adianta ficar com inveja, pois, como Freud, ele deu a sorte de estar com a cabeça certa na hora e na situação certas: foi ali que brotou.

Não posso incluir o cinema no que vou dizer, pois este tem uma vertente própria que pode dar frutos, mas as artes plásticas em geral, sobretudo elas, sofreram uma reversão por causa da obra de Duchamp. Ela foi de tal maneira criativa, AmaZônica, como a psicanálise, que fez com que essas artes fizessem o quê? Começassem a funcionar exatamente como a filosofia. Anteriormente, o que caracterizava a emergência de uma criação no campo da arte era ser precursora, ou seja, era um fato novo com o qual não se sabia o que fazer. De preferência, achincalhava-se, jogava-se pedra nele – até ser assimilado e alguma teoria começar a tentar dar conta. Teoria esta geralmente informada pela filosofia – a *Regina Scientiarum*, Rainha das Ciências da época –, a qual simplesmente tentava dar conta de um fato novo, do que foi o ato de criação do artista. A reversão, então, foi que, depois que houve a massa de AmaZonização do campo, sobretudo com Duchamp, os artistas começaram a fazer o mesmo que os filósofos. A filosofia não pensa, ela mastiga, ruma algum fato novo, algum ato criativo que surge no mundo. Nunca houve filosofia criadora, ela é sempre hermenêutica. Diante de um fato novo, seja histórico, no sentido mais genérico – no campo da política, das artes, etc. –, a filosofia chega como dona do pedaço e diz que vai explicar, situar e fazer sua hierarquia. Mas o que faz é começar a *se* produzir a partir do fato novo, que ela *não* tem. Tem muito pouca arte na história da filosofia. E com as artes aconteceu o mesmo: entraram num beco sem saída, pois o que quer que fosse feito, não era precursor, já estava lá. Os artistas viraram comentaristas, explicadores, ou seja, passaram da poesia à didática. O mundo, o sistema que segura a produção artística, finge que isto não aconteceu senão seu tapete é puxado. Então, continuam o mercado, os museus, as galerias, tudo funcionando como se fosse o que sempre houve. Pode até voltar a ser, mas não é.

Quanto a mim, estou criando algo novo? Não, estou reformatando e atualizando. Não há que fingir que já não estivesse em Freud. Estou, sim, deslocando de uma maneira que talvez raramente aconteça. Tomem as ciências cognitivas e comparem com as formações vindas da psicanálise; tomem as artes e comparem com a produção radical de Duchamp; e verão que vivemos uma época em que temos que perguntar onde está a poesia, ou seja, onde está a criação, o artista. O que está nas galerias não é o artista, e sim o artesão. Tomem Joseph Beuys (1921-1986), por exemplo, e verão uma porção de coisas interessantíssimas – todas referidas estritamente a seu ego, como é costume acontecer com artistas. Lá só tem sua vida: a obra é uma espécie de papel higiênico usado – o que é normal, aliás. Mas a centelha de tudo que ele fez está em Duchamp.

● P – *A distinção que você faz entre criação e criatividade diz respeito a isto? A criação como da ordem do evento, do ato poético, do momento instaurador que vemos em Freud ou em Duchamp.*

Depois, pode-se ter uma criatividade que é próxima da artesanaria, mas não é o poético.

● P – *O difícil é inaugurar o campo...*

E não adianta se esforçar para isto, pois vai-se fazer cocô nas calças de tanto esforço. Tem que lhe cair na cabeça...

● P – *...e uma vez que isso cai, os outros se aproveitam do campo para ir contra o que foi inaugurado, não avaliando a grandeza da contribuição do que podem trazer em continuidade.*

Às vezes, até estão indo a favor, mas, por uma questão egóica, querem ser tão importantes quanto o que foi inaugurado. Isto ocorre nas mais diversas situações. Acontece a alguém, cai-lhe na cabeça inaugurar um campo e ele nada pode fazer quanto a isto. Se outro quer participar do campo, que o desenvolva, seja um bom artesão, mas há a burrice, sobretudo ocidental, de atribuir autoridade à autoria. Autoria não tem autoridade. Esta é um artifício externo.

● P – *O entendimento de pertencer a um campo é o de pertencer a uma família, haver uma filiação, quando, na verdade, não se trata de filiação.*

É companheirismo. Dizem que Freud é o pai da psicanálise. Que coisa mais grotesca. Ou somos *companheiros* dele, ou não somos nada.

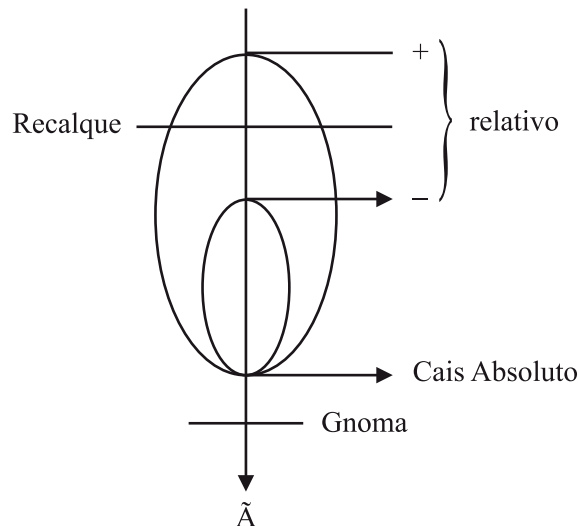
21. A produção cultural, de bastante tempo para cá, está não poética. Simplesmente, é criatividade em cima do que já se conseguiu – o que nos faz atribuir enorme força aos grandes criadores anteriores: Shakespeare, Cervantes, Duchamp... O culto dessas figuras hoje se deve a que, depois deles, não houve quase nada. O mesmo acontece em relação ao retorno às formações religiosas antigas, pois o mundo contemporâneo não diz quase nada, ou não está conseguindo dizer muito a esse respeito. Isto, apesar de a revolução religiosa, se quisermos chamar assim, estar em Freud, mas jamais aconteceu uma cultura freudiana, como há uma cultura cristã ou cristiana. Temos emergências de pensamento freudiano ou psicanalítico nas artes, mas ainda não aconteceu de alguma cultura se tornar freudiana. E acho que precisa acontecer, pois é a saída para a joça em que estamos. Saída para as artes, saída contra as religiões pregressas, saída para tudo. É uma revolução cultural, que não é marxista do tipo Mao Tse-tung, pois o pensamento marxista faz parte da mesma bobagem da filosofia. Como as ciências cognitivas, filosofia alguma é de se jogar fora, tem coisas para aproveitarmos, mas não passa de comentário a um fato dado, e isto não muda a cultura. A promessa de Marx era parar de pensar o mundo e começar a transformá-lo. Ele não tem força para isto por ser uma filosofia. Já uma religião tem essa força por não ser um comentário, e sim a luta de um princípio de criação. Uma religião no passado foi isso e conseguiu instaurar uma cultura. A psicanálise tem essa força? Tem, mas não conseguiu porque os analistas são vendidos.

Não temos uma cultura filosófica instalada, e sim uma dominação, um apoderamento, uma autoridade filosófica. A cultura filosófica não cola. Há, sim, uma cultura cristã ou islâmica. A filosofia é pederástica, ou seja, é pedante, pedagoga, pedófila. É a cabeça do mestre, do professor, que pega as criancinhas e diz: “Tal coisa é assim-assim”. Mas quem disse que é? Por quê? E se colocarmos todos os filósofos juntos, veremos que cada um diz um assim-assim e

fica brigando para que o assim-assim dominante seja o seu. A psicanálise não é filosofia. Ela tem mais a força do que é da ordem da religião, embora não o seja e nunca tentasse ser, pois a religião toma essa força e busca transformá-la em aparelho de dominação das mentes. A psicanálise faz o contrário. Então, embora tendo essa força, como disse, os analistas são vendidos à filosofia, à religião, etc., e não entram num modo de cultura psicanalítico para nele ficar. Fazem todo tipo de concessão para conseguir o mercado. Daí vermos analista marxista, cristão, judeu... Isto não é compatível com a psicanálise. Não há rigor entre os analistas de serem estritamente analistas. Eles tomam carona, e não entram no campo. Os filósofos não são vendidos, eles são o Estado. São aqueles que explicam, constituem, encorpam, dão razão ao Estado. São razão de Estado. Basta ver o que qualquer filósofo pensa de como *deve* ser o Estado. Por que digo que Platão é meio bundão? Não o é inteiramente por ser inteligente, criativo, grande escritor e capaz até de resultar num neoplatonismo menos careta do que o que ele próprio fez. Mas é, sobretudo, bundão por declarar, n’*A República*, seu pavor à poesia. Ele monta uma república tão direitinha, e aí vêm os poetas e estragam tudo. É preciso entender isto ou saltar fora do campo. Como não entendem ou assumem o lugar onde estão, pensam que dá para fazer um *pot-pourri*, tipo samba do miolo doido, de psicanálise com cristianismo, etc. Não dá, pois não é a mesma coisa. É preciso entender até para dizer que não quer a psicanálise e quer ser filósofo, por exemplo. Há até certa moda por aí de deixar a psicanálise para estudar Derrida – o que é um retrocesso enorme.

O pensamento científico e o pensamento filosófico – que acabam sendo parceiros através da tal epistemologia – não podiam não cair num processo de extrema, geral e exclusiva relatividade. As filosofias e as ciências são escolhas de pensar a partir não de uma experiência, mas de uma colocação prévia, de um dizer a respeito da realidade. Logo, são relativas: cada uma diz o que quer e todas são válidas. Por que as pessoas estão em pânico no mundo contemporâneo? Os que procuram algum absoluto, procuram-no na velha guarda das religiões com aquela baboseira que não dá mais para engolir, sobretudo no Ocidente. Já o pensamento búdico – e não o budismo instalado como igreja – é mais aberto, diferente dos pen-

samentos do Livro (judeu, cristão e muçulmano) em que se reclama um absoluto, mas que é anedótico, mítico, fundado por uma religião. Ou seja, é uma mitologia religiosa. A psicanálise não pode não reconhecer a relatividade de tudo que está abaixo do Cais Absoluto. Então, depois de quererem provar que tudo é relativo, sobretudo depois do pensamento relativista da física, a psicanálise vem dizer algo que parece um absurdo hoje, que **há absolutos**. Nenhum pensamento – fora os religiosos, com seus “absolutos” ridículos porque míticos – fala em absolutos. **E cá estamos nós falando de três absolutos, referidos ao mesmo Absoluto:**



Temos o *Impossível Absoluto* (\tilde{A}); o *Cais Absoluto*, à beira do Impossível Absoluto; e o *Vínculo Absoluto* de todas as *IdioFormações*, que, como sabem, defini como sendo aquelas que comportam o Revirão, o qual pode estar nelas obscurecido, esquecido, mas, por lá estar, faz com que tenham um assento possível no Cais Absoluto diante do Impossível Absoluto. Ou seja, a possibilidade de cada *IdioFormação* assentar-se no Cais Absoluto produz o Vínculo Absoluto entre todas as *IdioFormações*.

Portanto, a referência nuclear, própria, da psicanálise não é o relativismo das Formações do Haver, e sim o Absoluto do Cais. Não é um Absoluto

escolhido por mitologia religiosa ou decisão vinda de fora, e sim um Absoluto de experiência de cada Um como a de Todos. A porrada do Haver é uma experiência que só se tem no Absoluto. É o que François Laruelle chama de homem com'Um e que prefiro dizer que é a IdioFormação com'Um. Cada um é cada um, é um unitário, e não um indivíduo. Não se trata, pois, de individualismo, e sim do unitário, do absolutamente sozinho. Quem, logo de saída, viu isto com clareza foi o velho Sig, que falou em *Hilflosigkeit* (desamparo), em *Unbehagen* (mal-estar)... Vejam que ele é absolutamente não-filosófico e nos deixou coisas essenciais como: pulsão de morte, derrelição, mal-estar no Haver... Todas são função do reconhecimento de unitariedade da porrada do Haver. É dessa experiência que a psicanálise parte. Não é algo que alguém toma decisão para saber se é o fundamento. Trata-se de que *é assim* na vida: entramos nela na porrada e é horrível estar aqui. A psicanálise não promete a felicidade, pois não decidiu o que seja isto. Ela promete que, se você lembrar, fizer a anamnese desse seu lugar originário, ficará em menor mal-estar. Não que o mal-estar vá diminuir, e sim que você vai considerá-lo menor: o mal-estar é menor do que Eu. É isto que chamo de experiência do Um. Há, então, para a psicanálise, uma relatividade geral das formações do Haver. Entretanto, o que lhe é próprio é sua razão absoluta e sua referência ao absoluto – Cais, Vínculo e Impossível Absolutos – para além de toda relatividade que vige aquém do Cais.

Do Cais Absoluto para trás, tudo se relativiza. Só podemos lidar com esse relativo no nível do Absoluto se tomarmos o lugar das referências absolutas. O que é difícil, pois as pessoas preferem ficar perdidas no mundo do relativismo lendo livros de auto-ajuda. É preciso entender que, do ponto de vista que pretendemos habitar, isto é revoltante, pois, apesar do Vínculo Absoluto, estamos tratando com inimigos, sobretudo os íntimos. Inimigo, não é só alguém nos odiar pessoalmente, é mais alguém, metido em nosso campo, pensar com a cabeça de outro campo. A vigência do Vínculo Absoluto, seu reconhecimento, é a única coisa que pode me inspirar respeito, até pelo pensamento dos inimigos. Laruelle diz que se trata de um pensamento de paz, que a paz pode ser introduzida no mundo pela referência ao (seu) Um. Ou seja, em meus termos, que a

vinculação absoluta traria paz. Por exemplo, reconheceríamos esta vinculação quando digo que o que quer que se diga é da ordem do conhecimento. Mas como isto não é mera democracia, e sim hiper-democrático, **diferocrático**, como chamo, vejo certa ingenuidade nele ao colocar assim, pois, para termos isto, é preciso que cada um reconheça e ocupe seu lugar no Vínculo Absoluto, coisa que, em geral, não se faz. Basta ver que o próprio campo da psicanálise, que seria propício a este reconhecimento, é infectado de todo tipo de relativismo como referência. O relativismo como existência é aceitável, mas nossa referência não pode ser relativa.

Se há uma ética possível para a psicanálise, é a partir do Vínculo Absoluto. As demais éticas são estritamente políticas, pois cada um diz o que acha, e não parte da experiência terrível de que é absolutamente solitário, unitário, separado de todos os outros, em derrelição, mal-estar, etc., e que é por aí que nos vinculamos. É preciso, sim, ter respeito ao horror de cada um. Todos vivem no horror, mas, para fingir que não, fazem auto-ajuda. Para nós, trata-se de respeitar o que chamo de **solitariedades**. E como não dá para ficar na mera referência aos absolutos, temos que estabelecer estratégias para deslocar aqueles que não se lembram dessa possibilidade. A referência da psicanálise é essa, mas o trabalho do psicanalista não pode ser simplesmente apontar para os absolutos, pois as pessoas não estão nem aí, não enxergam. As manobras em análise têm que ser operadas pelo **Revirão**, pois o relativismo é entre coisas diferentes, e não um relativismo interno. Como podemos ver no desenho acima, existe a condição de Recalque: ao se escolher um lado, por exemplo (+), o outro (-) fica como morto e junto com ele desaparece o Cais Absoluto. Vejam, então, que nem aí do ponto de vista do relativismo menor se relativiza algo, pois a pessoa fica estúpida, achando que a opinião segundo a qual vive é a certa e o resto está todo errado. Trata-se de tentar curá-la de sua imbecilidade, mas sabendo que, se está com o Cais Absoluto recalcado, jamais se lembra dele. Por que a experiência do Revirão? Por que o reviramento, a dialetização do relativo em análise? Para indiferenciar e, de tanto indiferenciar, espera-se que, no período da indiferenciação, a pessoa perca as estribeiras e, talvez, enxergue o Absoluto.

Esta é a técnica. Vejam que é simples, mas quando temos em análise um neo-“animal” – que não é apenas do Primário, mas também da neo-etologia –, ou seja, aquele que só tem um lado, uma opinião, se lhe apontarmos os absolutos, ele morrerá de rir ou fará o que se faz hoje: corre para uma religião.

Voltando à questão do Recalque, no caso do pensamento chinês, vemos que ele joga na alternância dos alelos sem empurrar para o Cais Absoluto. Então, se o pensamento ocidental recalca, o oriental evita o recalque por produzir, em algum lugar, um recalque que é o de sua cultura contra a outra cultura. Por isso, não posso concordar com François Jullien e tampouco com o pessoal – que é mais próximo de nós – da Gnose. Gilles Grelet, por exemplo, que publicou o livro *Théorie-rébellion* (cf. item 13, acima), que já mencionei aqui, fica brandindo o Oriente contra o Ocidente, mais ou menos como Jullien, embora seu Oriente seja o do muçulmano, e não o do chinês. Diz ele que, quando o muçulmano tem a atitude, que parece desprendida, de enfrentar a morte por uma razão em que aposta, ele é uma pessoa que estaria no Cais Absoluto e pensaria: “A vida não é mais importante do que a minha posição”. Temos que respeitar isto, pois o que é mais terrorista: derrubar as torres gêmeas ou construí-las? O que é mais autoritário? Mais fanatismo? Menciono isto para lembrar que não podemos pensar de um lado só. Mas Gilles Grelet toma o partido de que o pensamento gnóstico que ele põe – e a psicanálise, em nosso caso – teria que tornar-se oriental. Não tem. É preciso, sim, abrir também para o Oriente e tomar o Cais Absoluto como referência, e não apenas tornar-se o outro lado do Ocidente. Ele comete o mesmo erro de Jullien, pois não indiferencia e quer passar para o outro lado. Isto pode ser uma boa estratégia – é, aliás, a da análise: se alguém está numa posição, empurramo-lo para a outra –, mas é mera estratégia para cair no Cais, e não para hipervalorizar o outro lado.

Em seu livro *Déclarer la Gnose* (Paris: L’Harmattan, 2002), Grelet declara que a Gnose está em vigor novamente. Isto nos interessa, pois se Freud fez muitas concessões, foi sobretudo para não ser pego. Como não notaram bem onde ele estava, deixaram-no passar e ele foi se afirmando. Seu pensamento é do tipo que, há milênios, vem sendo perseguido, destruído e massacrado pelo

Ocidente. É o que ocorre com o pensamento gnóstico no mundo, como vimos sobre os textos da biblioteca Nag Hammadi (cf. item 12, acima). Atualmente, está-se falando de um texto sobre Judas, que é também gnóstico. Faz todo sentido no pensamento da Gnose que um Jesus, se tiver acontecido dentro desse pensamento, provocasse que um discípulo o ajudasse fazer acontecer tudo aquilo e ele vencer a guerra para o outro lado. Mas isto é algo que não pode caber, pois bate de frente com os evangelhos oficiais da Igreja, a qual é o Império Romano tomado por um grupo de cristãos mediante um imperador, Constantino, e sua mãe. Lembrem que outros grupos de cristãos foram mortos, assassinados. É a vigência do Império Romano fantasiado de cristão, ou seja, é a vigência do Terceiro Império. Quem inventou o Terceiro Império foi Roma. Minha opinião – sem provas – é que, se não tivessem assassinado Julio César, ele teria instalado o Terceiro Império sem precisar dos cristãos. Como conseguiram instalá-lo mais tarde com a ajuda dos cristãos, a igreja de Roma é remanescência do Império Romano com sua autoridade, autoritarismo, imperialismo e massacre de todos os outros, inclusive cristãos. O pensamento de Freud é esdrúxulo no Ocidente. Todos tentam dar-lhe uma esticada tentando domesticá-lo. Puxam-no para o lado da filosofia, da política, do marxismo, mas disse coisas que, hoje, são repetidas na leviandade.

13/MAI

22. Falarei sobre dois tópicos. Primeiro, sobre **a prática da Nova Psicanálise**. Dado o que está na teoria, a partir da prática, é claro, o melhor procedimento na clínica – sejam quais forem seu âmbito e seu cômputo – seria apontar diretamente o Cais Absoluto para o analisando. Mas como ele está impedido de vê-lo por causa das resistências primárias e secundárias, o que faz é olhar para o dedo, e não para a lua, como o imbecil da anedota zen. Se pudéssemos apontar direto, se houvesse algum modo, seria muito bom. Nunca vi esta possibilidade. É aí que entra uma série de estratégias outras para ver se conseguimos que ele

olhe para lá. Já que isto não é possível, é preciso analisar as resistências, ou seja, entrar nos arquivos do analisando e aplicar o aparelho do Revirão a seus mais diversos registros. Para fazer isto, qualquer técnica disponível, qualquer coisa que se aprenda em qualquer lugar, ciência ou teoria, serve, dependendo do caso. Trata-se, pois, de aplicar o aparelho do Revirão de modo a indiferenciar esses registros no analisando. A suposição é de que a consequência da produção da indiferença seja a aproximação cada vez maior do Real, ou seja, do Cais Absoluto. Por isto, o trabalho é tão pesado e demorado: a massa de formações resistentes é enorme. Aí entra o talento (não do analista, mas) do analisando, que é o que mais importa na análise. Alguns são rápidos, mais inteligentes, menos apegados, outros são vagarosos, meio estúpidos...

O analisando, genericamente, é uma Pessoa, no sentido que damos ao termo. Como já disse, pouco me importa se algumas regiões da estrutura psíquica forem chamadas de sujeito, mas tenho motivos teóricos para não gostar de chamar assim. O sujeito da filosofia, cartesiano e outros, está estritamente no regime do verbo. Portanto, no regime do que a filosofia chama de pensamento. Em nosso escopo, trata-se aí da categoria do Ser, que é o que interessa à filosofia. Quando tento fazer a **distinção entre Haver e Ser** – e este é o segundo tópico sobre o qual quero falar hoje –, sempre digo que o Ser é aquilo que se pode dizer das formações do Haver. E é isto que é a tal filosofia, que tenta definir, determinar, dizer, escolher, ou seja, desenvolver como fechamento sobre o Haver e as formações com as quais nos embatemos dentro do Haver. O que chamo *Idio*, a IdioFormação, não é o pensamento do Ser, e sim o movimento do Ser enquanto – e só enquanto – afetado pela experiência do Haver. A IdioFormação assim afetada é solitária, uma singularidade irrecuperável, embora esteja carregando o movimento que chamamos movimento do Ser. Notem que é radicalmente diverso de se colocar no lugar da filosofia, que trata do Ser e, portanto, pensa que o verbo é tudo. A psicanálise se deixou afetar por esta tolice nas últimas formações teóricas que propiciou. Não que a filosofia não fale do que chama de Real, sem saber dizer o que seja, mas o faz do ponto de vista de decisões e escolhas feitas no campo do Ser. Ela, em sua constituição, enquanto tal, não

está afetada pelo Haver. Melhor dizendo, o Haver não funciona como causa radical e absoluta do pensamento da filosofia. Para ela, trata-se mais do que se passa no mundo. Mundo é Ser. Por isso, é tão preocupada com o tal Ser.

À Nova Psicanálise não interessa o sujeito da filosofia, pois, uma vez que vige no regime do verbo, na categoria do Ser, é sujeito do Secundário. O que interessa à Nova Psicanálise é a Pessoa, que é constituída de Primário, Secundário e Originário. Neste caso, Secundário e Primário estão o tempo todo afetados – no sentido radical de Causa – pelo Real do Cais Absoluto. É porque há Real que há exasperação e toda tentativa da bobagem do Ser, do movimento do Ser afetado por isso. O que significa que há, portanto, afetação de cada formação, secundária ou primária, pelo Real. Portanto, cada formação está disposta a ser afetada pela HiperDeterminação, a qual vem do Real no empuxo da segunda potência do binário (2^2), isto é, no empuxo da pulsão do Haver, que se diz: Haver quer não-Haver. Isto que acabo de dizer não existe no campo da filosofia, cujo vetor é do Ser para o Real. O da psicanálise é do Real para o Ser. Cada um de nós, enquanto Pessoa, enquanto solitário, pode dizer: **o mundo sou eu**. Estou falando do verbo *ser*: o movimento do Ser que constitui o mundo sou eu enquanto fundador e causador real desse mundo. Não é só que o mundo *de* um é diferente do mundo *de* outro. Não existe mundo de um e mundo de outro, e sim: esse mundo e aquele mundo e aqueloutro mundo... Não é *de*, não há genitivo aí. É um mundo-Eu, que, de repente, tem até algumas confluências, interseções, com os outros. Nem se pode dizer que não é o mesmo mundo, pois é mundo: mundo-Eu, mundo-Eu, mundo-Eu...

Podemos dizer isto porque a particularidade de cada recorte mundano de espaço geográfico, ou qualquer outro, e de tempo psicológico, ou qualquer outro, desse hiperdeterminado o captura na solidão do *Idio* no mundo. E absolutamente nada pode ser feito que elimine ou mesmo simplesmente aplaque essa solidão. As ilusões do Secundário são ilusões do Secundário. Por isso que, como já disse, numa tese em urbanismo pode-se dizer: *a cidade sou eu*. Este é um tipo de postura que suspende toda e qualquer autoridade. Ou seja, toda e qualquer autoridade está (não eliminada, mas) suspensa pela psicanálise, pois

só tem condições de ser um projeto *ad hoc* de organização. Do ponto de vista da posição do Cais Absoluto, todas as autoridades estão em suspensão. Elas são alguma ficção de alguém, uma ficção, sobretudo filosófica, da constituição do poder, isto é, uma constituição ideológica. Há uma diferença enorme entre propor e aplicar uma regra para o funcionamento agoraqui das coisas, e utilizar essa proposição como se tivesse algum direito divino ou de razão para ser autoridade. Não tem.

● P – *O mesmo vale para a noção de verdade?*

Verdade só existe uma, que é absoluta: Haver quer não-Haver. Como nada sei dizer a respeito de Haver, então, qualquer outra verdade se torna relativa.

O que encontramos na postura da IdioFormação no Haver e, em segunda instância, no mundo? Primeiro, o recorte no Primário e no Secundário como particular – todo recorte é apenas um caso – constitui no mundo o que a filosofia contaria no Ser da pessoa. No sentido do mundo dos negócios, quando se pergunta o que uma pessoa é, muitos acreditam em respostas do tipo: “sou psicanalista”. Isto não existe, é apenas um recorte, o qual é pessoal. Já a Pessoa, em nosso sentido, é constituída de Primário, Secundário e Originário. Os recortes que tenhamos disponíveis no Primário e no Secundário são o que constitui o Ser da filosofia, portanto não são bastante para a nossa consideração. Por isso, o sujeito não nos interessa. Segundo, a solidão da Pessoa – que podemos chamar: **O Solitário** – se dá enquanto Haver sem mundo, Haver sem Ser. É o que coloquei no início da teoria como fundação: a batida do Haver. Haver não tem mundo. O que o tem é o Primário e o Secundário, o Ser. Como a psicanálise parte direto da experiência bruta de Haver na total ignorância, na total escuridão, é isto que determina até mesmo as procuras que chamam de Ser. Mas as pessoas estão intoxicadas demais pelos avanços da filosofia no campo da psicanálise. Isto, apesar dos esforços de Freud, desde o começo, para tentar separar as duas, mas ele mesmo se perdeu às vezes, pois a coisa estava no nascedouro. O fato de utilizarmos descobertas ou organizações pensadas por filósofos não significa estarmos partindo das mesmas postura e concepção que

a filosofia. Filósofos acham coisas que podem ser úteis e interessantes. Aliás, todos são, e não é preciso tomar o partido de nenhum.

23. Falei sobre dois tópicos: o apontamento para o Cais Absoluto na prática da Nova Psicanálise e a diferença entre Haver e Ser. Haver é a pura e simples experiência da porrada de estar aí. Gosto muito desta palavra em português: quando levamos uma porrada, ficamos zonzos e depois começamos a pensar sobre o que foi.

● P – *Um dos aspectos do trabalho clínico, como você disse, seria acessar os arquivos do analisando e isto se daria no nível estritamente da conversa?*

Lembrem que estou dizendo que a psicanálise pode acolher qualquer saber, da neurociência à macumba. Tomem a etnopsiquiatria, de Georges Devereux (1908-1985), que, na França, por exemplo, trata analisandos vindos de etnias as mais estranhas aos franceses – da África, digamos – e que, segundo ela, só seriam abordáveis através dos elementos característicos dessas etnias. Mas isto não é necessariamente etnopsiquiatria, e sim que o repertório da pessoa é esse. Seus arquivos são aqueles e é por eles que entraremos. Não há que fundar um campo novo para isso. Caso contrário, seria preciso, a cada vez, fundar um campo novo, já que cada uma é diferente em suas formações primárias e secundárias. O que fazemos é entrar nos arquivos que ela tem, sejam quais forem. O complicado e farto é o material que chega. Ao lidar com ele, que o façamos de maneira mais próxima de ter condições de intervir.

● P – *Há como acompanhar os acessos, as mudanças dos registros e a frequência das repetições?*

Sim, pois você está presente, escutando, observando, vendo. E mais, as respostas são geralmente pífias.

● P – *É possível dizer: fiz isso e deu naquilo?*

Não existe isto, antes. Mas existe *depois*. Não sabemos o que está revirando.

● P – *Posso pensar que uma criança autista estaria mais próxima da experiência do Cais Absoluto por não ter essas resistências?*

Primeiro, aqui ninguém sabe o que é autismo. Lá fora, menos ainda. As crianças chamadas de autistas parecem ter algumas formações – ou falta de formações – que desembestam certas regiões em suas cabeças. Por exemplo, são capazes de ser grandes matemáticos, grandes músicos, etc. Há algo nelas que fica sem resistências, mas isto nada tem a ver com o Cais, pois é da ordem do Secundário. Todos são eqüidistantes do Cais, não há ninguém melhor do que outro nesse lugar. Há, sim, gente com mais escombros, mais lixo recalcante em cima e o lugar lhes está obnubilado. Isto é algo que se nota não porque se esteja mais próximo ou mais distante, e sim mais esquecido, soterrado. A relação para com o Cais, qualquer um pode lembrar e, às vezes se lembra não por causa de estar em análise, e sim porque tomou uma porrada na vida. Se não estava em processo de análise, tem grande chance de ficar piradinho.

● P – *A quantidade de escombros sobre alguém é o que impede que se lhe aponte diretamente o Cais?*

Os escombros são a massa de recalques primários e secundários. Não adianta dizer coisas às pessoas. Os ditos mestres zen inventam frases para apontar direto, deslanchar diretamente a relação com o Cais. Mas é apontar direto para quem, se há pessoas que não escutam? Aliás, é besteira supor que as frases dos mestres zen foram feitas para serem decifradas. Procurar o sentido na frase é a maneira ocidental de lidar com o pensamento zen, o qual, como não resolve no nível do Secundário, tenta repetir a porrada no nível do Secundário para dar de cara com o Originário. Alguns pensam que dali tirarão um grande ensinamento e um sentido, mas nada há lá dentro. Ou, só há tudo, não sei. Há um mestre zen, o que mais gosto, que vem passeando com o discípulo sobre a ponte e este lhe pergunta qual é o ser da ponte. O mestre o joga da ponte. Não é brilhante?

● P – *O conceito de mundo em filosofia tem uma conotação totalizante e progressiva.*

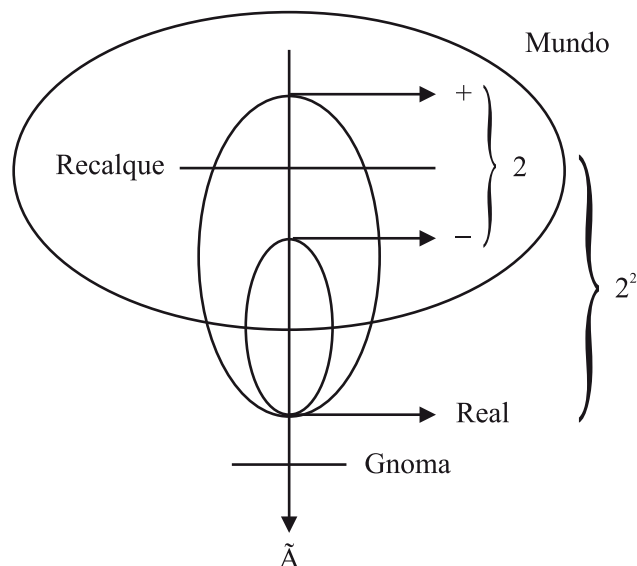
Em nosso caso, não tem. Não se pode dizer muito bem “o mundo sou eu” em filosofia, pois lá quem diz é o filósofo e os outros devem acreditar que o mundo seja o mundo *dele* filósofo, o mundo que ele disse. O filósofo inventa

seu mundo, diz que “é assim-assim” e quer que todos acreditem que o mundo é aquilo e esqueçam que ele o criou – logo, ele é Deus. A relação de suspensão não existe na filosofia, nem quando tenta falar em *epoché*. Notem que suspensão não é algo específico da psicanálise, e sim de quem sabe fazer essa suspensão. A psicanálise é apenas um campo que tentou capturar essa experiência e dizer sobre ela. Se disse, já está errado, pois já tem Ser demais.

● P – *Você já tratou a questão do mundo e há tempo trouxe a questão do Imundo. Você falou em vício filosófico e verifico que a dificuldade que há em entender isso se deve a imediatamente cair-se em interpretação, discursividade e subjetividade, que são coisas do modelo filosófico. A noção de Pessoa que você traz é diferente, e um dos conceitos mais radicais da Nova Psicanálise é o de IdioFormação, que não se coaduna com nenhum discurso próximo.*

Mormente não com o discurso ocidental, filosófico. Em termos de crítica e de contraste com o pensamento da filosofia, um aluno de François Laruelle, Jean-Luc Rannou, escreveu o livro *François Laruelle et la Gnose Non-philosophique* (Paris: L’Harmattan, 2003) em que mostra que (não o pensamento, mas) a postura de Laruelle é semelhante à nossa. Não é uma postura filosófica. O que ele chama de Um é o que chamo de Haver. À medida da leitura, percebemos algumas conjunções e vemos que é um pensamento radicalmente diferente do que estamos acostumados. Ao fim do livro, eu faria várias críticas. Não que esteja errado dentro do pensamento dele, mas dá uma aparência de ingenuidade que não precisava. Como disse de outra vez, vivemos um momento – felizmente – de re-emergência do pensamento gnóstico em todo o mundo, nem que seja na base do susto. É um pensamento que o Ocidente tentou eliminar e que Freud, com muito cuidado, trouxe de novo tentando, muito sabiamente, colocar como se fosse ciência – é, aliás, um pensamento mais próximo da postura do cientista – e fazendo todas as concessões que podia para poder ser assimilado (o que foi um estrago). A meu ver, ele colocou assim e a psicanálise já nasceu sob a égide desse tipo de pensamento. Releiam sua obra com atenção a isso e verão que ele não está filosofando, e sim lidando com essa coisa e com os movimentos que o tal inconsciente faz por causa dela.

O Haver (A) não é uma IdioFormação. A IdioFormação é que tem Haver. O Haver tem dois sentidos. Quando no trauma de estar diante desse troço do qual não fazemos a menor idéia, chamamos isso de Haver: seu trauma é a coisa que está aí. Mas quando começamos a falar dela, já entramos em outro regime. Haver é experiência em seco, trauma em estado puro. O Haver é o Real, a disponibilidade toda que, no esquema, situamos no lugar do Real do trauma, mas que, no Haver propriamente dito, não tem lugar, é tudo junto, uma batida só.



Este já é um esquema fabricado para tentar explicar. Mundo é uma fabricação e quando começamos a colocá-lo, esse mundo é absolutamente você. Podemos conversar para ver se achamos algumas confluências, mas, geralmente quando as achamos, está errado, foi mal-entendido. Se não tivermos como referência haver um Vínculo Absoluto no fato de todos estarmos traumatizados do mesmo modo, não teremos maneira alguma de fazer vinculação. As vinculações são produzidas em Mundo. Por via secundária e primária, começamos a tentar criar vinculações políticas, religiosas, eróticas, etc., que são vinculações relativas e nenhuma é garantia de coisa alguma.

François Laruelle, por exemplo – que não tem o conceito de Vínculo Absoluto –, toma o seguinte fato: cada Um é Um e esse Um é absoluto e radical. E pelo simples fato de cada Um ser Um, segundo a mesma experiência de Real, ele determina que só existe uma forma de considerar o mundo politicamente – que chama de cosmopolítica –, que é a democracia verdadeira, a qual, para ele, é a equivalência radical de cada Um para com cada Um. É o que, há décadas, chamo de Diferocracia. Está consentâneo com o pensamento dele? Sim, mas seu modo de apresentação é ingênuo. É o que há de ruim no livro que citei há pouco. Defende com tanto vigor a possibilidade de vigência dessa democracia que dá a impressão de que é tão simples, de que é só entender que há o Haver e o não-Haver não há que a democracia se instala. Mas não é assim, pois está tudo recalcado sob uma montanha de escombros. Ou seja, **só são democratas os aristocratas do Haver**. Só quem chegou ao reconhecimento do que já sabia é que é democrata. Todos já sabem, mas não fazem esse reconhecimento, ficam fugindo – como as filosofias, aliás. Freud já denunciava isto quando mencionava os filósofos tapando o buraco do que não entendiam. Então, sem ter conseguido – pelo modo que for, nem é preciso ir ao analista – o que chamo Análise Propedêutica, não se entra na aristocracia da Análise Efetiva. Aristocracia esta que é fundadora da Democracia Radical. Quem ali não chegou, sequer a concebe, pois tem opiniões e valores que estão em contraposição ao valor da Diferocracia que é simplesmente o valor de Haver. Há certo esperancismo no livro de Rannou [RANNOU, Jean-Luc. *La non-philosophie, simplement*. Paris: L'Harmattan, 2005]. Não é assim nos livros de Laruelle, em que a coisa é meio *flo*, mais da ordem da consequência de pensamento do que da efetividade de mundo. Ele quer mostrar que não há democracia concebível sem o que chamo de Vínculo Absoluto.

As chamadas democracias são plutocracias, oligarquias, etc. Nunca foi possível existir democracia no sentido da Revolução Francesa, por exemplo, que quis fazer de conta que estava instaurando uma democracia radical. Imediatamente veio o terror, pois as pessoas não têm condição de entrar no aspecto aristocrático da democracia. Elas se acham sabendo coisas no nível do

Secundário e do Primário, e não podem aceitar um pensamento que é radical no acolhimento de tudo. Não é necessariamente acolhimento político, pois aquele que ousa supor-se capaz de estar no lugar do analista tem que ter condições de cultivar um acolhimento radical de toda e qualquer manifestação. Esta é uma condição que se vai fabricando, mas é pouco disponível. Não se pode estar, por exemplo, com a moral de exclusão da burguesia do mundo contemporâneo. Pode-se até pensar que não haja condição de organização política sem exclusões, mas a escuta analítica não pode se permitir exclusões. A cabeça do Analista já é de Diferocracia radical ou não há Analista. Não se está indicando o que a pessoa vai fazer no mundo, e sim buscando levá-la a seu Cais Absoluto. Portanto, não é possível haver exclusões ou moral da psicanálise. Ela é absolutamente amoral e, por estar se debatendo com uma moral forjada, é imoral. Mas o que vemos é fazerem o possível para se esquecer disso e apresentar uma psicanálise cristã, marxista e, sobretudo, aderida a filósofos. Os ditos analistas são uns frouxos e entregam o ouro para filósofo achar que ele é que é o terapeuta e publicar livros idiotas do tipo *Mais Platão e menos Prozac*. Sou a favor de mais Prozac e menos Platão, para ver se o Prozac dissolve aquele sintomão horroroso.

● P – *Os heideggerianos dizem que a técnica produziu um mundo da experimentação que não é um mundo. Para eles, antes, havia um mundo.*

A técnica não produziu mundo algum, pouco se importa com o mundo e nada tem a tratar com ele. Cada um que, depois, se vire em seu mundo. O filósofo quer consertar o mundo – o que significa: que o mundo fique igual a ele. Recuso-me a aceitar isto. Então, digo: “O mundo sou eu”.

Já tivemos conosco gente que, intelectualmente, tentou aprender psicanálise, mas que, por ter síndrome de filosofia, ficou emperrada. Este é o mal-entendido mais grave, o pior. Lacan tem bastante culpa nisso pela passagem que fez entre Kojève, Hegel e Heidegger. Lembrem-se também que, há pouco tempo atrás, uma dita psicanalista de projeção mundial, Élisabeth Roudinesco – a dama de ferro da psicanálise (espero que logo enferruje) –, deu corda para Jacques Derrida nos últimos anos de sua vida porque este fizera uma pesada crítica: “a filosofia precisa acolher suas margens”. Só que a psicanálise não é margem da filosofia, esta é que é um mínimo recanto dentro da psicanálise, se

tanto. Ela está para a psicanálise como a geometria euclidiana está para a não-euclidiana. Mas a tal senhora toma isso e dá um tom de passo na psicanálise para... além de Lacan, talvez. (Aliás, Lacan detestava Derrida, pois sabia com quem estava falando).

A referência da filosofia é o mundo, o Ser. A referência ao Haver submete todas as perspectivas de Ser, pois sabe que tudo que acontece na ordem do Ser é **causado** pelo Haver. Portanto, não adianta ninguém vir com Ser, pois isso é mundo-você, e não mundo-Eu. Se você é quem tem poder, então manda quem pode e obedece quem tem juízo – mas o que você tem é só poder, mais nada. A psicanálise é rebelde e implicante. O ponto de vista analítico não se submete a saber ou a autoridade de espécie alguma, mas sim sustenta a suspensão. Nem mesmo posso obedecer à autoridade da teoria que produzi, pois é apenas uma ferramenta que utilizo.

● P – *No sentido que você coloca, sua teoria não é mundo?*

Sim. Quando reforço que é preciso ficar em suspensão e suspeição até quanto ao que estou dizendo é porque não quero ser congelado por essa besteira. Estou tentando produzir uma ferramenta e espero que seja útil, mas ela não vai me determinar. Quem fez a teoria fui eu, e não ela que me fez. Outra coisa, é saber brincar dentro das regras combinadas do jogo. Se tomo a teoria como ferramenta, não posso ser estúpido de não utilizá-la direito. Então, critico, transformo, ou abandono...

24. ● P – *O que é que se faz quando se acolhe uma criança no consultório de um analista?*

Primeiramente, entendamos que não existe psicanálise *de* crianças. Existe, sim, gente que gosta mais de trabalhar com criança, a qual é apenas um adulto que não merece respeito. Não foi assim que a definiram? É um menor. Cidadão, não é – mas sofre do Real igual a qualquer Um.

● P – *Com crianças, muitas vezes percebemos que estão tão desorientadas, recalcadas demais ou de menos, que o trabalho é quase uma remodelação, uma pedagogia mesmo.*

Mas é diferente com o adulto? A única diferença é que este é cidadão, alguém que responde por ele mesmo. A criança sabe que está ferrada, que não é ninguém, que tem que pedir tudo para mamãe, papai, professora – o que deve ser um traumatismo cotidiano. Em meu tempo, era: sentíamos uma inadimplência total. Frequentemente, ao tratar disso, confundimos o que é do nível da análise e o que é do nível da psicologia do cotidiano, que comparece na análise. Como, às vezes, está acuado pela sociedade, pelos pais, etc. – particularmente, não gosto de tratar criança, pois não quero falar com pai de ninguém: ou trato como adulto ou não fala comigo –, o tal terapeuta se sente na obrigação de fazer adequações. Ele não tem essa obrigação, fará se quiser. Mesmo na relação com adulto, ao ver alguém enredado numa situação tal que não consegue sair, às vezes, metemos a mão na situação para deslocá-la, mas esse deslocar a situação, que é a meta do psicólogo, para nós, é apenas um expediente. A diferença é de postura, e não de resultado. Para um analista, qualquer expediente serve. Pena não podermos, de vez em quando, trancar a pessoa no banheiro por algumas horas... Não podemos fazer isto por causa da situação jurídica do mundo. Por outro lado, não podemos lidar com um menor pensando em colocá-lo nos eixos. A criança não conseguir ir para a escola, é esta a doença? Outro dia, uma menina de catorze anos fez críticas à escola. Concordei com ela, entretanto, alertei que estava pressionada pelos poderes constituídos e que teria que aprender a lidar com eles, pois agora não tem condições de lutar contra. O que fazer?

27/MAI

25. A revista *Mente & Cérebro* deste mês, publicada no Brasil pela *Scientific American* (ano xiv, nº161, 2006), traz um artigo de David Dobbs intitulado *Reflexo Revelador*. É sobre os neurônios-espelho, de que já lhes falei em outra ocasião. Os pesquisadores estão impressionados a ponto de achar que esses neurônios, espalhados por várias regiões cerebrais, serão para a neurociência – portanto, para as psicologias – o mesmo que foi o DNA para a biologia. Sua

10/JUN/2006

primeira função nos bebês, e em todas as pessoas depois, é permitir o que chamam de empatia e imitação. Dizem mesmo que alguns animais, alguns primatas, também os têm, mas numa quantidade tão pequena que não os possibilita fazer o que fazem as crianças humanas. Várias patologias psicossociais parecem poder ser remetidas a eles, principalmente o autismo, considerado uma falha desses neurônios, os quais seriam também responsáveis pela aprendizagem na medida em que as crianças, por imitação – gestos, sons, etc. –, entendem o que um outro está fazendo.

Segundo o artigo, os neurônios-espelho foram descobertos há dez anos por três neurocientistas da Universidade de Parma, na Itália: Giacomo Rizzolatti, Vittorio Gallese e Leonardo Fogassi. Depois, outros pesquisadores aderiram, como o neurocientista cognitivo Vilayanur Ramachandran, da Universidade da Califórnia em San Diego. A descoberta ocorreu ao observarem um primata com eletrodos ligados a neurônios individuais no córtex pré-motor para estudar sua atividade neural ao estender a mão para pegar diferentes objetos. Vendo Fogassi casualmente pegar uma uva passa, os neurônios pré-motores do animal dispararam como se ele próprio a estivesse pegando. O macaco não o imitou, mas o movimento foi registrado em seu cérebro como se fosse dele na mesma região em que é feita a centralização do movimento no cientista. Como nos interessa aqui o ser humano, pois os macacos são ruinzinhos quanto a isso, o que descobrem é que não só imitamos como também, se estivermos olhando ou ouvindo as ações de outra pessoa, nosso cérebro funciona como se estivéssemos fazendo aquelas ações. E mais, que a compreensão dos acontecimentos, dos movimentos, se dá, primeiro, através desses neurônios. Se estivermos assistindo a um atleta fazendo algo que não fazemos, para nossos cérebros é como se o estivéssemos fazendo. Ou seja, aprende-se aquilo do ponto de vista cerebral, e não corporal.

Mas o que nos interessa sobretudo é a descoberta dos cientistas de que a linguagem falada surge de um entendimento sintático gerado pelos neurônios-espelho. Ou seja, fiz uma aposta e ganhei. Sempre lhes disse que um dia descobririam o Revirão no cérebro. Pensei que fosse demorar mais, mas já começaram a descobrir: o que produz a linguagem é a organização

sintática dos neurônios-espelho simplesmente observando o mundo – é um bom primeiro passo.

26. Eis um pequeno histórico da questão e de meu percurso nela. Como sabem, a relação com o espelho, na psicologia, começa com Henri Wallon (1879-1962) e se desenvolve com as pesquisas do fundador da moderna etologia, Konrad Lorenz (1903-1989). Lacan aproveita estes dois primeiros passos e cria a idéia de “estádio do espelho”, no qual, para uma criança em seus dezoito meses, funda-se a função Eu. Ele despeja seu sujeito na confluência, para a criança, da imagem especular com a presença de um segundo – no caso, terceiro em relação à imagem no espelho – que vai garantir que aquele de lá é o de cá. Mas o que se explicita no estágio do espelho – e também no artigo que citei no início, tirante o fato de neste se garantir que uma sintaxe produzida pelos neurônios-espelho gera a linguagem – é a **função especular do espelho**. Lacan não pensava isto, e sim no poder do significante já encontrado no mundo quando a criança nasce. Por isso, diz: “*L’inconscient est structuré comme un langage*”. E mais: “*Le langage est la condition de l’inconscient*”. Serge Leclair (1924-1994), baseado em seus achados psicanalíticos, já questionara este segundo lema quando Lacan era vivo.

Em 1982, no seminário *A Música*, apostei firme, adiantei a idéia de **função catóptrica** e a **lógica do Revirão**, cuja estrutura primeira está no artigo *O Hífen na Barra*, de 1972 (incluído na coletânea *Senso Contra Censo: da obra de arte etc.*, publicada em 1977). Como já expliquei diversas vezes, **função catóptrica** não é o mesmo que função especular. Esta última é reconhecimento de imagem ou de imitação. As imitações são especulares, coisa que Lacan colocaria em seu conceito de imaginário. Já a função catóptrica é: **a reversão lógica contida no Revirão diante da imagem no espelho** – o que não é a questão especular, e sim do avessamento – **produz a linguagem**. Ou seja, **a constituição do Revirão é que produz a linguagem**. É o que venho dizendo desde então: o Revirão produz a linguagem. Como coloquei o Haver – e o Revirão como seu esquema –, ao contrário de Lacan, disse: *L’Inconscient est condition du langage*. Ou seja, o Inconsciente, como Haver – e este em qualquer situação,

humana ou não –, é a condição da linguagem. Então, em havendo Revirão na espécie humana, **acabei chamando o Revirão de: A Linguagem**. Meus passos foram: o Inconsciente como condição da Linguagem; o Inconsciente se estrutura como Revirão; o Revirão é a Linguagem. É isto que está começando a ser provado hoje: o Revirão é o que produz a linguagem. Fiz também uma brincadeira com a frase de Lacan dizendo: *L'Inconscient est structuré comme on l'engage*. Quando tomamos esta estrutura dada pelo Primário e a engajamos no mundo, mostra-se a estrutura do Inconsciente como linguagem e, daí para a frente, a linguagem funcionando como herdeira desse movimento.

Então, para fazer uma distinção didática, coloquei: **Inconsciente = Haver, e Linguagem = Revirão**. Portanto, as linguagens, quaisquer linguagens, derivam do Revirão. É importante também lembrar que, em nossa espécie, o Revirão é Originário – é origem do Secundário e do entendimento do Primário –, mas, como tudo, aliás, está inscrito no Primário.

Em 1983, apresentei um texto intitulado *A Reflexão da Imagem Própria como Matriz Simbólica no Estádio do Espelho*, incluído como seção 2 do seminário *Ordem e Progresso: Por Dom e Regresso* (Rio de Janeiro: Aouta editora, 1987). Ali, faço a suposição de que os cientistas acabariam descobrindo em laboratório a distinção entre o macaco e o humano, por exemplo. Os macacos certamente têm alguns desses neurônios, aprendem coisas e gestos, por imitação, mas justamente não falam nem falarão por não terem condição de reconhecimento do Revirão, da função catóptrica. Eles reconhecem a função especular, que é mais adiantada neles do que em outros animais, mas talvez não tenham condições de atingir a função catóptrica por deficiência até quantitativa desses neurônios. Então, agora que os pesquisadores descobriram que os neurônios-espelho estão espalhados por várias regiões cerebrais – áreas do córtex pré-motor e parietal inferior, lobo parietal posterior, sulco temporal superior e ínsula –, e numa quantidade que nem imaginavam, lembro que jamais pensei o Revirão como uma região do cérebro, e sim como uma *funcionalidade* sua. Digo, pois, que ganhei a aposta porque agora descobrem que há um tipo de neurônio catóptrico, ou que, pelo menos em seu conjunto, esses neurônios constituem a função catóptrica. Os pesquisadores não falam nisto, mas arriscam

algo que corrobora a minha idéia de função catóptrica: que os neurônios-espelho são os produtores da linguagem.

Sempre disse que a linguagem não cai do céu e que o significante não vem de fora, como Lacan pensava. Para mim, a linguagem está instalada no *hardware*, é uma função do cérebro humano. E mais, é uma função do Haver por inteiro. O Haver não fica falando como nós, mas está organizado da mesma maneira. Então, uma vez que sempre afirmei que os cientistas encontrariam o Revirão no cérebro e o situei instalado no Primário, faço a suposição de que somos os primeiros a revelar a função catóptrica eventualmente situável nos neurônios-espelho ou coisa semelhante. Eles descobriram no laboratório, mas nós já os havíamos descrito.

27. Os neurocientistas não falam em *função catóptrica*, mas como pertencem ao grupo das ciências cognitivas, acabarão por entender que, para a lingüística, é simples demonstrar o Revirão. A partir dessa descoberta dos neurocientistas, um lingüista tem mais chance de se dar conta – como aqueles ainda não se deram, pois ficam esperando que o laboratório lhes apresente – tanto do Revirão quanto do Princípio de Exclusão, portanto do Princípio de Recalque. Mesmo se tratarmos como um significante qualquer, em havendo essa disponibilidade no cérebro, ainda que viesse crescendo com os homens nos últimos cinquenta mil anos, é fácil supor que os grunhidos dos primitivos tenham sido classificados por eles. Vamos supor, então, que a linguagem falada no começo fosse *oh* para uma coisa e *ah* para outra. Isto, repetido milhões de vezes, vai aumentando o conjunto de sons, vai se complicando e formando uma língua. A sintaxe é produzida pelo cérebro, por esses neurônios talvez. As coisas do Haver têm sua sintaxe. Tudo é sintático e isto acontece naturalmente: o sol nasce para se pôr depois, etc.

Agora, imaginemos o seguinte:

$$\frac{\text{noite}}{\text{escuro}}$$

Noite como significante e *escuro* como experiência. Se quiserem usar o signo de Saussure, seriam: significante e significado. Continuando, coloquemos:

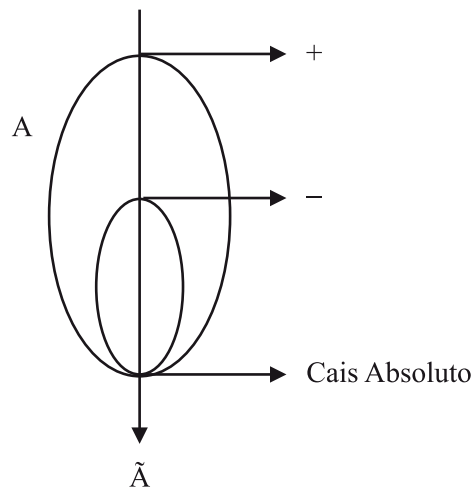
10/JUN/2006

$$\frac{\text{noite}}{\text{escuro}} = \frac{\text{dia}}{\text{claro}}$$

Ou seja, as pessoas têm experiência de escuro, dizem *oh*, e de claro, dizem *ah*. São gênios, pois conseguiram falar duas palavras e mantê-las, o que é mais difícil. Assim, tomando a língua na complexidade que tiver em qualquer momento depois, um lingüista perceberá que é uma razão: noite está para escuro, assim como dia está para claro. Se fizermos um jogo cruzado só com significantes, veremos que a pessoa teve a experiência, mas manteve os significantes, o que significa que pode evocar os significantes *in praesentia* ou *in absentia*, como dizem os lingüistas:

$$\frac{\text{noite}}{\text{escuro}} \times \frac{\text{dia}}{\text{claro}}$$

Se evocar o escuro quando estiver escuro, chamará de noite, e se evocar o escuro quando estiver claro, continuará chamando de noite, mas a experiência estará cruzada. Esta é a **prova do Revirão** na lingüística. O ponto de cruzamento é como se fosse aquele que, no desenho do oito interior, chamo de Real. É o ponto onde se cruzam as idéias:



Vejam que a pura e simples experiência linguística de poder evocar algo *in praesentia* ou *in absentia* já expõe o Revirão. O sinal de igualdade indica que deve haver analogia ou outra razão qualquer entre os neurônios-espelho e os modos de construção do Haver. Portanto, qualquer indivíduo desta espécie, contendo esses neurônios com função catóptrica, consegue evocar *in absentia*.

Provavelmente, os pesquisadores descobrirão animais que não têm condição de evocar a experiência de noite só porque está claro: eles sabem acompanhar, mas não evocar. Outros, mais inteligentes, suponho eu, serão capazes de evocar a experiência, lembram-se de que há escuro e claro, mas não de fazer a reversão. Entretanto, nossa espécie não apenas lembra como evoca e dá nome *in absentia*. É daí que nasce tudo: metáfora, etc. Os cientistas têm razão, **o Revirão, como digo, é como se fosse o DNA da psicologia**. Lembrem-se de que Freud falava sobre o *sentido antitético das palavras primitivas*, e, melhor ainda, sobre a *reversão das pulsões*. Ele mostrou e todos, em seu cotidiano, sabem que as pulsões se avessam com facilidade. O Revirão das pulsões é evidente em análise.

Nossa espécie tem a experiência e, mesmo estando ausente no momento, pode evocá-la. Esta função é que produz o regime Secundário. É uma função originária que está inscrita no Primário. Chamei-a de Originário porque nossa origem biótica pode vir do macaco, segundo o ponto de vista de Darwin, mas a origem, digamos, original de nossa espécie, é haver Revirão: portanto somos anjos.

● P – Há a discussão de Émile Benveniste (1902-1976) com o zoólogo Karl von Frisch (1886-1982) sobre as abelhas e sua capacidade de, através do comportamento (a dança), representar algo que não está presente. Mas esta função é limitada, é da ordem do deslocamento. (Émile Benveniste: *Communication Animale et Langage Humain. Problèmes de Linguistique Générale*. Paris : Gallimard, 1966. p. 56-62).

Elas são capazes de comunicar, no sentido de terem uma experiência ali, virem para aqui e inventar um jeito de contá-la. Isto não é o mesmo que tomar a experiência e nela colar um significante, tomar outra experiência, eventualmente oposta àquela, colar outro significante e os cruzar. A primeira

parte é especular. Elas fazem um rodeio que dá a impressão de ser significativo por não ser a coisa, mas elas estão apenas trazendo a mensagem para cá. Em sua espécie, já há uma inscrição etológica qualquer que as torna capazes de movimentos do corpo para dizer que há aquilo lá. Por outro lado, no esquema acima, é preciso: uma oposição; o nome para as duas oposições; e o nome, por cruzamento, evocar *in absentia*. Falando em termos saussureanos, o significativo evoca na ausência, pois começa a correr sozinho: como enchemos a cabeça de palavras, a qualquer momento podemos pegar uma, a qual não corresponde à experiência aqui e agora, mas sim a uma experiência que dantes tivemos. Ainda que, nas abelhas, haja um germe disto, não é o mesmo que acontece. Os animais registram as experiências, mas não sabem dizê-las, não produzem um Secundário fixado – um nome para uma experiência, outro nome para outra –, em que é possível falar de nome para nome e largar a experiência concreta do aqui e agora. Quanto a isto, Saussure parece que tinha razão: trabalhamos com signos constituídos assim.

Não tenho certeza se os animais não se descolam da percepção, pois não conheço experiência de laboratório que comprove isto. Já em nossa espécie, temos a prova de escrever um longo texto ou falar longamente usando a parte que Saussure chamou de significativo para nomear experiências presentes em nosso registro, mas ausentes do momento atual. Isto significa que temos condições de fazer um cruzamento, que é o que me interessa: diante do claro, falamos *noite*; diante do escuro, *dia*. Lembremos também que, embora não tenha posto o conceito de Revirão e hoje tenhamos prova de laboratório, Freud falou em *fort-da* para mostrar o momento estrutural em que a criança evocava *in absentia* e por cruzamento com a presença.

28. Como Claude Lévi-Strauss (1908-) decide tomar a interdição do incesto como universal? (Decide sozinho, aliás, pois, para demonstrar isto, o que diz é que nove entre dez antropólogos acham assim) E que a interdição do incesto é passagem de Natureza a Cultura? Isto se torna algo engraçado agora que o tempo passou e podemos fazer sua crítica. Sua proporção foi:

$$\frac{\text{natural}}{\text{universal}} = \frac{\text{artificial}}{\text{cultural}}$$

Tudo que é natural é universal, tudo que é artificial é cultural. Ora, se a interdição do incesto, segundo ele, é universal sendo artificial, então cruza:

$$\frac{\text{natural}}{\text{universal}} \not= \frac{\text{artificial}}{\text{cultural}}$$

Se a interdição do incesto é artificial e é universal, funciona como se fosse natural. Então, como está indicado no centro da proporção, só pode ser uma passagem de natureza a cultura. O engraçado aí é: o que não seria? Ele toma a interdição do incesto porque é antropólogo e quer procurar um universal nos comportamentos da sociedade. Como aí, aliás, o incesto é muito freqüente, portanto sua interdição... Mas *falar* não é mais universal para a espécie do que a interdição do incesto? Portanto, falar é passagem de natureza a cultura? O que Lévi-Straus não viu é que não há distinção, fronteira, entre natureza e cultura. A conclusão a se tirar – como venho dizendo desde o início de meu trabalho – é a de que não há distinção entre natureza e artifício: **tudo é artifício**, construção, logo *tudo é natural*.

O Princípio de Exclusão é, da possibilidade de uma evocação, podermos retirar qualquer parte. Tudo é evocável no mesmo momento, independente da experiência externa aqui e agora – a interna está gravada e associada certamente ao nome dado: *oh* ou *ah*, por exemplo –, no entanto, é possível fazer exclusões: separar um pedaço para lá e outro para cá. Se apenas fizéssemos exclusões momentâneas, estaríamos usando o que Freud chamou *Urteilsverwerfung*, que traduzo por Juízo Foraclusivo, entretanto, a entrada nos comportamentos de qualquer grupo exige que se marque isso como interdição – portanto, como processo de recalque. Ou seja, a interdição, mesmo do incesto, tem a ver com o processo de recalque, e não com passagem de natureza a cultura (no sentido de Lévi-Strauss). Então, faz sentido se ele entender que uma cultura só se constitui sobre o recalque, mas, do ponto de vista da estrutura, da consti-

tução das formações, **não há diferença entre natureza e cultura**. O que existe é diferença entre constituições de certo modo de cultura por exclusão e recalque. Isto não é diferente de natureza, mas é parcialização dela. É fazer um círculo de recorte dentro do Haver, o que não é fazer passagem de natureza a cultura, e sim empobrecer o campo e, mediante recalque, reduzi-lo a determinado grupo de comportamentos.

Há, portanto, uma incompatibilidade, um verdadeiro dilema dentro do cérebro, pois os neurônios-espelho, em sua função catóptrica, são incompatíveis com a regionalização do resto do Primário e têm que sofrer recalque, nem que seja pelo corpo. O Primário recalca, pois, para eles, vale tudo, entram em qualquer uma. Colocamos a mão no fogo e queima, então, temos que recalcar o gosto maravilhoso de que seria pegar no fogo. Não é preciso ninguém proibir, pois já há o próprio corpo, o Primário, recalcando. Quanto aos comportamentos, a família, por exemplo, impõe que devemos agir como ela diz, e não buscar modos diferentes – e isto é a cultura. Por outro lado, se deixar uma criança solta, ela sofrerá inúmeras confusões ou apanhará muito, pois só aprenderá o recalque diretamente com as formações dadas do Haver, o que poderá ser fatal. Portanto, no decorrer da história da humanidade, foi preciso que algum menos estúpido descobrisse que era melhor pensar o fogo antes de se queimar e transmitir isto aos outros.

29. Em 1982, fui tomado pela idéia de Revirão, que eu já pensara antes. Lembro-me de que, no dia em que terminei o Seminário *A Música*, disse a algumas pessoas que ali encerrava minha leitura de Lacan. Espero que percebam a dimensão e de quanto temos que explorar, pois trata-se aí do fundamento da clínica, da Indiferença, etc.

Lévi-Strauss decidiu que a maioria dos antropólogos sempre encontrava interdição do incesto nas culturas, por isso tomou-a como universal. Suponho que, para um grupo humano que começa a nomear os indivíduos em sua relação de parentesco com outros, seja fácil usar a interdição do incesto para organizar esta nomeação, mas só isto. Não é um universal que se usa, e sim um freqüente que facilita. Uma cultura hiper-secundarizada como a nossa precisa

de interdição do incesto para quê? É só uma repetição do quase-macaco que fazemos até hoje porque isso virou um sintoma moral – não muito respeitado, aliás. O que podemos pensar é que, em toda cultura, há um universal que é: fazer recorte. Concordaríamos se Lévi-Strauss dissesse que toda cultura tem interdições. Lembremos também que ele não foi tolo, pois disse que a interdição do incesto organiza a ordem do parentesco. Isto é aceitável, mas não por ser universal, e sim um facilitador. Por isso, a interdição do incesto é figurada das mais diversas maneiras. Em certas culturas, é proibido o irmão e a irmã verem um ao outro comendo. Isto só para poder dizer que irmão é aquele que não vê a outra comendo. O universal é que não existem culturas sem recorte, sem exclusão, sem recalque.

Tomemos o exemplo de *Édipo*, de cuja anedota, aliás, temos que nos libertar de uma vez por todas. O que lá existe é apenas um Princípio de Disjunção: algo vem separar aquilo que está colado. Sem o entendimento do *separare*, não há como entrar no processo de exclusão e recalque. Os textos iniciais de Freud chegam a ser bobos – o menino com a mãe, a menina com o pai... –, quando se trata de fato de alguma instância, qualquer, que separa. É claro que a pessoa fica com raiva, mas pode ser a chuva que vem separar. Portanto, em bom português, é o princípio do empata-foda. Como as pessoas em geral não são tão inteligentes, tomam a obra de alguém que estava montando um aparelho de entendimento e ficam só com a anedota. Se acaso Sófocles quis falar disso, trata-se de uma metáfora, mas não há que ficar com ela, e sim com o raciocínio abstrato que ela encena. Repetindo, é um princípio de disjunção exercido por qualquer função empatadora. Tirésias não foi punido e virou mulher por empatar a cópula das cobras? Ele foi o agente do princípio de disjunção e trocou de sexo: entrou no Revirão, ou seja, comemorou a cópula.

Evocar algo *in absentia* como processo de reversão, é o Revirão por inteiro. Posso passar de *noite* para *dia* no Secundário à vontade, independentemente de a experiência ser aqui e agora. De início, os opostos são instalados pela experiência *in praesentia*. Estamos diante do dia e vemos que escurece, aí estamos diante da noite. Em algum momento, aquilo começa a ser nomeado e se faz uma marca para cada experiência. Depois, começa-se a usar

apenas a marca: toma-se a marca e diz-se *noite*, mas fora não está a experiência de noite. Este é o princípio da linguagem. Se não temos um nome para cada experiência, ficamos angustiados. Há que tornar-se poeta e inventar um nome para aquilo que não está lá. Ou bem se inventa, e se tem sucesso onde o paranóico fracassa; ou bem se é doido... Ele está acossado por uma presentificação que ainda não tem marca. É um empuxo no sentido de uma significação e ele se vira para colocá-lo realmente como uma Formação do Haver manipulável por qualquer um.

30. Em textos de 1988, intitulados *O Estalo do Espelho* e *O Epitáfio do Espelho*, retomei a questão da função catóptrica sobre o estádio do espelho, em que Lacan pensa o júbilo da criança como da ordem do especular. Minha pergunta é: se alguns animais, como sabemos hoje, reconhecem a imagem no espelho e não entram em júbilo, por que nossa espécie entra? Parece que, em sua cabeça, algo goza. É, aliás, isso que marca, pois é uma experiência vigorosa. O bebê deve ficar num fricote terrível, já que aquilo lá mexeu com umas coisas que encontra correspondentes ali nele. É a “ereção abstrata no fundo da alma” de que fala Fernando Pessoa. Se lembrarmos do que Freud dizia sobre representação de coisa e representação de palavra, veremos que uma experiência pela experiência é representação só de coisa. Quando damos uma marca para a experiência, que é o que Lacan quer chamar de representação – como sabem, não gosto deste termo –, fazemos uma representação de palavra, aderida mesmo à representação de coisa. Assim, temos uma representação de coisa colada a uma representação de palavra. Mas como a língua desliza, a representação de palavra para a mesma coisa pode ser infinita. Onde, a poesia. As palavras ficam gastas, perdem o impacto. Aí é que o poeta vai procurar dizer de outra maneira para poder recuperar a força da coisa. Trata-se de recuperar a força da experiência mudando as palavras para dizer aquilo, e não repetir o que está no jargão. Quando inventei a idéia de Revirão, foi uma dificuldade dar-lhe um nome. Lembrei-me de Joyce, de seu *Riverrun*, que, se não revira, pelo menos dá a volta. Quem ajudou mais foi Glauber Rocha (1939-1982), que intitulou um livro seu *Riverão Sussuarana* (Rio de Janeiro: Record, 1977). Quando o encontrei, disse-lhe que tinha dado

o nome errado, pois o correto seria Revirão, mas ele certamente seguira a via dos irmãos Campos, que traduziram *riverrun* por *riocorrente*.

Reconheço isso tudo nos neurônio-espelho, pois já havia pensado essas coisas. Os cientistas acham que tudo se resolve em seus laboratórios, mas, se prestarmos atenção, também nós veremos e basta aguardar maiores confirmações. O enfoque deles depende de ver a coisa funcionando, como também vi, aliás. O que fizeram foi colocar uns aparelhos e observar que um tipo de neurônio faz daquele modo. Os lingüistas, se já não o fizeram, juntarão as etapas, pois não há como não fazer assim. Os biólogos também reconhecerão, pois há precursores para o que acharam em laboratório: Wallon, Lacan, o Revirão, etc. Estes já tinham entendido o processo e apostado, como eu pelo menos, que está dentro do cérebro. Em algum momento, cheguei a pensar que o cruzamento especular do tronco cerebral pudesse ser responsável pelo Revirão, agora vejo que é mais delicado, que há neurônios especializados em revirar. O que interessa é que aquilo vai se avessando a ponto de criar uma imposição sobre o Primário. Por exemplo, as experiências de avessamento do transexual. O cérebro foi para um lado, o corpo para outro e ele fica desesperado. Como arrancar o cérebro fica difícil, ele se dispõe a arrancar outras coisas...

10/JUN

31. Sugeriram-me que lesse e comentasse o conto *O Espelho*, de Machado de Assis, escrito em 1882. É o alferes Machado. Li-o pela primeira vez há uns cinquenta anos e confirmo que Machado era brilhante, além de escrever muito bem. O texto tem um subtítulo que parece de ensaio ou de pseudo-ciência: “Esboço de uma nova teoria da alma humana”. É interessante como ele tenta esboçar essa teoria, não consegue, mas chega perto. De saída, diz: “Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência”. No início do parágrafo seguinte, pergunta: “Por que quatro ou cinco?” Porque “havia na sala um quinto personagem, calado”. (Isto me fez lembrar

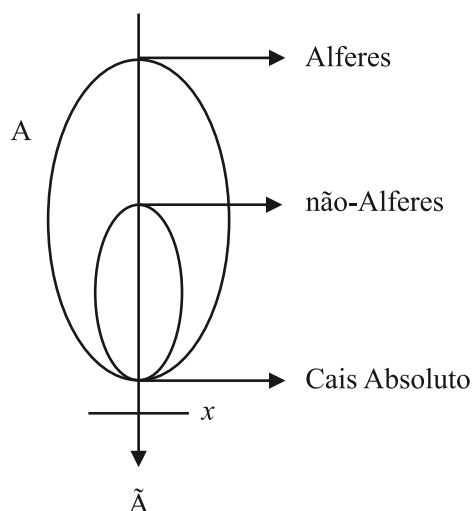
do famoso Cartel, de Lacan, com seu Mais-um. Quem sabe se ele não o tirou daí? O que chamava de tempo lógico, tirou de um conto de Malba Tahan, que está n’*O Homem que Calculava* [Rio de Janeiro: Record, 2001], originalmente publicado em 1938. Como ele disse que era de um argentino, talvez o tenha lido na tradução em espanhol). O quinto personagem era calado por achar uma “herança bestial” ficar discutindo. Era uma besta como os outros quatro, só que achava assim. Como discutiam sobre a “natureza da alma” e não chegavam a um acordo, um dos argumentadores pediu ao quinto que opinasse. Ao que ele redargüiu: “Nem conjectura, nem opinião [...] Mas se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que se ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria...” É importante em sua posição o fato de não discutir, mas contar. Ele tem uma teoria, que, certamente, é a de Machado: “Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro...”

Ele cita Shylock, personagem judeu em *O Mercador de Veneza*, de Shakespeare, para dizer: “Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência”. Lacan também fala de Shyloock, o qual exigiu que meio quilo de carne fosse retirada do corpo do devedor de um empréstimo que fizera. Como ele se dá mal porque perde na justiça, o quinto personagem de Machado diz: “A alma exterior daquele judeu eram os seus ducados; perdê-los equivalia a morrer”. Mais adiante, continua: “Conheço uma senhora [...] que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano [...] Essa senhora é parenta do diabo, e tem o mesmo nome: chama-se Legião...” Ou seja, está falando da massa. Como não existia este conceito naquele tempo, chamou de Legião. “Eu mesmo tenho experimentado dessas trocas” – e passa a contar um episódio ocorrido com ele: “Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da guarda nacional”. Alferes, naquele tempo, era tenente da guarda nacional, o que era coisa muito importante: “Houve alguns despeitados; [pois] o posto tinha muitos candidatos e [...] estes perderam”. Por outro lado: “Tive muitas pessoas que ficaram satisfeitas com a nomeação”. Sobretudo, uma de suas tias:

“D. Marcolina, viúva do capitão Peçanha, que morava a muitas léguas da vila, num sítio escuro e solitário, desejou ver-me e pediu que fosse ter com ela e levasse a farda”. A tia estava com saudade do capitão e “apenas me pilhou no sítio, escreveu a minha mãe dizendo que não me soltava antes de um mês, pelo menos. E abraçava-me! Chamava-me também o seu alferes. Achava-me um rapagão bonito. [...] E sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda hora. Eu pedia-lhe que me chamasse de Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o ‘senhor alferes’. [...] Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro a ser servido”.

A tia Marcolina “chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica que destoava do resto da casa, [e que fora comprado] a uma das fidalgas vindas em 1808 com a corte de D. João VI”. Ele está compondo o personagem que vai constituir sua alma exterior. Conseqüência: “O alferes eliminou o homem”. Observem que Machado procura uma maneira de distinguir duas coisas que não sabe bem o que sejam. Se o alferes eliminou o homem, estará ele falando da alma interior? “Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade”. A alma exterior “mudou de natureza [...], tudo o que me falava do posto, nada do que falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado”. O que nos interessa é que Machado, literariamente pelo menos, tenta fazer a distinção entre um homem verdadeiro, que seria a alma interior, e o homem criado pelas referências externas. Ele não consegue, pois quando descreve o homem verdadeiro, fala do passado, ou seja, fala de outro homem exterior, só que anterior.

32. Se pensarmos sobre o texto, veremos que, na verdade, se Machado tivesse conseguido estabelecer alguma diferença adequada, estaria tentando fazer o que chamamos de diferença entre Haver e Ser.



O conto nos serve para ver que não consegue. Quando pensa falar de uma distinção entre interno e externo, fala de uma distinção entre um externo atual, que tomou conta da situação (o personagem virou “o alferes”), e um externo anterior, que eram suas outras nomeações. O alferes é aquele que a tia e os escravos diziam que ele era, o qual fez com que o homem sumisse, mas ele não consegue definir com clareza o que fosse tal homem. Quando tenta, fala do homem anterior, do cidadão que ele *era*. Entretanto, como Machado é genial, acaba dizendo de algum modo a diferença entre Haver e Ser.

Voltemos ao texto: “Ora, um dia recebeu a tia Marcolina uma notícia grave; uma de suas filhas, casada com um lavrador residente dali a cinco léguas, estava mal e à morte. Adeus, sobrinho! Adeus, alferes!” Ocorre, então: “Fiquei só, com os poucos escravos da casa [...] Desde logo senti uma grande opressão, alguma coisa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cárcere [...] Era a alma exterior que se reduzia; e estava agora limitada a alguns espíritos boçais” – que eram os escravos, os quais continuam puxando seu saco. Até que ele percebe que faziam isso para poder fugir. Largam-no sozinho num casarão com o espelho dentro de seu quarto. Ele entra em crise: “Minha solidão tomou proporções enormes. Nunca os dias foram mais compridos, nunca o sol abrasou

a terra com uma obstinação mais cansativa”. Ele ficava ouvindo o tic-tac do relógio, nada mais tinha para ouvir. Aí Machado faz uma interessante e bela figura literária sobre o tic-tac: “Um piparote contínuo da eternidade [...], era um diálogo do abismo, um cochicho do nada”. É quando ele começa a conseguir dizer. Antes, confundira uma outra alma exterior, que queria definir, com a interior, mas quando define a posição e o sentimento, começa a definir o personagem perdido do Ser e de cara com o Haver. Ou seja, define sua exasperação no Cais Absoluto. De início, dá a impressão de estar dialetizando o “alferes” e os “não-alferes”, mas quando vai fundo nas sensações e sentimentos, coloca o personagem no Cais.

Para o leitor desavisado, parece que, antes, Machado define o eu interior com o que não era o alferes. Depois, vai depurando e consegue definir, mas não sem antes titubear e se perder um pouco. Não tendo ferramenta para distinguir, distingue literariamente mediante a descrição gradativa da solidão e do mal-estar do personagem, e mesmo assim não deixa claro. Como tenho ferramenta, posso distinguir e definir melhor.

- P – *Não poderíamos dizer que ele deixa o leitor na dúvida, quer ironizar?*

Não acredito nisso e não cabe endeusar Machado, como costumam fazer. Ele era um excelente escritor e é brilhante ao conseguir distinguir por via literária de descrição dos processos, mas, do ponto de vista de distinção, só consegue como efeito, pois fica na dúvida.

Em meu esquema, situo o personagem no Cais Absoluto. É o lugar em que ele está na situação de Há!, de Haver – e o Ser foi para as cucuias. Está de cara com o não-Haver, que é a única oposição ao Haver, pois os Seres foram embora. Durante o período em que estava perdido, olhava para o espelho e não se reconhecia: “não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra”. Como ele se adaptou ao Ser do alferes, não conseguia recuperar nenhum Ser, nem anterior. Machado é brilhante ao mostrar o que ele faz para sair do mal-estar: toma a pior opção possível. Ao invés de se deparar com aquilo e se entender como um perdido dentro do Haver, corre para o Ser: veste a farda e olha para o espelho. É

quando vê quem ele é. Interessa-me mostrar que Machado acaba deixando literariamente estabelecida a diferença de que a alma interior, se ela existe, é zero, é radicalmente indiferente, e que as outras são todas exteriores. Ou seja, é a oposição entre Haver e Ser. No Haver, está-se absolutamente presente, mas em abismo, infinitude, eternidade, e até em angústia, em exasperação total. Sua saída foi correr para o Ser. Coisa que os místicos, por exemplo, não fazem, pois mantêm a suspensão e começam a delirar em torno daquilo. Como a exasperação deles se dá entre Haver e Ser, no ponto (x) do esquema, inventam algo para colocar aí, Deus ou outro troço qualquer.

Minha intenção ao considerar o conto é mostrar que o personagem corre para um dos lados, o lado anterior que a tia lhe havia definido, para descansar no ser alferes: “Daí em diante fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando...” Ou seja, internalizou de vez o alferes como o Ser dele. E mais, o conto é de 1882... e catorze anos depois, em 1896, Machado consegue construir e vestir seu alferes: o fardão da Academia.

33. Se tomarmos o que venho falando sobre a idéia de Pessoa, poderemos dizer que Pessoa é o alferes afetado pelo Cais Absoluto. O que classifica, define, determina a espécie das IdioFormações é esse lugar, o eu que Machado chamou de alma interior. É fundamental entender que somos absolutamente indiferentes, desnomeados e que o resto é figuração. Aliás, nem gosto de chamar de eu esse lugar, pois é o lugar do Há! Ser e Haver são a constituição de uma Pessoa, a qual é Haver Sendo. O Ser é personagem e o Haver é lugar de puro Haver, o qual não é Ser, eu, nada, e sim Trauma, aquilo que o personagem sentiu. Como disse, o interessante para nós é considerar a experiência literária de Machado pensar uma situação e conseguir dizê-la. Às vezes, os poetas vão mais longe que os teóricos, mas é preciso uma ferramenta para fazer a leitura que fiz, sem a qual não distinguimos. Portanto, o Haver é essa experiência e a Pessoa é esse Um que há na prática sobre o mundo. A transa no mundo faz a Pessoa, que Há Sendo. Sendo qualquer coisa, pois o que me define não é o que sou, e Sim

que Há essa experiência radical e absolutamente indiferente. O que quer dizer indiferente? Onde nasce alguém, nasce neutro. Quando há uma criança, ela é absolutamente indiferente. Depois, é que será de tal língua, de tal país, de tal família. Tanto é que se nascesse em outro lugar seria completamente diferente, mas o Haver seria o mesmo e indiferente. E o trabalho da psicanálise é conduzir cada um a seu ponto de indiferença, arrancá-lo do Ser, o qual é da ordem da constituição de poderes, do estado, da filosofia.

Para a Psicanálise, trata-se de fazer cada um chegar a seu lugar de não-Alferes. O personagem teve a experiência de descobrir que era ninguém e ficou em pânico. No Cais, Ninguém é Ninguém... É este o trauma. Portanto, pare de pensar que você é alguém. A Nova Psicanálise veio dizer que a análise é o périplo da pessoa em direção ao lugar de sua **Indiferença Originária**. Já que não se pode fazer muita coisa no mundo, pois essa joça é assim, sempre foi e será, pode-se reconhecer isso. Para tanto, só sendo Ninguém. Então, há que olhar com olho de Ninguém e lidar com tudo descompromissadamente. Como sabem, o nome de minha deusa é Kaganda Iandanda. Aí temos a pessoa analisada.

● P – Poderíamos, quanto a isso, fazer uma diferença entre sua perspectiva e a freudiana? Para Freud, trata-se de transformar o ego em id...

É difícil colocar assim porque, através da minha leitura, Freud e Lacan são o que estou dizendo, apesar das ignorâncias de ambos. Não se trata de transformar o ego em id, e sim de elevá-lo a reconhecer sua condição de Isso: *Wo Es war soll Ich werden*. Para mim, é o que se chama Pedagogia Freudiana: levar a pessoa à sua indiferença. O percurso da análise é esfacelar o Ser, pois este é puramente ficcional, personalógico, etc. A neura está no Ego, em alguém acreditar que é mesmo aquilo que está sendo. Basta puxar o tapete para vermos que se desfaz na hora. Todo Ser vem de fora, é o que dizem dele. É o que o corpo diz. O corpo me é externo, e não interno. Meu lugar é no Cais. E mais, este esquema também foi dito, posso usá-lo, mas isto não é eu. A análise é estabelecer a radical distância entre Haver e Ser e abdicar de Ser, o que não significa deixar de usar todas as **possibilidades de Ser**. Usar é diferente de Ser

aquilo. Quando falo dos usos *ad hoc* das situações, é isto. Se me derem uma farda, sou alferes. Há tempo chamo atenção para o lugar do **ator** – quando há ator –, que é o de recolher-se à indiferença e a partir dela Ser qualquer coisa. Quando eu, como Pessoa, estou no mundo é o Haver radicalmente indiferente ao mundo determinando o mundo. Por isso, posso dizer: o Mundo sou Eu, a cidade sou Eu... Eu, minha parte indiferente e radical, é que determina Mundo. Determina hiperdeterminando, ou seja, vai criando, recolhendo o que tem, criando em cima e determinando e produzindo Mundo. Portanto, Eu é esse Mundo radicalmente diferente de qualquer outro Eu, de qualquer outra Pessoa. E todos são absolutamente iguais e mesmo idênticos nesse lugar. Por isso, no início do conto de Machado, o quinto personagem diz que não vai discutir, pois quem está nesse lugar – que é o lugar do analista – aceita tudo e nada tem para discutir com outrem. O que quer que este diga está certo. Está ali para ele se ver na distância, e não para ser julgado se está certo ou errado. O outro que se veja em sua indiferença.

● P – *Isto se produz mediante recalque?*

É formação do Haver via recalque. É onde está o gênio da frase de Freud que citei acima: *Wo Es war soll Ich werden*. Lacan tomou o *Es* e transformou em *S* de sujeito. É *Es*, Isso, puro Haver. O Sujeito está compromissado com a Pessoa. Por isso, tirei a palavra Sujeito e coloquei a palavra Pessoa. *S*₁, *S*₂, a e *\$*, está tudo compromissado, e não é simplesmente o bruto de Haver, a indiferença radical a todas as outras formações. O sujeito de Lacan fica parecido com o ego, pois não pode se manifestar fora dos discursos. Lacan não fala de uma experiência de não-sujeito, que é o meu caso. Ele fala de processo de des-subjetivação e fica uma coisa *floú*, pois ele devia ter dado um nome a isso e mandado o sujeito às favas. Já que não o fez, faço eu.

● P – *Experiência de Haver e experiência de quebra de simetria estão no mesmo lugar?*

Estão no mesmo lugar e no mesmo momento, mas são duas definições diferentes. Haver é processo, trauma de castração. O fato de as concepções ocuparem o mesmo lugar não deixa de distingui-las, pois não se pode pensar

em termos de coisa. Estamos falando de aparelhos teóricos de definição. Portanto, o lugar geométrico da Quebra de Simetria é o mesmo da experiência de Haver, só que considero a Quebra de Simetria com o nome de Castração e o Haver com o nome de Trauma radical – é uso teórico. Lembrem-se de que o que define uma IdioFormação é seu lugar no Haver, pois o resto as outras formações também têm. Qualquer bicho *é*: cachorro é cachorro, vaca é vaca. O homem não *é* isso nem aquilo. A IdioFormação, apesar de estar sendo ou ter sido, como diz Hilda Hilst, não *é* isso e nem se pode dizer que *seja* o Haver, pois o que a define é a pura experiência de Haver.

O Haver é puro espelho, o qual espelho, no Princípio de Catoptria, não está diante, é ele que funciona. O espelho é neutro e a psicanálise tenta reconduzir as pessoas a esse lugar para se entenderem como Pessoas na relação de Haver e Ser, na relação de IdioFormação, que está afetada pela HiperDeterminação e pelos Seres. Ser algum qualifica a IdioFormação, o que a qualifica é Haver. Ela é essa experiência, só que esqueceu. Por isso, falo em **anamnese**. A análise é reconduzir a pessoa para lá. Não há ninguém que já não tenha passado por ela, ainda que seja a porradinha do nascimento. Otto Rank escreveu um livro grosso buscando explicar todos os processos neuróticos ou psíquicos do futuro através do “trauma do nascimento”. Freud achou esquisito porque o livro é esquisito mesmo, procura explicação até em modos de nascimento quando é simplesmente o trauma de haver nascido. Ou seja, todos já passaram por essa experiência, mas colocam tanta coisa da ordem do Ser por cima que a experiência fica denegada e todos são alferes.

Se a Lei diz “Haver quer não-Haver”, como não-Haver não há, a única possibilidade é o Cais Absoluto. Onde tudo se neutraliza é o único lugar em que se pode eventualmente falar de coisas como liberdade, paz, serenidade. Se o analista, em sua formação, não aprende a freqüentar esse lugar o mais possível, deve desistir do trabalho. Se não, o tempo todo escutará com o *parti pris* que é seu. Se usar o do analisando, não tem importância, pois é uma maneira de empurrá-lo. Ele está falando, logo é. Como não seria? Na análise, joga-se *ad hoc*, ou seja, com o Ser que trazem, pois o meu não interessa. Quando acompa-

08/JUL/2006

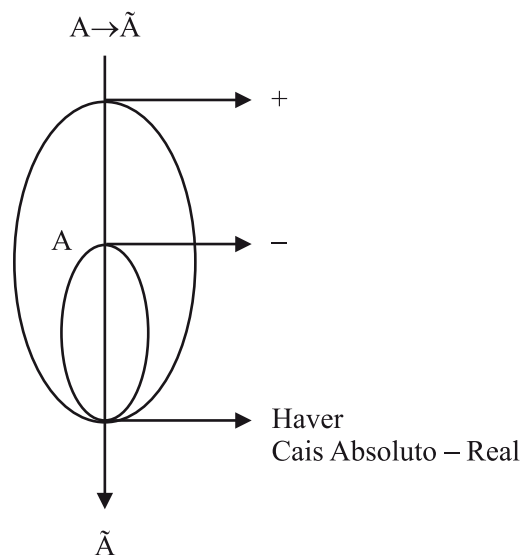
nhamos o processo de análise de alguém, mesmo que o analista seja o melhor possível, dá a impressão de que ele joga coisas próprias, mas, se for realmente analista, está sim equivocando com outros lados sobre o que lhe foi trazido, e não sobre o que “acha”. Isto, para empurrar a pessoa para qualquer lado, para ela deixar de ser aquela paçoca que freqüentemente é. Lacan chamava isto de *desêtre*, des-ser. Não se pode transar Mundo na indiferença. Pode-se manter indiferente diante das transações, mas não transar na indiferença. Qualquer coisa que se faça, já diferenciou. O que é possível, é ter a referência constante de que tudo isso é serzisse, que é assim que funciona, só que não é preciso acreditar nessa lorota. Um analista, diante de qualquer posição, diz: “Não venha com determinações e conclusões, pois não me interessam”. E isto é uma posição política (que vale para qualquer posição, aliás). Só podemos tomar posições *ad hoc*, as quais são apenas expedientes com os quais não temos compromisso. Esta é a postura do analista.

O que queremos mesmo é o Impossível, mas o que há é só imanência pura e contingência dentro da imanência. O trauma é que gera um acontecimento. Chama-se: HiperDeterminação. O Trauma é a imanência pura. As pessoas pensam que é um mal-estar, uma decepção, mas o trauma *Há*. Quando alguém toma uma porrada na vida fica querendo entender, mas o que faz é só lembrar da “outra” porrada, pois não há nada para entender. Aconteceu algo que rememora o Trauma. Fica-se na situação do alferes sem farda e procurando a significação no evento, mas não há sentido algum. Estamos todos danados, pois **a vida só tem um sentido: Haver quer não-Haver**. Tomem o exemplo do chamado travesti, que é farda como o alferes. Em vez de perceber que pode transar qualquer uma a partir do ninguém que é, quer ser alguém que tem a transa *x*. É igual ao machinho. Certa cantora popular, quando lhe perguntaram se era bissexual, respondeu: “Bissexual, como? Só tenho uma boceta, e com ela faço de tudo. Como os meninos e as meninas, mas só tenho um sexo”. Travesti quer viver fardado, ser Alferes, entrar para a Academia, ser alguém. Não consegue se dar a experiência de Ser Nada, que é quando Vale Tudo – na Saúde talvez.

08/JUL

34. Digo que Haver é uma **experiência**, e nada tem a ver com Ser. Ao mesmo tempo, digo “o Haver”, como se fosse **tudo que há**. É preciso conceber com clareza estas duas posições. Primeiramente, há a experiência de Eu haver, a experiência de haver sem discurso. Se começar a falar sobre essa experiência bruta, já entrei na ordem do Ser. Segundo, diante do que comparece, a presença que costumo chamar de Eu, há também a experiência de haver coisas. Como é uma experiência dura e não sei dizer a respeito desse Haver, começo a proliferar na ordem do Ser. Há, pois, as duas conotações: (a) Haver enquanto experiência bruta, de que estou aqui, de que estou sozinho, não entendo e não sei por que – experiência esta que vai obrigar os desenvolvimentos do que chamo de Ser –; e (b) a experiência também, junto com essa, de que há coisas. Não vou falar em “mundo”, pois este é da ordem do Ser. O Haver como tal, aqui e em qualquer situação, também é uma experiência minha. Nem acredito que exista o Ser como os filósofos pensam. Para mim, é da ordem de querer explicar o Haver, que não é explicável. Aí já estamos na ordem dos haveres, das Formações do Haver, que, do ponto de vista de Haver, são brutas, não se explicam.

Já por outra ordem, como digo que a estrutura mental funciona em Re-
virão, minha experiência de Haver só se dá entre Haver (A) e não-Haver (Ã).



Esta experiência é de todos, ainda que tenha sido freqüentemente esquecida. O que se passa em regime de Revirão já são as formações, inclusive as formações secundárias. É a falação horrorosa que chamamos de Ser e o tal Mundo, que depende da ordem do Ser. Já lhes disse que a diferença que Lacan quer fazer entre Ser e Ter (o falo) é inconcebível no nosso esquema, pois não há distância alguma entre estes dois verbos. O que é Ser? É *ter* tais e tais formações em jogo. Qualquer discurso a respeito de algum Ser mostra uma formação que *tem* isso e aquilo, pois lhe pertence, está incluso.

35. Vejamos o verbo **existir**. Uma caneca, por exemplo, não existe, ela é isso ou aquilo e há. Existir, para ser rigoroso, é coisa das IdioFormações: elas ex-sistem no seio do mundo. É o Haver em sua emergência no mundo. A emergência do Haver no mundo é o existir na relação com o Ser. Como não quero ser filósofo, mas apenas distinguir as coisas, digo que nossa existência, existir, é essa coisa bruta, esse Haver bruto jogado no mundo.

Ex-sistência é emergência dentro do mundo: Eu existo no mundo. Meu estado de Haver é em Cais Absoluto em relação a não-Haver. Não podemos levar imediatamente em consideração a experiência de Haver no nível dos alelos (+ / -). Se o fizermos, faremos filosofia, religião, teoria, algo da ordem do Ser. No Cais Absoluto, em relação a não-Haver, é a experiência de Haver. Quando digo 'Haver quer não-Haver', isto é movimento de transcendência. Então, podemos dizer que a Pulsão é transcendental, só que seu transcendente não há.

Algo que, em nossa teoria, pode ser bastante irritante para alguns é dizermos que **ALEI é transgressão, pura *hybris***, como se diz em grego. É transgressiva na medida em que quer o Impossível (Ã), em que designa o movimento pulsional, o movimento transcendental da pulsão, no sentido do Impossível. Então, não confundir ALEI com as resistências, pois quem diz que *hybris* não pode ser ALEI, tomou partido da resistência. É o caso da filosofia, da religião, etc., para as quais a Lei não pode estar designada como excesso. O que entendo que a psicanálise tem e que nada tem a ver com a filosofia é justo

a transgressão, o desejo de Impossível. Tanto é que esta espécie transgride tudo, produz cultura, tecnologia... A Lei de formação da IdioFormação e do Haver é transgressiva, impedida pela massa recalcante das resistências. Esta transgressão também se chama *entropia*. As resistências são contra a entropia, mas ela vai vencer, pois é ALEI – e lei física, natural, dada, portanto, o artifício do Haver. A *hybris* é o que Freud descobriu como Pulsão de Morte, o que é destrutivo para as formações que resistem.

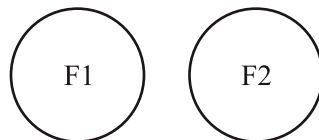
Radicalmente, o não-Haver é o transcendente enquanto tal. Então, como o movimento da pulsão é **transcendental** no sentido em que vai em busca de não-Haver e não o consegue, pois é impossível, o sentido do movimento parece ter um lado só. No desenho acima, colocamos o não-Haver (Ã) do lado de fora, o que significa que, em A, a pulsão vai no sentido de Ã, quebra a cara, quebra a simetria e volta. O sentido é um só, pois não há outro lado, apenas revira em seu movimento e continua no mesmo movimento, do mesmo e único lado.

Para entender o que quer dizer transcendental na Nova Psicanálise, tomemos a história do **sujeito** e do **objeto** (categorias, aliás, que não mais nos interessam). Falamos deles didaticamente, mas é preciso até mesmo tirá-los de nossa fala. Os chomskianos, por exemplo, fizeram isto. Na gramática e na lingüística, falam em *tópico*, aquilo de que estou falando, e *comentário*, o que faço a respeito do tópico. Quanto a nós, consideramos que a coisa nasceu da ilusão aristotélica, que, mesmo quando criticada, caso de Kant, se difunde assim pelo mundo. É a ilusão de que há aqui um *eu*, um *subjectum*, e ali um *objeto*, um *objectum*, algo jogado diante do sujeito. Se é chamado de ob-jeto, não adianta Aristóteles ser transcendental, pois é ob-jetado diante do quê? De qualquer modo, ele privilegia o sujeito. Em sentido aristotélico, o transcendente é o objeto: o sujeito precisa adequar-se ao objeto para produzir um **conhecimento**. É uma adequação do sujeito ao objeto: o objeto determina o conhecimento. Só o fato de chamar de ob-jeto já significa que se considera que a posição é do sujeito e que algo é ob-jetado, jogado diante dele, ainda que este algo seja determinante do conhecimento. Como sabem, isto vai sofrendo deformações e o grande brilho de Kant, inspirado no heliocentrismo de Copérnico, é inverter

o pensamento até ele. Ao contrário de o sujeito girar em torno do objeto e este determinar o conhecimento, ele dirá que o sujeito é quem determina o objeto. O objeto é praticamente uma produção, o que resulta naquelas idéias estranhas de *a priori*, *a posteriori*, etc. Aliás, duvido que alguém demonstre a exata e precisa localização da fronteira entre *a priori* e *a posteriori*. Que provas podemos mesmo ter de que o *a posteriori* decorre da experiência e de que não há experiência na formação *a priori*?

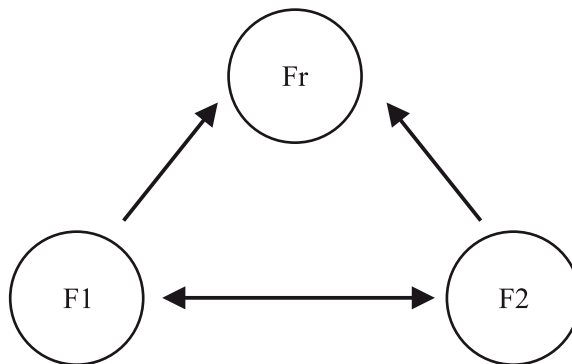
Quando falamos da relação transcendental que possa haver entre isto e aquilo – que não é sujeito nem objeto –, estamos falando do modo de produção do conhecimento. A grande ilusão é, pelo fato de ser preciso ter um cérebro, um corpo e ali justamente haver formações, supor que as formações que comparecem no conhecimento estejam dentro de alguém, pois estas formações são meras formações em relação, não há para elas nem dentro nem fora. Como a sede das formações é aqui, como a pessoa se exprime falando e isto vem desta carne, produziu-se a ilusão de que existe um interior e um exterior. Na verdade, as formações estão localizadas no cérebro, mas, em seu funcionamento, não há dentro e fora e tampouco *a priori* e *a posteriori*, pois uma forma *a priori* é a experiência de uma formação por outra formação. A fenomenologia, por sua vez, faz o esforço de dizer que está retornando ao objeto, às coisas, mas não retorna e fica mais idealista do que Kant ao concluir que nada há que não seja da ordem do sujeito. Em nossa teoria, não há sujeito. No entanto, há o movimento transcendental.

Numa **transa** entre formações, o que, digamos didaticamente, temos do “lado de cá”? Um conjunto de formações (F1). E “lá”? Outro conjunto de formações (F2). Isto, se fizermos um esforço para separar, pois o próprio “conjunto” já não se garante como tal.



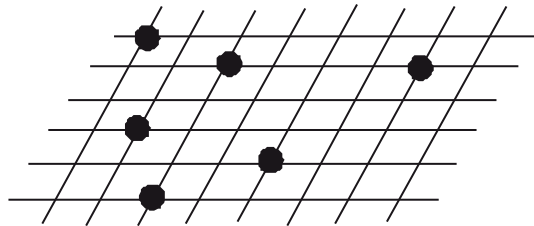
Merleau-Ponty foi quem chegou mais perto disto ao falar de uma “carne do mundo” e de um “quiasma” entre sujeito e objeto, de que Lacan se aproveitou para, no *Seminário 11*, dizer que, no caso da pintura, “o sujeito está no quadro”. O que há no conhecimento? Um conjunto de formações, que tem a disponibilidade de “percepção”, de “sensação”, de **transa entre formações**, de articulações, encontra-se com outro conjunto de formações, que tem suas disponibilidades. Por isso, neste teorema, não dizemos que o mundo só existe porque existe a mente ou o sujeito, e sim que *há* de fato, que tenho essa experiência como Haver: tenho a experiência de haver Eu e de Haver. Mas nossa concepção não é de que tudo esteja em F2, pois sem F1, F2 não se manifesta. No entanto, sem F2, F1 nada tem a dizer.

Para tirar a idéia de sujeito e objeto – que vão bater na lingüística e na noção de signo –, o que temos é: **um conjunto de formações que está em transa com outro conjunto de formações**. O conhecimento é a formação resultante (Fr), por mais louco e/ou alucinado que seja:



Ele não é necessariamente eficaz no sentido de que existe uma idéia de eficácia, e sim de que é eficaz agoraqui em relação a essas formações. Quando um homem primitivo olha para o céu e acha que a lua é um deus, este é um conhecimento não eficaz para estudarmos as marés ou viajar para lá, mas, nesse momento, tem eficácia no nível social e mítico. Quando um louco varrido delira e alucina, aquilo é também conhecimento do delírio. Outras formações que o entendam e o tornem

eficaz para com outras formações. Vejam, então, que esta é uma idéia inteiramente dinâmica de conhecimento e impossível de ser terminada. E mais, isso transa em termos de uma rede infinitamente grande, com vários pólos (●).



Ao distinguir um pólo, em que há foco e franja, vemos que o que temos de sua franja não dá conta de todo o pólo, pois a franja é infinitamente grande, e mesmo muita coisa dela que entra, de que temos a sensação de estarmos nos dando conta, não sabemos explicar direito. É a isto que se chama de *intuição*. Portanto, há que prestar atenção às intuições, pois são conhecimentos franjais ainda não focalizados.

Conhecimento é Formação resultante de transa entre Formações. Pouco importa se a transa for dentro de F1, de F1 com F2 dentro de F2, ou produzida por intervenção de próteses que acrescentarmos. Galileu, por exemplo, tomou a luneta, que então era um brinquedo, e olhou para os astros. Com essa prótese modificou a transa e o conhecimento resultante. É complexo, pois entram todas as transas que entram, as quais podem ser próteses complicadíssimas. Na medicina de hoje, temos aparelhos de ressonância magnética, ou seja, a invenção de percepções alugadas, de traduções perceptivas. Como é preciso de uma formação capaz de traduzir a apreensão do aparelho, ela entra na transa e produz um conhecimento resultante – mas com erros, sempre. Quando inventarem outra prótese mais refinada, verão que esta é meio tosca, diz mais ou menos, com eficácia menor. Vejam, pois, que o Sujeito morreu, e o Objeto também. *Resquiescat in pace*.

● P – Como situar a consideração psicanalítica de que o conhecimento como Formação, como transa e como resultante de transa de Formações, é de vocação delirante e eficaz em seu delírio?

As Formações são sempre vocacionalmente delirantes. Quando o primitivo se ajoelha diante da lua e faz rituais, isto é inteiramente delirante. Mas por que achamos que ele está delirando e nós não? Nosso conhecimento tem sido eficaz em outros níveis, são eficácias, digamos, mais ricas, mas o modo de produção é delirante e, às vezes, até mesmo alucinatório.

● P – *É possível conectar a vocação delirante e mesmo alucinatória com a própria natureza transcendental da pulsão?*

Por isso, o cientista tem que ficar fazendo provas: para provar que não é doido, que seu delírio tem eficácia. Quando falo de formações, não é coisa ou objeto, e sim as formações possíveis de se apresentar na transa. Há percepções, sensações, luz, próteses, etc., que, na transa, resultam num conhecimento que me diz que algumas formações vêm “de lá” que juntam com formações “de cá”. O que tenho na mão, por exemplo, não é copo ou objeto, e sim a resultante da transa entre certas formações. Por isso, Kant endoidece com o tal *noumeno*, que pode transcender, no real, para além do objeto, ou pode ser o conhecimento em estado puro. Não precisamos disso, pois é simplesmente que só se vê o que se vê – e se inventarmos próteses e dermos a volta em torno daquilo que lá está, as visões aumentarão. Isto vai bater no conceito de **Pessoa**. O difícil é entender que, quando digo **Eu**, é maneira de dizer, pois não faço muita idéia de quem seja. Só pode ser alguma formação que está chamando umas formações aqui, que se transam, de Eu. Ou seja, alguma formação de aprendizado linguageiro chama essa coisa que sinto – Eu enquanto Haver e mais umas transas que há “por aqui”, umas formações primárias e secundárias – de Eu, mas, na verdade, Eu mesmo é só o Haver como experiência, a respeito do qual não se diz nada, ele não fala, não conhece, está fora, é só pancada bruta. Então, não tem sujeito e não tem objeto, e sim formações e formações.

Quando digo que o conhecimento é dependente de uma transa, de uma transa-cendental, é no sentido de que F2 transcende F1, mas F1 transcende F2. É transa. Se tomarmos a óptica, que tem imagem real e imagem virtual, podemos dizer que o conhecimento é virtual. Lacan fez um esquema óptico com o vaso para tentar entender isto, mas acabou ficando no sujeito esburacado, que

é encarnado ainda. Para mim, é como se fosse um fantasma, um holograma. Então, transcendental não significa que o objeto transcende o sujeito ou que o sujeito vá constituir o objeto, e sim que isso é recíproco, é transa. E se tem transa, os dois estão na transa, são transcendentais: “o objeto transcende o sujeito e o sujeito transcende o objeto”. Tirando as palavras sujeito e objeto, temos: formações se transcendem reciprocamente. Há que pensar em formações em nível primário e secundário, pois a formação originária é hiperdeterminante. Um cientista metido numa transa dessas, querendo que a transa funcione para ele faturar um conhecimento, uma resultante nova, pode conseguir esta resultante por simples combinatória das formações, mas, do ponto de vista de aparecer o novo, só resulta quando entra a HiperDeterminação como uma das formações que faz emergir algo que aí está, mas nunca “fora visto”, nunca emergira.

Não se pode inventar nada de novo, apenas colher o que nunca se “viu”. Se digo que tudo é alélico, que até este universo só está aqui porque o outro alelo está oculto em outro lugar, quando ele aparecer, ninguém o inventou ou criou, simplesmente conseguiu-se “ver”. Qualquer coisa nova que apareça, já estava lá. Não há o “não estar lá”. A idéia que está em filosofias e teologias de que Deus é onisciente, onipotente, quer dizer isto: o Haver já contém o-que-quer-que, que está ou não recalcado. Por exemplo, a matéria e a energia escura não podem ser o outro alelo deste universo no momento da separação do Big Bang? Para meu delírio pessoal, o Big Bang é o momento da quebra de simetria. A explosão se dá na quebra de simetria, por isso esse universo ficou careta e lateral. Há um outro. Onde? Eles pensam que o Big Bang é a explosão do que há. Imaginemos que não. É o momento em que se quebra a simetria: o que há aqui, que conhecemos, fica “para cá”; e outro que há, a que não temos acesso, fica “para lá”. E se a matéria escura, a energia escura – eles acham que o universo é inflacionário para sempre –, for o outro alelo e essa coisa for *crunshar* (*to crunsh*), por causa do outro alelo? Ou seja, baterá de novo, e aí explodirá de novo... É tudo delírio, mas estou apostando.

36. Quanto ao que coloquei acima como F2, digo que são **Gnomos**, as formações que chegam à transa, que estão em transa. Haver formações de F2 em transa

não quer dizer que o F1 suposto esteja em transa, pois há um Real aí, meu ou dele, não faço idéia. O que está em transa são as formações, os gnômos. Para fazer distinção, já chamei F1 de **Gnômones**, que são aparelhos com os quais se vai aproximar o “objeto”. Temos, então, formações-gnômones e formações-gnômos. Servem didaticamente, mas chega um ponto em que, assim como critico Kant, tenho que criticar isto, pois não sei mais distinguir com precisão. Ou seja, posso conjecturar a posição F1 como gnômone e F2 como gnomo, mas não posso precisar até a última instância.

- P – *A HiperDeterminação é uma formação que entra nessa transa?*

Entrará ou não. Quando entra na transa, ela desvela o Haver. É preciso lembrar que *conhecimento* é algo extremamente precário, tem moda, transferência... Por exemplo, um Newton chega a certa concepção que, antes, ninguém sequer pensara próximo dela. Todos ficam encantados, entram em transferência com Newton e sua obra e aquilo fica encroado – é conhecimento por transferência. Há conhecimento por voto: nove entre dez antropólogos votam na interdição do incesto e ela ganha a eleição na urna de Lévi-Strauss. Mas alguém que realmente pensa toma todo e qualquer conhecimento como precário e *ad hoc* – e fica livre dele. Tomar qualquer partido já é patológico.

Vocês se lembram de que escrevi o **Signo** como: Significante / significado / Gnomo, que melhor se escreve em forma de triângulo, que é quando fica parecido com o triângulo de Ogden & Richards, mas não é deste que se trata aí:



Ogden & Richards colocam significante / significado / referente, e, ao tentar explicar o referente, dizem que é uma coisa, um objeto. Em meu desenho não há referente, e sim gnomo. Quando uma frase da ordem do Ser – ou seja, do que tem ali como frase – se diz como significado de algo, está querendo explicar, explicitar o quê? Uma Formação ou um conjunto de Formações que foi

captado nesta relação. Digamos que seja uma **Formação Resultante**: há uma transa e uma Formação Resultante que se chama Significado – e o nome do Significado é: Conhecimento. Significado é suposição de conhecer algo. Toma-se a formação resultante – que não é senão significado da transa – e põe-se em cima um selo, lingüístico ou qualquer outro. Significante sempre remeterá a um significado, que é conhecimento de um gnomo. Agora, faço a crítica e me dou conta de que isto está euclidiano demais, pois é significado de uma resultante, é um conhecimento. Sabemos nós falar do gnomo, que não é coisa nem objeto? Que formações visuais, espaciais e outras transas internas me entregam o que chamo, por exemplo, de “copo”? São formações, e isto não atinge Real algum dali, que é inatingível, porque é o meu que o é, e do qual não posso falar, pois ele apenas propicia o movimento de e fico querendo dar conta.

Aliás, poderíamos melhorar e escrever: Significante / significado / Resultante, pois quando digo Significante / significado / Gnomo, fica parecido com Ogden & Richards, o que pode confundir o entendimento. Na verdade, dou nome a um conhecimento que é resultante disso. Posso também chamar de Significante e conhecimento ou Resultante: S / R. É a isto que posso dar nome. Pouco importa se, aí dentro, seja resultante de F1 com F2 ou de F2 com F1, pois, no nível do Secundário, as formações acabam se conhecendo. É o que, antigamente, chamavam de introspecção, mas não há “intro” alguma: todas as formações são externas umas às outras.

● P – *Entra-se num mecanismo de busca, digita-se a informação que se quer e o resultado é uma rede de várias formações, só que você também é mapeado, seu rastro fica ali.*

Não há mais que olhar para pessoas no sentido de sujeitos e objetos. É uma rede, o troço está “entre”. Caímos na ilusão de que, como sou eu que estou falando e supostamente essas coisas se deram em meu nível de F1, então fui eu que fiz. E se foi o troço que me fez? Mostra-se a um primitivo a imagem de uma pessoa no aparelho de televisão e ele procurará atrás do aparelho pela pessoa. Se vir um filme em que a imagem de alguém sai da tela, ele correrá atrás para ver onde foi. É difícil entender que, sem a conexão e a emissão, um

aparelho de televisão não é nada? Ao invés de a pessoa se reconhecer como *medium* – singular de *media* –, ela se toma por origem. Ou seja, ela está no cruzamento de muitos elementos de uma rede, e como ela – ou qualquer outro – eventualmente tem a condição de captá-los, pensa que fez, criou, inventou. Essa rede vai longe, ao passado, a tudo que ela leu, percebeu, não tem fim. Aconteceu ali. E mais, depois que aquilo se disseminar, onde está a origem? Por exemplo, qualquer um que estudar Kant é Kant, pois, para efetivamente compreender o pensamento dele, teve que concebê-lo outra vez. Se entendeu, concebeu de novo.

● P – *Neste sentido, a idéia de autonomia, em Kant, piora o conceito de sujeito. O cogito cartesiano não é autônomo, depende da idéia de Deus.*

Descartes é melhor, mais verdadeiro, diz que é apenas um aparelho de televisão. O Haver me faz ocasionalmente ser *medium*. Kant, não, ele é ego puro: pensa, faz, resolve...

● P – *E Kant é colocado na origem da modernidade.*

E a modernidade é a titica kantiana em que o individualismo é que é importante, quando indivíduo não é senão um recorte feito sobre o corpo, do porco. Como o corpo é razoavelmente deslocável – aliás, até certo ponto, pois pode morrer –, separa-se o indivíduo e vai-se fazer tudo em benefício dele. Está errado, pois há que fazer tudo em benefício do Haver. É o que François Laruelle chama de homem com'Um, enquanto real, sozinho, isolado e sem relação com nada, nem com o saber – esse é o lugar a ser preservado. Os direitos individuais são importantes não por causa do indivíduo, e sim por causa do homem com'Um. Como o homem com'Um está embutido numa certa individualidade, é preciso a preservação total dos direitos do indivíduo – só por causa disto, e não por causa do indivíduo.

● P – *Você pretende manter o S / R?*

Vou pensar melhor, pois isto me ocorreu hoje aqui. É melhor dizer que se trata de nome, significante e um conhecimento.

37. O Kaos é a ordem: a ordem é o Kaos. Se o Haver se desempenha da maneira que se desempenha, produzindo universo, depois destruindo, etc., isso é

o Kaos – cuja ordem não sei ler. Não sei ler a ordem que há no Kaos. É a razão obsessiva que regionaliza o mundo e dá uma ordem a ele. Como a verdadeira ordem não pode obedecer a esta ordem boboca, a razão obsessiva chama aquilo de Kaos e isto de ordem. A ordem jamais deixa de comparecer, só que não é a que eu queria ou a que determinei. Não é o Estado, a família, e sim a ordem do Haver: o Kaos. É ordem caótica, fractal. Ou seja, a razão obsessiva compulsiva desenha uma ordenzinha imbecil, à qual a *hybris* da Lei – que é da ordem caótica do Haver – jamais obedecerá, e vai comê-la, nem que seja por simples movimento entrópico. Conhecemos os rituais que o obsessivo faz para as coisas darem “certo”. Sua vontade é de que nada saia do lugar e faz um enorme esforço ritualístico para que nada mude. É a isto que ele chama de ordem, e o resto é caos. A ordem é o Kaos – e temos que nos virar dentro dela, pois, às vezes, faz coisas das quais não estamos a fim, não gostamos. A suposição de cosmos em oposição a Kaos é vontade de estação – estação no Ser, isto é, no tido –, é a ordem obsessiva. Não é nem no devir, no vir a ser.

● P – *O lugar do Kaos na topologia do Revirão é homotópico à HiperDeterminação?*

É homotópico à ALEI. Se Haver se dirige para não-Haver, todas as resistências são abaláveis. A única ordem é: Haver quer não-Haver. Algumas resistências duram muito. Por exemplo, o Pão de Açúcar. “Firme como o Pão de Açúcar” era o slogan publicitário de uma companhia de capitalização...

● P – *Você disse há pouco que as IdioFormações ex-sistem no seio do mundo. Como assim?*

Elas só estão fora do mundo enquanto seu lugar de Real. No lugar de Haver, elas estão fora do mundo, mas entram no mundo por outras regiões. Em termos de Ser, por exemplo. Por isso, há confusão de entendimento aí. Por exemplo, acho a distinção que François Laruelle tenta fazer bruta demais. Para ele, há o Real do homem com’Um, que causa, mas não passa para o mundo. A IdioFormação – a que chamo **Pessoa** – é o Real solitário, mas que é Primário e Secundário, e não apenas Originário. Então, o homem com’Um, o lugar do Cais Absoluto, é arrastado para dentro do Ser. Ele não consegue se comunicar, mas

a Pessoa – que comporta o Haver e o mundo – é arrastada, sempre estrangeiramente, como diz Laruelle. Eu, enquanto Haver, não consigo *ser* o mundo, mas estou arrastado no movimento do Ser sem correlação alguma com ele. Cada vez que o Haver se mexe, sinto-me bastante mal, pois não consigo entrar no mundo. Ninguém consegue, aliás. É aí que Laruelle introduz o conceito de estrangeiro: o homem é estrangeiro, em qualquer lugar. O que é verdadeiro, desde que não se faça recalque do Haver e se viva assim. Em geral, as pessoas vivem alienadas ao mundo, o vetor todo vai para lá. Se o mundo se mostra precário, entram em depressão, em desamparo e vêm cair no Haver. Então, dizem “não sou nada”, o que é verdade, aliás. Mas, na verdade mesmo, só “*sou*” o Haver. O verbo está errado, pois eu *hei* mesmo como Real. O mundo é só maneira de dizer, já que basta um pequeno deslize histórico, do Estado, das finanças, um tumor no cérebro, para acabar com ele. Já o Haver, este não acaba nem quando a pessoa estiver quase descerebrando. Esta situação nunca vai passar. Nem morrendo vai-se acompanhar a morte, pois a morte não há, não tem cura. Promovemos curas soltando as pessoas do Ser e jogando no Haver mesmo sendo. Aí podem ficar leves. Cura é indiferenciar o mundo. Não há cura do Haver.

A Pessoa é, portanto, Primário, Secundário e Originário. Em sendo Originário, o Real lá está embutido e o essencial da Pessoa é o Real. No entanto, como a Pessoa Real, intransponível e intransitável, está aderida a tudo isso, é arrastada para dentro da ordem do Ser. Mas o é no sentido idealista porque só esta ordem existe? Não. O Haver está lá. Entretanto, nada é “sem mim”. Para os outros, é, mas, considerando a minha Pessoa, não há mundo – ou seja, conhecimento – sem mim, sem as formações que estão “aqui”. Por isso, digo “O Mundo Sou Eu”. Então, no regime do ser alguma coisa, só o é com minha anuência. Sem esta anuência, não é. Percebem as consequências políticas? Um bandido como Marcola (que, da prisão, ordenou ataques a vários pontos da cidade de São Paulo, causando mortes e incêndios) tem razão ao questionar: “Por que você acha que a cidade é você? Eu acho que sou eu. E agora?” Aí vão medir forças e poderes, pois a cidade não é menos Marcola do que o Go-

vernador do Estado. Ao contrário do que se pensa, isto é a inclusão absoluta. Não confundir, portanto, luta de poder, com o fato de que, do ponto de vista de Ser, cada um tem razão em dizer “A Cidade Sou Eu”. Não cabe mais hoje um urbanista sentar em órgão do governo e determinar o que é a cidade. Há que pensar em todas as utopias, na política e na diplomacia dos fluxos.

Por isso, falo em **Diferocracia**. Alguém que considero próximo dela é Robert Nozick (1938-2002), que pensa num Estado mínimo. Diferocracia não é filosofia da diferença, e sim a filosofia da identidade no Haver. Como o Haver é arrastado por todas as diferenças, para sua sustentação e a de suas resultantes, é preciso o respeito a cada uma das diferenças. Dizendo de outro modo, causada pelo Real insuportável, cada um encontra saídas para suportá-lo. Saídas que não são necessariamente as de outro, então, há que criar um Estado que permita utopias. Que grupos se reúnam e vivam como quiserem, nisto o Estado não pode se meter, pois um Estado mínimo respeita e sustenta a existência da utopia criada por alguém com seus pares e parceiros. O princípio de soberania é das diferenças, que têm direito de sobreviver enquanto tais. O Estado só pode intervir para manter a sobrevivência e para evitar que uma não destrua outra.

● *P – E a identidade?*

Cada um é idêntico a si mesmo e a todos – e isto se chama: Vínculo Absoluto. O princípio de soberania é gerado por este ponto. Mas se disser só isto, estarei dizendo que é tudo igual, quando, na verdade, isto prolifera como diferenças. São diferenças produzidas para as pessoas suportarem este lugar. Há que arranjar meios de garantir as diferenças, por piores que sejam. Só não se pode matar, pois cada identidade tem o direito de sobreviver.

● *P – O que fazer com pessoas que gostam de matar?*

Não pode matar. Há que criar condições tecnológicas para se ter alívios sem prejudicar outros. Por exemplo, um robô que, quando alguém o mata, espirra sangue... São alívios e catarses teatrais do que é limite radical. Para isto, aliás, inventou-se o teatro. O Estado pode tentar prover as satisfações.

- P – *As diferenças não valem por sua emergência no jogo simples da relatividade, e sim enquanto respostas possíveis a um mal-estar. É o mal-estar que segura as diferenças.*

Elas valem enquanto respostas que não podem ser facilmente substituídas à situação de mal-estar no Haver. É a resposta ao *Das Unbehagen in der Kultur*, de Freud. Tudo é resposta ao mal-estar, portanto, um Estado não pode dizer que o bem-estar é tal. Não é, pois “O Estado sou eu” e não quero sua definição.

- P – *A diferença fundamental em relação ao ponto de vista deleuziano, por exemplo, é que, neste, há a aposta em que o regime do Ser, por si, seja a máquina de produção da diferença. Sustenta-se aí que o ser que difere seja sua própria máquina de produção e que o jogo seja no respeito, na emergência e na consideração desse diferencial.*

Quer-se um respeito direto pela diferença – a qual não me dá garantia alguma de merecer respeito. Só nos dá garantia enquanto uma solução viável, precária e difícil de ser transformada, para suportar o mal-estar no Haver.

- P – *Cada um é idêntico a si mesmo e a qualquer outro?*

Enquanto Real, a identidade é total.

- P – *É isto que o torna diferente?*

Não. Ele é diferente *por causa* disso. As soluções de mundo para o mal-estar no Haver são várias e dependem de Primário e Secundário. Então, são difíceis de mexer. As diferenças são mundanas. O Haver é radicalmente indiferente, absolutamente neutro. Por isso, em psicanálise, a cura é aproximar-se da maior indiferença possível. Se você é indiferente, aceita as diferenças. Tanto faz. É difícil porque o Primário e o Secundário são recalcitrantes e sintomáticos.

- P – *A Diferocracia mantém a idéia de “parque humano”?*

A idéia de parque humano é falta de tratamento.

- P – *Mas é a idéia de inclusão social, hoje.*

A Diferocracia diz que há parque humano porque não há Diferocracia. Suponhamos que haja um bando de imbecis indeslocáveis. Jogue-se parque

14/OUT/2006

humano neles. Há outra coisa a fazer? A posição radicalmente inclusiva é radicalmente aristocrática. Só a partir de uma posição aristocrática é possível alguém atingir essa posição em relação ao Haver. Por ser da maior nobreza, alguém é radicalmente inclusivo. Isto não é paradoxo, pois só por ser “de ponta” é que pode incluir tudo. A psicanálise é aristocrática. Só pode não ser animal neo-etológico quem chega ao ápice.

38. Algumas formações estão localizadas no cérebro, outras no braço, na perna, em todo lugar. O olho vê porque é uma formação vidente. Sem ele, não vemos. Pode-se inventar próteses, uma câmera, uma máquina fotográfica, mas em não havendo o olho, não há visão – logo, as formações visíveis não têm como comparecer. O cego, por exemplo, tem que fazer uma série de substituições – auditivas, táteis, de movimento – para apreender o espaço sem a visão. Ele coloca outras formações em jogo para apreender o espaço. Vejam como somos levados a dizer as coisas. Até a língua tem um sujeito que apreende o espaço. Digamos corretamente: para se dar a transa, é preciso que essas outras formações entrem em jogo. A ilusão é antiga e a língua veio junto. Quem está errada é a língua, que é estacionária, diz mal. Algumas línguas exóticas, por exemplo, não têm sujeito pessoal. Os verbos são impessoais: chove, pensa... Não se diz “eu penso”... Lembrem, por exemplo, da saída que Roman Jakobson deu aos embreadores sem se perguntar *por que* a criança se chama de terceira pessoa. Porque a primeira e a segunda são falsas, ilusórias. Segundo Jakobson, ela se chama assim porque é difícil sacar que aquilo é uma coisa que passa de função de um para outro. Acho que não, que é ela quem fala certo. Ela fala desde um lugar onde todo mundo é terceira pessoa. Para aquele que fala, qualquer coisa a respeito da qual se diga algo é antes de tudo terceiro lugar.

14/OUT

ANEXO

EXCERTOS DA OFICINA CLÍNICA

1. Há certas falhas radicais na estrutura do lacanismo. Por exemplo, o que é o sujeito? Aquilo que um significante representa para outro significante. O que é um significante? Aquilo que representa um sujeito para outro significante. Ou seja, a circularidade chama-se: “tirar o seu da reta”. E quando uma pessoa vai ao consultório, o analista dirá que é um sujeito. Mas é o que mesmo se o sujeito propriamente de Lacan não está em lugar algum, está *entre*? Não se pode dizer que aí está um sujeito ou que ele disse tal coisa, pois o sujeito ali, a rigor, estaria entre a fala da pessoa e a escuta do analista. Então, para poder tratar da questão dentro da análise, Lacan faz como o Banco Central: indicia o sujeito com S_1 , cola-o nele para ele sintomatizar. Mas sujeito sintomatizado não é sujeito de nada, é uma pessoa constituída por diversas formações. É impossível colocar um sujeito em análise, pois ele é um buraco. E os lacanianos ainda querem ouvir significante (de preferência, significante puro). Depois, então, que Serge Leclaire conseguiu ouvir uma música em seu paciente – *Poordjeli* –, o pessoal fica procurando *poordjeli* embaixo das pessoas. A obra de Lacan é genial, brilhante, dá nó em pingo d’água, mas nem por isso resolve certas questões. Conheci Lacan pelo texto dos *Écrits*, e fiquei deslumbrado quando li, pois o achei um trabalho de gênio – o que justamente me possibilitou, depois, reconhecer seu caráter terminal.

Para colocar sua idéia de forclusão, Lacan faz volteios. Basta ler seu diálogo com Jean Hyppolite sobre a *Verneinung* de Freud. Hyppolite fica

lá servindo a Lacan: “Vejam como ele entende o que estou avançando”. Para Lacan, em termos de *Bejahung*, ou bem a coisa entra e pode ser recalcada – e portanto denegada; ou bem não entra, e portanto é foracluída. É para dar esse nó que tudo se embanana na segunda metade do seminário *As Psicoses* (1955-56). Até a primeira metade, Lacan procura algo próximo do que quero, um HiperRecalque: o que pesa na rede, faz massa. Isto é Einstein, que, na segunda parte da teoria da relatividade, buscando resolver a questão mais difícil: o processo do problema da gravitação, deu deformação ao espaço. Ele fez algo cuja validade não sabemos se durará até o final deste século: concebeu o espaço como absoluto, existente, tal qual Newton, só que com outra característica. A força gravitacional de uma estrela, por exemplo, deforma o espaço como se ele fosse uma rede. Ali o espaço cai e as coisas tendem a cair para lá. É muito bem bolado, mas é bobo como o diabo! O pessoal da teoria das cordas está tentando sair dessa. Lacan não diz, mas está na cara que sua teoria resulta de um entendimento sobre a de Einstein: se um significante causa força gravitacional, deforma o espaço, as coisas tenderão a gravitar em torno desse significante. Mas, depois, ele não gostou desta idéia e não lhe ocorreu dizer que era um HiperRecalque com força extrema a tal ponto que é como se fosse um buraco negro, cuja pressão é tão grande que nem luz sai, como digo agora copiando Stephen Hawking.

Então, em vez de fazer uma teoria bacana como esta, acha esquisito e procura uma razão no próprio sistema freudiano. É quando toma a idéia de *Verwerfung*, que, em Freud, não tem clareza alguma e pensa que o significante ou entra, ou não entra, caso este em que foi deixado trancado fora, fora-cluído. Ele acha isto genial por já estar no discurso psicanalítico e não precisar procurar uma metáfora em outro lugar. Quanto ao que trago, mesmo que use a metáfora do buraco negro, não preciso dela para dizer que um HiperRecalque é tão forte que quase exclui as conexões externas. Mas como Lacan não pode dizer que há foraclusão de zilhões de significantes – pois, à medida que vai-se vivendo, os significantes vão entrando –, diz que é a foraclusão de um significante primordial. E mais, como a fachada de seu esquema é inteiramente jurídica, é o

significante da lei, o Nome do Pai. Ou seja, a lei é a inclusão do Nome do Pai. É um teatro bonito, uma ópera maravilhosa em que tudo se encaixa. Engoli isto durante anos, até me perguntar sobre o que quer mesmo dizer “foraclusão”. Por que Lacan se espanta diante do fato não de alguns serem psicóticos, e sim de todos não o serem? Porque a verdadeira pergunta é: existe alguém que não tenha foracluído a lei? Ou ela só entra debaixo de porrada? Isto porque sintomatizar não é diferença entre *Behajung* e *Verwerfung*. Faço a suposição de que a lei ou entra por sintoma – que não é direto com ela, e sim na relação interpessoal – sem Nome do Pai, ou nunca entra. Se não for assim, por que criticar Kant (com Sade) que supõe uma lei moral já incluída em cada um? Ao contrário, Lacan deveria dizer que Kant está perfeito.

O Nome do Pai é responsável pela entrada da lei. Se estiver foracluído, não teremos condições de estabelecer as relações internas com a lei, no sentido abstrato de *haver lei*. O Nome do Pai bloqueia e nos faz entrar na metáfora paterna, esta tomada como sustentáculo da lei. Para corroborar isto, Lacan diz que psicótico não faz metáfora. Mas como se há psicóticos geniais em termos de literatura? Suponho que seja melhor tentar montar um sistema não tão arrumado, mas inconsistente o tempo todo. O que tento fazer é sistemático, entretanto não sei onde suas franjas terminam. Ou seja, é sintomático como qualquer outro sistema, mas sei que o é e que não posso percorrer todas as suas franjas. Apenas espero que funcione “no meio de campo”.

04/MAR

2. ● P – *Numa entrevista (publicada em Revirão: revista da prática freudiana, no. 3, Aouta, dez. 1985, p. 74-93), Newton da Costa diz que o que o inspirou a criar a lógica paraconsistente foi seu percurso de análise, seus sonhos e sua formação matemática.*

Algumas pessoas ressentem a experiência psíquica como um trauma e querem dar conta disso. Se não conseguirem, nada saberão explicar. Ou seja,

quando explicam, estão explicando o que sentem, suas experiências. Não é misturar livro com livro, que é intelectualismo barato. É um depoimento fortíssimo esse de Newton da Costa, que, no que passa pela experiência, vê que algo falta na lógica e tenta explicar. Aliás, não há outra coisa a fazer em área alguma do pensamento: toma-se uma experiência para a qual não se encontra explicação e busca-se inventar saídas. E mais, **toda teoria é uma biografia**. Na vida não se faz mais do que biografias. Isto está em Fernando Pessoa, aliás. A arrogância na história do pensamento é alguém ter sua experiência, ela lhe valer uma invenção explicativa, ele entrar em paranóia e querer acreditar que seja a explicação do mundo e que todos tenham que ter a mesma explicação. A loucura está aí, pois cada um apenas inventou uma pequena ferramenta a ser usada... quando for útil. Vejam, na filosofia, um Hegel – por ser o falastrão que é, costumar ler demais e misturar em sua cabeça – vir com uma massa de coisas e dizer que o mundo é aquilo, quando é só o Hegel, mais nada. Em sua mediocridade costumeira, as pessoas logo abaixam a cabeça, elevam-no à categoria de Deus e resta esse troço pesando no mundo e atrapalhando a continuação do pensamento. É engano pensar que só se faz arte e ficção escrevendo romance ou pintando quadro. A filosofia é uma imensa obra de ficção, cujo tipo de rigor é diferente de outros. As ficções, aliás, muito freqüentemente, são eficazes na transa com a realidade justo porque **é impossível dizer algo a respeito da realidade que não seja verdadeiro**. As maneiras de ficcionar é que variam, pois há vários tipos de refinamento e modos de abordagem. Quando as mitologias de uma tribo indígena encantam Lévi-Strauss por serem equivalentes aos raciocínios do cientista, isto está certo – desde que se lembre que não são do mesmo valor, pois a eficácia da mitologia é pequena.

O trauma é só-depois (*Nachträglichkeit*). Durante, não sabemos nada. Ou seja, só-depois da porrada é que vemos que a levamos. O trauma não corresponde, como nada corresponde, a uma realidade, e sim a uma Gnômica. O trauma é produzido pós-porrada tal qual qualquer conhecimento ou percepção. Não posso ver este copo aqui em minha mão. Só-depois de transas “perceptivas”, constituirei gnomicamente – e não realmente – um copo. Com o trauma é a mesma coisa.

● P – *A experiência de Haver é traumática?*

Trauma, como está em Freud e Lacan, é a incapacidade de explicar o que aconteceu. Há explicação para a morte de alguém? Se tivesse uma explicação dada, aquilo passava. Qualquer cachorro cheira um cachorro morto e vai em frente, pois tem explicação: é um cachorro morto. Gente não tem essa explicação e fica traumatizada. Então, só porque se foi traumatizado, passa-se parte da vida fazendo uma teoria, por exemplo. Mas, cá entre nós, isto é lá uma vida decente? E quando falamos em melancolia, é preciso lembrar que ela é muito proficiente e é fundamento de qualquer criação. Evidentemente, não estou me referindo ao melancólico que se arreia, e sim àquele que persegue sua decepção. A porrada é traumática não porque seja o trauma. Este será constituído como um conhecimento da porrada. Por isso, ficamos tentando dar conta dela e a constituímos gnomicamente, o que é maneira de dizer, pois não há sujeito algum aí: aquilo *se constitui* gnomicamente, foi produzido. A porrada é indiferenciada e o trauma é o processo de diferenciá-la. Querer entender é querer diferenciar, mas o trauma é indiferente, e, para realmente me dar conta dele, é preciso indiferenciar, pois o trauma é só o trauma e nada mais. Não há discurso a respeito dele. Não gosto de usar a palavra criação junto com isso porque a criação exige visita à HiperDeterminação, e o trauma não necessariamente. Ele pode ser lançado na simples imbecilidade. Como sabem, diferencio criação e criatividade, pois esta é a mistura de alhos com bugalhos, que sempre dá alguma coisa.

● P – *A experiência do Um é o que possibilita a criação?*

Criação e experiência do Um estão no mesmo lugar. A real experiência de Um é a experiência de HiperDeterminação, da porrada lá em cima, no mesmo lugar do Recalque Originário. Ou seja, os conceitos ocupam o mesmo lugar, o que não significa que sejam os mesmos.

● P – *A experiência de Cais Absoluto é traumática?*

Não é a experiência do Cais Absoluto que é traumática, e sim a experiência da quebra de simetria, que está sempre nesse lugar e se repete. Freud chamava de recalque originário, pois, em algum lugar, deveria haver um recalque originário senão o Secundário não se poria. Estou dizendo que isso que ele não sabia explicar explica-se pelo excesso e pela quebra.

- P – *Quanto ao trauma, Freud coloca um aspecto econômico importante. Diz que é um excesso de energia em relação à série prazer-desprazer.*

Desde cedo, Freud concordava comigo: o excessivo é que é produtivo, e não a falta. Ele diz essas coisas brilhantes, mas também fala em objeto fundamentalmente perdido, coisa que não existe. Há, sim, objeto fundamentalmente jamais achado. Em cima disso, Lacan monta o regime da falta, do Outro como falta... Para mim, chega disso, pois, dentro do que há, só vejo excesso. Ninguém tirou nada para você querer depois. Você já chegou reclamando e querendo mais. Lembrem-se de que, em pleno ápice do lacanismo, em 1968, algum estudante escreveu no muro: *Soyez realistes: demandez l'impossible!* (Seja realista: peça o impossível!) – isto é que é ser realista.

3. Não se faz um grande projeto teórico sem um princípio, que, no caso de Freud, é o **Princípio de Constância**, o qual é o princípio da psicanálise. No caso de Einstein, é a constante cosmológica, e no de Stephen Wolfram, o princípio de equivalência computacional. É preciso sempre um lugar de constância, mesmo em um sistema fechado e neutralizado. Se não, parava tudo para sempre, coisa em que não acredito. Freud se apropria do que diz a física e expande: toma o princípio de entropia e generaliza para fora do laboratório. Vejam então que, se o princípio é de constância, a constância é indiferente a todos os movimentos, aglutinações e formações. É como a luz, para Einstein, que tem movimento absoluto e constante.

Quanto a mim, gosto de supor que o princípio de constância esteja no Haver. Os cosmólogos que se virem para achá-lo. O Haver é resistente: como não passa para não-Haver, resiste. No desenho que fiz do Pleroma, em 1986, que é uma fábula didática, faço a suposição de que o Haver, seja ele o que for, passa por momentos de indiferenciação total, menos da força constante, a qual já pertence ao indiferenciado. Se o Haver está todo indiferenciado, essa indiferenciação é compatível com a *konstante Kraft*. Ele vai se encolhendo, apertando, para passar no hímen do não-Haver, mas não consegue, pois o não-Haver é absolutamente virgem, é como Palas Athena, e não se abre para ninguém. Por

isso, cada formação tem seu nível de resistência adequado, em que ela não se estropia, rompe ou pára de ser eficaz. Freud falava em distribuição de investimentos libidinais adequada à resistência de cada formação.

4. O debate sobre a diferença entre tecnologia e ciência pertence ao século XX, que já acabou. Leiam o *Relatório da CIA: como será o mundo em 2020*, organizado por Heródoto Barbeiro (Rio de Janeiro: Ediouro), em que são apresentados quatro cenários mais prováveis, cada qual mais aterrorizador do que outro. Lá está o que lhes digo há décadas, que pelo menos até 2030 a barra vai pesar feio. Não há cenário bom, só menos ruim, e todos são piores do que qualquer coisa do passado. O menos ruim é um cenário com certo equilíbrio: um pouco de terrorismo aqui, uma bomba lá – ou seja, mais ou menos como está hoje. Há dez anos, no governo de Fernando Henrique Cardoso, fui chamado ao Palácio do Planalto para, junto com outros, apresentarmos um cenário para 2020¹. FHC estava interessado em saber o que pensavam os intelectuais sobre a questão cultural brasileira. Na ocasião, apresentei uma introdução ao Quarto Império, mas o pessoal não entendeu muito. E justo o que vemos atualmente é a emergência do Quarto Império brotando por dentro e que, até saberem lidar com ele, promoverá muita comoção. Ele é evidente na tecnologia, na ciência, etc., mas no mundo em geral, pelo fato de as pessoas estarem apegadas a formações de Terceiro e Segundo Impérios, muito sangue escorrerá.

Estou satisfeito por estar chegando ao final e ver que o século está como eu disse que estaria. Aqueles mais jovens certamente sofrerão muito. Minha geração teve uns trinta anos de boa vida, sem Aids, por exemplo, de 1950 a 1980. O pessoal abaixo de trinta anos está ferrado hoje. Não só não tem muito por onde se virar como aqueles que ainda estão com a mentalidade *yuppie* saem na luta da vida sabendo que os empregos bons são: mercado financeiro,

¹ *Cenários Brasil 2020*: Workshop sobre a questão cultural. Brasília, 08 outubro 1996 (Presidência da República / Secretaria de Assuntos Estratégicos / Subsecretaria de Análise e Avaliação). Participantes: Ângela Maria Dias, Gilberto de Mello Kujawski, José Miguel Wisnik, Luiz Sérgio Coelho de Sampaio, Renato Janine Ribeiro e MD Magno.

música popular, futebol, tráfico de armas e drogas. E há uma massa enorme que não quer nada com isso e não sabe o que fazer, pois só há isso a fazer. Quanto a nós, temos que inverter os vetores, não nos cabe fazer nenhuma crítica segundo os vetores antigos. O cinismo é a regra normal, o modo de existir. Os filósofos cínicos justamente descobriram que tudo é uma farsa. Portanto, não adianta xingar o outro de cínico, pois estaremos sendo cínicos ao fazer isto. Vejam a chamada esquerda, que virou pura reação. Ela é reacionária não como a direita, e sim como esquerda – e ainda quer consertar os séculos XIX e XX. O que podemos fazer são descrições dos acontecimentos. Qualquer opinião ou interpretação se mostra estapafúrdia no ato. Basta lembrar que obra de arte no século XXI quem fez foi Osama Bin Laden ao dizer para o mundo: “Façam uma performance ou um happening melhor que o meu!” A Coreia do Norte está tentando outra, mas acho que não será tão engenhosa, pois com bomba atômica, à distância, é fácil. Quero ver terem a idéia genial de Bin Laden: “A bomba são vocês!” Ninguém esperava por esta. Inaugurou o século XXI. Não adianta xingar, pois do lado de lá ele é herói.

24/JUN

5. Encontrei o Cais Absoluto através do reviramento e da indiferenciação – e só pude cair lá. É claro que minha experiência dele é anterior, mas estava denegada. Ou seja, quando fui pelo reviramento e pela indiferenciação, caí lá, mas, na verdade, esta é a experiência primeira. Depois, com o mundo, tenta-se fazer algo para dar conta dela, e aí denega-se. Minha tese é que as pessoas não costumam retornar a ela, não fazem sua anamnese. A psicanálise é o trabalho desse retorno, indiferenciando até, de novo, dar de cara na parede. Depois que se tem essa experiência de Revirão é que se começa a fazer a Análise Efetiva, pois acabou a Análise Propedêutica. As pessoas denegam, ficam anos em análise e não vão lá. É normal ser assim, aliás, pois, quando se vai, o panorama inteiro fica prejudicado e não se pode recorrer a crenças, ordenações, Estados,

famílias... É só puxar um fiozinho de lá que tudo entra em choque. Perdem-se a crença e a confiança em todas as articulações e tudo passa a ser mera maneira de lidar. Ou seja, ganha-se o que chamo de suspeição e suspensão a respeito de tudo no mundo. O estado de espírito de estarmos só jogando nunca apareceu na sociedade. Por isso, digo que a psicanálise nunca fez história dentro da cultura. Não comparece o entendimento de que não se pode forçar demais a barra, pois o jogo pode virar a qualquer momento. Basta lembrar que a Revolução Francesa é um nojo e desemboca no Terror, mas que foi provocada pelo abuso anterior de se supor estrutura eterna. A Inglaterra teve mais jogo de cintura.

No mundo cotidiano da política, da economia, etc., a denegação do Haver e da pressão que ele faz é que dá os grandes transtornos que vemos. Se não houvesse denegação, todos iriam mais macio quanto aos brinquedos adequados a cada momento. Este é o estatuto da democracia de verdade em que toda diferença tem direito por ser tentativa de suportar o impossível. O que acho chato em François Laruelle é ele colocar a democracia radical sobre o Um – em meus termos, sobre o Haver – e ponto. Ele pensa que, se discutir muito, cairá em Gilles Deleuze. Não cairá, pois a diferença deste é diferença por si mesma. Quanto ao que trago, a diferença é necessidade de dar conta do Impossível, ou seja, do mal-estar no Haver. Há que jogar na diferença não pela diferença, pois diferença pela diferença não tem estatuto (embora, para Deleuze, pareça ter). Sou diferente por quê? Porque preciso, porque cada um encontra seu **jeitinho** de viver: juntando-se todas as formações o que deu para fazer foi aquilo. Ou seja, cada um goza por onde pode – e temos que respeitar. Ele estava lutando numa guerra ingente e o que conseguiu foi aquilo. E ditos analistas, por não saberem pensar isso, ficam despejando regras sobre os outros. Portanto, não são analistas, e sim filósofos. Leiam, por exemplo, um livro como *A genealogia do sujeito freudiano*, de Monah Winograd (Porto Alegre: Artmed, 1998), e verão que é um livro de filosofia, aquilo que Luiz Alfredo Garcia-Roza pensa que a psicanálise é.

Não há sujeito algum em Freud ou na psicanálise. Foi Lacan quem, através de Alexandre Kojève, fez o desserviço de importar Hegel para dentro da

psicanálise. É preciso saber que Kant e Hegel são paranóicos como Schreber. Há uns trinta anos, li a *Estética*, de Hegel. Ele escreve bem, é inteligente, e toma o passado dominado por determinadas formas para descrever como sistema das artes, mas não há sistema algum que segure o que se faz. Vejam que filosofia só serve para dela tomarmos algumas ferramentas que interessam e subvertê-la.

Temos que tratar as filosofias como analisandos: aquilo é pura neura. Lacan, por não ser estúpido, foi só jogando, mas os lacanetas do presente foram todos para a filosofia. Portanto, não há mais psicanálise. É isto que faz a tal autora que citei: toma um filósofo que tem cabeça para manipular essas coisas, junta com o discurso de Lacan, que tem esse cheiro, e puxa tudo para lá. Lembrome de Jacques-Alain Miller, comigo em Copacabana, esculhambando o livro de Alain Juranville, *Lacan et la philosophie* (Paris: Presses Universitaires de France, 1984), pois, segundo ele, nada tinha a ver com psicanálise. Em seguida, publica o livro em sua coleção aqui no Brasil. É tudo um samba do miolo doido. No Lacan de verdade temos a equivocação, o não-saber, o não-senso, e, num de seus últimos seminários, quando perguntado se se considerava hegeliano, respondeu enfaticamente que não. Mas foi quem fez o estrago de trazê-lo para a psicanálise.

6. Não se dá conta da Formação do Analista. Aqueles que se propõem fazê-la embromam e tapeiam. O pior é que não há como avaliá-la previamente. Seu reconhecimento não é palpável. Trata-se da velha transmissão boca a boca. É nela que a coisa passa ou não e, se a franja for muito grande, é sensibilidade de pessoa para pessoa, de mestre para discípulo. Há uma hora em que percebemos que o outro chegou lá, e sabemos disso quando não temos mais transa possível, pois ele se tornou Um, se isolou. Aquele que chega lá nem precisa de analista, pois não tem mais com quem falar – ou qualquer um serve. Por isso, disse que é o fim da Análise Propedêutica. Se deu de cara com isto, então pode fazer a Análise Efetiva. Antes, era fingimento. É difícil dizer essas coisas, pois alguns doidivanas, ao ouvirem, saem repetindo que já chegaram a esse ponto.

- P – Por que, para a Nova Psicanálise, trata-se de excesso, e não de falta?

O mundo supõe ser a regra. Ele é o caga-regra, mas nada se faz obedecendo à regra. Nada se cria se não for por excesso, por *hybris*. É a transgressão, o excessivo para além da mera Lei. Ao afirmar “Haver quer não-Haver”, ALEI estatui o procedimento e ao mesmo tempo diz que é o excessivo que cria tudo, pois o não-Haver não há, é impossível. Desejar o possível, qualquer um faz – esta é a lição que Fernando Pessoa nos dá. No estruturalismo, a falta é estruturante e determina o desejo: desejo porque há uma falta que quero locupletar. Neste teorema, é o contrário: o desejo quer o impossível, por isso é que sempre aparece a falta, a qual não é estruturante, e sim estruturada, consequência. Ao falar em objeto fundamentalmente perdido, primeiro, Freud já colocou o objeto, e, segundo, “fundamentalmente” quer dizer que nunca houve. Então, há perda, e não falta. Lacan tomou isto e meteu no estruturalismo: a falta como estruturante do movimento do desejo. Mas o desejo jamais se satisfaz, pois é excessivo: ele *produz* a falta.

● P – *O plano projetivo é próximo ou análogo ao nível de experiência de Haver antes ainda de pensarmos a contrabanda?*

A contrabanda já é Revirão. Plano projetivo é brutalidade, sem margem, sem dentro ou fora, para cá ou para lá, eu ou tu... Como se pode ser idealista depois de imaginar uma forma dessas? Qualquer arranhão ali, já é produzir Revirão, cair no Ser, procurar dar conta. Se não, cala-se a boca e se reza...

● P – *A experiência de Haver é anterior à funcionalidade do princípio de catoptria?*

O princípio de catoptria já começa a entrar no mundo. Com ele, já começa a haver mundo, a dar conta.

● P – *Por que a idéia do Haver como homogêneo?*

O Haver, em todas as suas manifestações, inclusive na fractalidade, é um só e homogêneo. Se procurarmos, veremos que, lá no fundo, tem algo neutro. É como se o Haver fosse a célula tronco de tudo que acontece. Portanto, todas as outras células têm a mesma composição. Observem também que generalizo o termo fractalização, pois a metáfora do fractal é semelhante à do franjal. Quanto ao fractal, pode-se ir infinitamente caminhando, mas o que

temos é um pólo qualquer que focalizamos, ou seja, só trabalhamos com o foco. Não temos o alcance da fractalidade restante, isto é, de toda a franja. Se conseguíssemos chegar a seus finais, veríamos que lá tudo se confunde, não há fronteira. Por isso, digo que o campo é homogêneo. Confundimos as condensações com a heterogeneidade. A condensação faz diferenças, mas no limite não há fronteira, é contínuo. Tomemos, por exemplo, a relação das pessoas com a morte. Convivemos com uma pessoa e, de repente, ela some. Então, onde está o heterogêneo? Sumiu: as formações se desmontaram, se pulverizaram. Ou seja, há uma coalescência, que depois se descoalesce... O Haver, enquanto Universo, é a mesma coisa. Não adianta os físicos, com a teoria da inflação, dizerem que ele está se afastando e vai se afastar eternamente. Não vai. Minha intuição é igual à da mística. O que vai acontecer com o Universo inteiro é: faz uma coalescência e some – e depois nasce tudo de novo.

● P – *De onde veio a idéia da homogeneidade, que orienta seu percurso desde o início? É busca de uma proximidade maior com o campo da ciência e da tecnologia que emergia naquele momento?*

Parti do princípio de que não há possibilidade de um saber pervasivo sem o princípio de homogeneidade: todos os saberes e conhecimentos seriam para sempre fracionários e aposto que podem ir se aglomerando. Podia ser qualquer outro princípio de equivalência: o de equivalência computacional, de Stephen Wolfram; a constante cosmológica, de Einstein, etc. Na ficção do Big Bang, não como origem, mas como momento de começo de algo, se naquele ponto micro, mínimo, estava tudo embutido é porque é uma coisa só. Isto não é o Um do Haver, e sim a Unidade no pensamento, concepção que a filosofia agüenta. A Unidade é a unificação, conta-por-um, como chama Alain Badiou, já é discurso, uma operação, e não o Um, que é outra experiência. Por causa dessa confusão com a Unidade, nem gosto de chamar de Um e prefiro chamar de Haver.

O fato de a coisa explodir e, sabe-se lá como, começar a se especializar é, como disse, igual à célula tronco. Não se sabe por que uma vira fígado e outra, rim, mas é a mesma. Se é a mesma, deve haver alguma maneira de, mediante um longo caminho pelas franjas, entrar-se em outra formação. Pode não ser

possível passar o filme ao contrário, mas pode ser possível invadir formações a longa distância. O entendimento cada vez mais franjal pode achar um lugar por onde entrar. Quanto a isto, acho que a ciência está certa: em algum lugar, tudo foi uma coisa só. Não estou dizendo que a homogeneidade esteja aqui, pois podemos imaginar que o Universo que conhecemos, para aparecer, sofreu uma cisão – e não é preciso pensar que resultasse em outro Universo, pode ser outra coisa. Ou seja, isto aqui é o anti-alelo dessa outra coisa. Portanto, sem ela entrar no jogo, aqui dentro podemos não conseguir franja suficiente para a continuidade. Mas se conseguirmos entrar também com aquilo que está faltando aqui, aí ficará homogêneo, conseguiremos passar.

● P – *Indiferenciação e homogeneização são a mesma coisa?*

Sim, mas com graus diferentes. Indiferenciar é uma postura que tomo diante das diferenças. Para mim, em algum nível, estou homogeneizando. Não estou homogeneizando os dois alelos resultantes da cisão inicial, pois não sou mágico, e sim homogeneizando sobretudo do ponto de vista de valores. Quando falo em valores, é um trabalho mental que se faz para indiferenciar. No livro *O Compassivo Ilimitado: a vida e o pensamento espiritual de Ibn' Arabi*, de Stephen Hirtenstein (São Paulo: Fissus, 2006), no final, o autor fica repetindo coisas como: a indiferença de Deus, é tudo a mesma coisa... Isto, se lermos com as minhas ferramentas, pois ele fala em Deus, amor, etc. Todos os grandes místicos chegam a esse lugar. O Deus dos cristãos teológicos é cheio de valores. O dos místicos não tem valores. Ou seja, os místicos lidam com o Haver, os outros lidam com o Ser e com a ordem do que François Laruelle chama de autoridade. No nível do Haver, fazemos silêncio e equalizamos tudo – o que não exclui que, na hora da fome, não deixemos o outro tomar nossa comida, pois aí há valores e interesses em jogo.

04/NOV

7. Como viram, interrompi meu Falatório no segundo semestre deste ano. Achei melhor que, sob a orientação de um grupo de estudo que indiquei cha-

mado Grupo *Revirão*, vocês retomassem a teoria e fizessem uma revisão dos conceitos apresentados até agora. Isto, por me parecer que não era possível andar para a frente, uma vez que certos pontos básicos não estavam entendidos. Como, durante esses anos todos, me deu a impressão de que freqüentemente os elementos que trago são tomados segundo perspectivas externas ao escopo da teoria e mesmo da prática, espero que, com esse exercício, aqueles que realmente quiseram tenham visto a diferença quanto a pontos-chave. Isto é de importância fundamental, pois estar acompanhando um processo pensando estar em outro tem dois defeitos: primeiro, a pessoa não estar entendendo nada; e segundo, pode ser que ela não queira escolher isto. Tenho a impressão de que o grupo fez mais do que um mero trabalho de revisão, pois buscou conectar com outros pensamentos e estabelecer semelhanças e diferenças, coisa que dá um trabalho enorme e que faço muito pouco. É preciso entender que o estudo é fundamental, mesmo do ponto de vista clínico. Não adianta ficar exorcizando o conhecimento como se fosse propriedade da academia. Não é. Aliás, a academia trata muito mal o conhecimento.

● P – *O trabalho do grupo possibilitou desmistificar sua obra anterior ao Seminário Pedagogia Freudiana, de 1992. Ficou claro que sua posição é, desde o início, bastante diferente da de Lacan, que é de onde você partiu.*

Quando entrei no lacanismo, Lacan já era fim. Não sou da geração de Lacan, nem daqueles um pouco abaixo que andaram com ele. Quando cheguei, Lacan já tinha praticamente terminado, faltavam uns seminários em que ele degradingola as coisas para trás. E já havia muita resposta. Eu as lia todas, até as vindas de fora como as de Deleuze e outros. Portanto, eu não estaria fazendo nada, como acontece hoje nas sociedades ditas lacanianas, se ficasse repetindo aquilo. Não havia mais tempo para ficar fazendo artiguinho lacaniano, pois isto estava feito e Lacan estava jogando fora. Então, já comecei entendendo seu pensamento e sua crítica. Por isso, vocês podem notar que, desde o começo, não é bem aquilo. Melhor dizendo, não é bem aquele Lacan do começo, pois o do final é. Basta tomar seus últimos dois ou três seminários para ver que o Lacan outro acabara. E, sobretudo, quando se teve a experiência com ele no

consultório, vê-se com clareza que ele jogou aquilo tudo fora. É incompreensível ficarem ainda estudando seu estruturalismo até hoje e repetindo aquela baboseira. O estruturalismo morreu, acabou. Acresça-se a isto que a escolaridade brasileira é absolutamente anti-escolar. O Brasil não tem escolas, é uma piada, um fingimento de ensino. Não se aprende nada direito. A maioria dos trabalhos de doutorado que vemos é de gente justapondo citações interessantes de autores que, às vezes, são o contrário um do outro. E é desde pequeno que aprendem a procurar frases bonitas para citar e que nada têm a ver com o que está sendo tratado. Tudo que está na crítica de Oswald de Andrade continua igual: o país dos doutores, dos diplomas sem substância...

Vivemos em meio à calhordice das chamadas ciências humanas, em que vigora uma espécie de vale-tudo por não haver comprovação laboratorial, etc. Isto não é possível na física, por exemplo. O que é horrível é não encontrarmos região alguma, mesmo fora da universidade, que se comporte de maneira diferente. Estamos no começo do século XXI e a cabeça das pessoas, desde a escola primária até o fim do doutorado, continua sendo newtoniana. Para elas, Einstein e Freud nunca existiram. Se fizermos um raciocínio que não seja newtoniano, será imediatamente recusado. Noto isto em meu processo de trinta anos de convivência com instituição psicanalítica. Como não ouvem, tomam a maquininha newtoniana e aplicam, o que sobrar é o resto que lhes interessa. É claro, pois se aplicarmos Newton a Einstein sobra uma porção de coisas e o que aplicarmos funcionará já que aquele pedaço está certo. E vejam que nem estou falando em termos de conhecimento diretamente citado, e sim em comportamento, postura mental das pessoas, garotos da escola primária, cujas cabeças foram instituídas newtonianamente. Não é que saibam o pensamento de Newton, e sim que, quando se manifestam, são euclidianos e newtonianos, o que é um absurdo para uma criança que vive hoje com o desenvolvimento da tecnologia e jogando num universo outro, completamente diferente do de sua cabeça. Quando o garoto é inteligente, passa para o mundo da tecnologia, sem base para cá. Aliás, ele está correto ao passar para lá. A postura da pessoa informada desse modo newtoniano cria empecilhos na análise. Por onde pega-

mos essa mala que não tem alça? Aquilo é tão conformado, tão sabido, que não temos por onde pegar. Fazer análise no tempo do Freud era mais fácil, pois ele era mais parecido com seu cliente do que, por exemplo, sou com o meu. Tenho que baixar para o estado de espírito da pessoa e freqüentemente não encontro a alça por onde pegar para trazê-la.

● P – *Não consegue abduzi-la?*

Não há abdução possível. Qual a influência dos saberes na possibilidade de análise quando as pessoas trancam a possibilidade de análise mediante sua referência ao saber obtido? Por isto, digo que é mala sem alça. Às vezes, nem sobra um pedacinho e tudo escorrega de tão compacto que é. Um católico de cepa, por exemplo, é impossível de analisar, pois tem todos os recursos religiosos contra a análise. Saberes e religiões desse naipe funcionam como psicose. O newtoniano de cepa é um psicótico, não sai daquele lugar. Se tentarem lhe ensinar outra teoria, ele dirá que não é assim. Ele não tem abertura alguma, é lesionado, tem lesão cerebral.

A Formação do Analista tem que passar por isso segundo uma operação radicalmente diversa. Leiam tratados de teologia e verão que minha crítica não é da boca para fora. Aquilo não tem pegadas, só repetem a citação da citação, e o começo do começo – é um campo fechado. O mesmo ocorre com toda ordem jurídica, a qual, mesmo para quem não é kelseniano ou coisa dessa ordem, é recorrente e fechada sobre si mesma. Lá não se diz “dado que uma sociedade se compôs sobre tais e tais configurações, então o direito se encaminhou em tal sentido...”, pois o direito é o direito. E o século XX é responsável por muitas produções de fechamento nos campos das ciências humanas. Há que fazer uma crítica violenta e rigorosa, pois virou moda cada campo científico ter que ser autônomo: a antropologia tem que ser antropológica, o direito tem que ser jurídico, coisa que é impossível, pois nenhum desses campos é estatuído em si e por si mesmo, é estatuído de fora. Alguém feito Hans Kelsen (1881-1973) nos fala do direito positivo mediante livros perfeitos, desde que entendamos que sua base está errada. Se a última instância for constitucional, como ele quer, o direito estará todo organizado. Tomemos outro, John Rawls (1921-2002), que,

nos Estados Unidos, é um cara bacana, pois fala em equidade e quer distribuir melhor a renda. Leiam seus livros e verão como são cheios de truques. A psicanálise não pode viver de truques. E se usar truques, deve declarar que os usa por falta de coisa melhor – mas é truque.

Quando Kelsen constitui uma teoria radical e completa em cima da positividade do direito enquanto tal, a partir de um enunciado constitucional, isto pode estar certo, mas tem um truque no começo. O enunciado constitucional saiu de onde? Em que circunstâncias? Como? Quando? O truque é escamotear para trás. Ele é um dos mais sérios pensadores, trata do direito enquanto direito na positividade de seu enunciado e sua referência última é a constituição. Dentro desse aparelho está tudo perfeito, mas, quanto ao começo, ele tem que dizer que escapou da ordem do direito. Então, a ordem do direito é *fake*, porque não pode pensar suas origens, senão estremece. Já Carl Schmitt (1888-1985) é o único sério, pois diz que o poder se instala pela força. Assim, entendemos: manda quem pode e obedece quem tem juízo. Entretanto, escamoteia-se em geral que é como se, em todo o processo, tivéssemos em alguma região, do ponto de vista de um Rousseau *et cetera*, por exemplo, a idéia de um contrato. Qual? Aquele que diz: “Dou porrada porque sou mais forte” – e o outro reconhece a força e diz: “Está contratado”. Vejam que as ciências duras são mais sérias, pois dizem: “Se isto..., então aquilo”. Nelas, explicita-se o “se isto”, o qual pode ser criticado. Não fosse assim, não haveria Einstein depois de Newton.

8. • P – *Podemos considerar que a psicanálise não pertenceria ao campo das ciências humanas, e sim ao das ciências tecnológicas?*

Há que retornar à idéia de que **a psicanálise está devendo ser científica**, de algum modo. Ela deve uma enunciação a respeito do científico. Se tomarmos sua história, veremos que ela ficou positivada durante muitos anos sobre o Édipo – e isto é um truque. Daí, o valor do *Anti-Édipo* (1972), de Gilles Deleuze, excelente livro para mostrar que, na obra de Freud, em seus começos, o Édipo é truque em cima de um caso. É preciso estabelecer um discurso da psicanálise que dê conta de si mesmo. Não se trata de isolacionismo, e sim de

dar conta, pelo menos, de seu próprio discursar, e em cima de algo que não se possa contestar a partir de externalidade alguma, o que é o mais difícil. Suponho que, de externalidade séria alguma, pode-se contestar o Revirão ou ALEI que o fundamenta. Pode-se, por birra religiosa, dizer que não se aceita, mas não contestar do ponto de vista físico ou outro. Até hoje, a segunda lei da termodinâmica não foi derogada em aparência alguma de universo, seja o universo retornante, ou inflacionário, pois a entropia come tudo. Todas as observações demonstram o perecimento das formações. Mantém-se, pois, em Freud, o reconhecimento da Pulsão de Morte, que bobamente ele manteve como oposição à “pulsão de vida” – embora em seu próprio texto, como Lacan mostrou, pulsão de vida e pulsão de morte sejam a mesma coisa.

● P – *Portanto, não é preciso ter passado pela psicanálise para ter a experiência do Revirão?*

Se precisasse, seria falso, algo apenas do campo das práticas analíticas. A prática analítica tem que buscar sua fundamentação do lado de fora, nas funcionalidades do Haver. Como sabem, digo que o Revirão é uma coisa do Haver. Se não, recairei em Lacan, que quis separar a psicanálise do resto por princípios que são claramente juristas, do campo do simbólico com a lei, a qual é sustentada pelo Nome do Pai, que é sustentado pelo... caralho (que ele chamou de Falo). Ou seja, ele comprou um sintoma fabricado no nível de aparência jurídica e quis entender o campo jurídico como sendo elaborado intrinsecamente de modo simbólico. Lembrem-se de que sua terminologia tem certo sabor jurídico. Por exemplo, *forclusion*, que no direito brasileiro é chamada de preclusão. O erro do Lacan inicial, por causa das manias do estruturalismo – Lévi-Strauss, Saussure, Jakobson –, foi ficar recortando no Secundário, coisa que não dá mais para engolirmos, pois quando montou o aparelho de reconhecimento da instância simbólica, mesmo ele foi buscar no Estádio do Espelho, ou seja, numa relação etológica, como se aquilo se recortasse, passasse para o simbólico e lá vivesse. Não vive. Temos, pois, que fazer sérias revisões já que estão aparecendo coisas interessantíssimas nos laboratórios dos cientistas e é preciso ter cuidado para não fazermos papel de bobos. O século XX pensou que podia isolar o simbólico do restante – em meus termos, isolar o Secundário

do Primário – e trabalhar apenas no Secundário. Isto é pura deliração.

Recomendei que lessem, na revista *Discover*, de novembro, o artigo *DNA is not destiny*, p. 33-37 e 75, para verem as implicações inarredáveis do Primário (Autossoma e Etossoma) no desempenho das Pessoas (1Ar para 2Ar e vice-versa). Isto nos faz pensar sobre o que é analisar a genética da pessoa e, além do mais, a epigenética. Não há como mexer no Primário sem considerar que ele traz formações brutas para dentro do Secundário. Veremos as coisas mudarem muito no século XXI. Tomem o que chamam de “politicamente correto” – a suposição (bem ao gosto do século XX) de que o Secundário vive sozinho, por conta própria, que há tábula rasa –, segundo o qual todos, se motivados direito, terão a mesma competência. Sinto dizer que não têm, pois há que nascer certo. Basta ver que não nasci negro, nem com as pernas adequadas para ser Pelé, mas hoje ainda não se pode falar de nada genético. Então, como iremos lidar com algo que, às vezes, tem origens, formações, desempenhos, que são nitidamente genéticos ou epigenéticos? Quando forem epigenéticos, reconhecendo isto, poderemos mudar comportamentos sociais de maneira que, talvez daqui a cinco gerações, as coisas melhorem. Atualmente, chamam de racista quem diz coisas assim, mas nada posso fazer, pois quando apareci aqui eu já estava todo mal formado. Como sabem, critico bastante os índios. Por que não saem do lugar? Não há poeta lá? Nem estou falando da genética, pois, se existe uma pressão cultural forte demais, epigeneticamente aquilo não sai do lugar. Estão há séculos aprisionados, vêem o mundo atual e sabem que não têm vez. Talvez esta seja uma razão para se suicidarem tanto.

9. Para o ano que vem, estou estudando a Gnômica e a Diferocracia, já que as duas estão mais ou menos engrazadas uma na outra. A Gnômica é uma das partes mais importantes, pois é preciso mudar a cabeça inteiramente a respeito de como funcionam a produção e a utilização do conhecimento. E certamente a questão política fica na dependência disso.

16/DEZ

ANEXO

OS NEURÔNIOS-ESPELHO E A MENTE-ESPELHO DA NOVA PSICANÁLISE*

Aristides Alonso¹

Resumo: Recentes pesquisas sobre neurônios-espelho parecem confirmar a idéia da Nova Psicanálise sobre a instalação biológica da funcionalidade do Revirão (1982) no cérebro humano. Abre-se, pois, um novo leque de estudos na interface da psicanálise e das neurociências, com possibilidades de entendimentos mais precisos sobre o modo de funcionamento da mente humana e de outras formas de mente.

Palavras-chave: Neurônios-espelho; Revirão; Psicanálise.

Abstract: New Psychoanalysis' idea about the biological installation of the Revirão (1982) (reversal / return) in the brain seems to be confirmed by the recent researches on the mirror neurons. A better understanding

*Pesquisa realizada a partir da 7ª seção (10/06/06) do Falatório de MD Magno [2006], *AmaZonas: a psicanálise de A a Z*. Trabalho produzido para o Projeto Integrado de Pesquisa *Um Pensamento Original no Brasil: Revisão da Modernidade*, da Linha de Pesquisa *Psicanálise, Cultura e Modernidade (...etc. – Estudos Transitivos do Contemporâneo/CNPq)*.

¹ Doutor em Letras (UERJ) e Pós-Doutor em Comunicação (Centro de Estudos da Comunicação e Linguagens / Universidade Nova de Lisboa). Pesquisador do *...etc. – Estudos Transitivos do Contemporâneo (CNPq)* e Coordenador do *TecMen - Tecnologias da Mente* (Projeto de Extensão / UERJ). Professor (Universidade do Estado do Rio de Janeiro / UERJ). Diretor da UniverCidade-DeDeus e membro da NovaMente. www.novamente.org.br / aristidesalonso@br.inter.net.

of the human mind (and of other forms of mind) can be foreseen in these new possibilities of studies on the interface between psychoanalysis and neuroscience.

Keywords: Mirror neurons; Revirão (reversal / return); Psychoanalysis.

O Real é puro espelho.

MD Magno²

O que é um espelho? É o único material inventado que é natural. Quem olha um espelho, quem consegue vê-lo sem se ver, quem entende que sua profundidade consiste em ele ser vazio, quem caminha para dentro de seu espaço transparente sem deixar nele o vestígio da própria imagem – esse alguém então percebeu o seu mistério de coisa. Para isso há que se surpreendê-lo quando está sozinho, quando pendurado num quarto vazio, sem esquecer que a mais tênue agulha diante dele poderia transformá-lo em simples imagem de uma agulha, tão sensível é o espelho na sua qualidade de reflexão levíssima, só imagem e não o corpo. (...)

Clarice Lispector³

Boas notícias para a psicanálise e os estudos da mente. Trata-se de uma das descobertas mais importantes das neurociências: os neurônios-espelho. Espalhados por áreas fundamentais do cérebro, esses neurônios são responsáveis pela aprendizagem de atividades como sorrir, conversar, caminhar ou tocar piano. Em sua forma mais elementar, significa que imitamos mentalmente uma ação observada, entendendo empaticamente as intenções e o significado das ações realizadas pelos outros. Isto sugere uma base biológica para a dinâmica de aquisição da linguagem, para a complexa rede de trocas da cultura e para as patologias psicossociais em suas variadas formas.

Os neurocientistas que os descobriram são Giacomo Rizzolatti (1937-), Vittorio Gallese (1959-), Luciano Fadiga (1961-) e Leonardo Fogassi (1958-) da Universidade de Parma, na Itália. Para alguns cientistas, como Vilayanur

² Magno [1991]: v.2, 12.

³ Lispector, 1978: 79-80.

S. Ramachandran (1951-), da Universidade da Califórnia em San Diego, os neurônios-espelho farão pela psicologia o que o DNA fez pela biologia: um sistema de referências unificador capaz de explicar o funcionamento de nossa mente. Daí ele concluir, por exemplo, que podemos compreender como os seres humanos deram “um grande salto à frente” (“the great leap forward”) cerca de 50 mil anos atrás, quando adquiriram novas habilidades que tornaram possível a cultura humana (uso das línguas e das ferramentas).

Desde 1982, ao postular o aparelho lógico do Revirão como modelo unificador de funcionamento da mente (a partir da idéia freudiana de Pulsão de Morte), MD Magno (1938-) vem afirmando tese semelhante, com conseqüências ainda mais amplas. Para sua teoria do psiquismo, há em operação na mente (e mesmo no conjunto genérico de tudo que há, o *Haver*) um princípio que a faz funcionar segundo um movimento de polarização das oposições como se houvesse um espelho radical entre elas. Vigora aí um *princípio de catoptria* (*katoptron*: ‘espelho’, em grego): para qualquer coisa posta, seu avesso é também pensável, requerido e mesmo factível. Este princípio rege não apenas os movimentos psíquicos como Freud havia descrito, mas também os movimentos do Haver como um todo.

O Revirão designa a essencialidade pulsional da espécie e trata da possibilidade de pensar o *enantiomorfismo total*, isto é, o avesso radical de qualquer afirmação ou identidade. E é justamente essa *função catóptrica* presente na lógica do Revirão que produz a linguagem humana em toda sua complexidade. Com essa hipótese e suas conseqüências, Magno fez a crítica [1988] da noção lacaniana de *estádio do espelho* (1936) inspirada nas idéias de Henri Wallon (1879-1962) e na etologia de seu tempo (Konrad Lorenz (1903-1989) principalmente). Ele afirma que a competência de reviramento está dada primariamente em nosso cérebro e que caberia às pesquisas científicas demonstrá-la. Buscaremos expor a seguir a hipótese de que, com os resultados recentes das pesquisas sobre os neurônios-espelho, essa aposta sobre a *instalação biológica da funcionalidade do Revirão no cérebro* (1982) parece confirmar-se e abrir novas possibilidades de estudos na interface da psicanálise e das neurociências.

Vejamos, então, as principais idéias e conceitos envolvidos na discussão sobre o funcionamento da mente e sua analogia com o espelho em seus múltiplos sentidos.

1. Os neurônios-espelho

Os neurônios-espelho (também conhecidos como células-espelho) são neurônios que disparam tanto quando um animal realiza uma ação, como quando observa outro animal – normalmente da mesma espécie – fazer o mesmo ato. Os neurocientistas entendem que esse tipo de neurônio *imita* o comportamento de outro animal *como se estivesse ele próprio realizando essa ação*. Esse tipo de neurônio já foi observado de forma direta em primatas e acredita-se que também exista em algumas espécies de pássaros. Nos seres humanos, observa-se igualmente atividade cerebral consistente com a presença de neurônios-espelho no córtex pré-motor e no lobo parietal inferior. A descoberta deste tipo de células é considerada uma das mais importantes da neurociência da última década, pois acredita-se que possam ser decisivas no mecanismo de imitação e na aquisição da linguagem.

Em 1998, Rizzolatti e Michael A. Arbib (1940-) descobriram uma das regiões particularmente ricas em *neurônios-espelho*, a área de Broca, a mesma que, por volta de 1850, Paul Broca (1824-1880) reconheceu como fundamental para o processamento da linguagem. Neste caso, tanto faz ser linguagem falada, código de sinais ou realização de ações. A partir dessas experiências, hoje sabemos que os mesmos neurônios que entram em atividade quando, por exemplo, somos espetados por uma agulha, são acionados quando vemos outra pessoa também sendo espetada. Literalmente, isto significa que experimentamos a dor alheia como em um processo reflexivo ou especular. Mediante técnicas de imageamento cerebral, como eletroencefalograma (EEG) e ressonância magnética (fMRI), tornou-se possível verificar que experimentamos as emoções alheias com a mesma intensidade com que vivenciamos nossas próprias emoções (Rizzolatti, 2006: 46-51).

Recentemente, pesquisas semelhantes comprovaram que elefantes também têm a capacidade de se reconhecer quando colocados em frente a espelhos⁴, e camundongos sentem compaixão ao observar companheiros sofrendo em gaiolas próximas. Apesar de, à primeira vista, isto parecer mera curiosidade do mundo selvagem, essas descobertas sugerem que, assim como os humanos, alguns animais são também dotados de certo grau de “autoconsciência” e podem reconhecer sua imagem em frente a um espelho. Haja vista ao conhecido *teste de reconhecimento no espelho*, muito empregado pelos etólogos (Iacoboni, 2008: 135-41).

O papel dos neurônios-espelho no movimento dos seres vivos e em outras funções já foi tema de estudos no passado, mas agora o foco se dirige para o que parece ser a função principal dessas células: o modo como são ativadas em resposta a algo observado. Talvez isso possa explicar por que aprendemos a sorrir, conversar, caminhar ou jogar futebol, por exemplo.

Qual é, então, a relação entre as reações de certos animais (imitação, empatia, compaixão, repulsa, interesse) e o que sentimos diante de alguém que, por exemplo, acaba de se cortar? Graças à descoberta meio acidental feita por cientistas italianos da Universidade de Parma em 1996⁵, foi identificado o grupo de neurônios responsável por reconhecer outros indivíduos, relacionar-se com eles, e interpretar suas ações e expressões. Eles supunham estar apenas observando neurônios envolvidos na atividade motora do macaco, especificamente o córtex motor do cérebro (em particular, a área F5), associada ao movimento da mão e da boca. Seu objetivo era descobrir como os comandos para realizar determinadas ações são codificados pelos padrões de disparo neural, mas se depararam com uma descoberta de outro tipo.

⁴ Notícia no Jornal da Ciência de 02/11/2006. <www.jornaldaciencia.org.br>

⁵ Iacoboni, ao comentar a importância do conceito de *meme* (Dawkins) como exemplo de imitação produzido pelos neurônios-espelho, descreve o anedotário sobre o momento da descoberta desses neurônios por Vittorio Gallese: ele estaria chupando um sorvete no laboratório quando teria havido o disparo neuronal no macaco observado. Entretanto, nem Rizzolatti nem Gallese confirmaram esta versão da história. Ou seja, embora da maior importância, ninguém se lembra ou sabe exatamente como aconteceu o fato (Iacoboni, 2008: 52).

Giacomo Rizzolatti e seu grupo, usando metodologia clássica, implantaram eletrodos em neurônios individuais do cérebro de macacos (área F5) para estudar aqueles que aumentavam a atividade quando algum deles realizava ações em troca de comida. Os eletrodos foram introduzidos no córtex frontal inferior para que fosse possível observar os neurônios especializados no controle de ações manuais (pegar objetos, por exemplo), pois é a atividade elétrica no cérebro que nos informa se determinado neurônio foi ativado em dado momento. Esta experiência dá acesso à funcionalidade cerebral em grau muito refinado de observação de uma célula individualmente, cuja atividade pode ser acompanhada passo a passo. São experiências invasivas e o implante de eletrodos é feito mediante cirurgia. Atualmente, já há tecnologia de imageamento cerebral não-invasiva (fMRI ou ressonância magnética funcional, MEG ou magnetoencefalografia, entre outras) que possibilita experimentos com seres humanos, cujos resultados podem ser comparados àqueles cirurgicamente realizados nos macacos (Iaconi, 2008: 22-23).

O laboratório descrito por Rizzolatti estava equipado com grande repertório de estímulos para esses animais. Quando realizavam qualquer ação, como pegar alimento ou um brinquedo, os pesquisadores podiam ver qual conjunto específico de neurônios entrava em atividade na execução de determinados atos motores. Em certo momento, observaram que, quando um dos pesquisadores pegava comida, alguns neurônios disparavam como se os próprios macacos estivessem apanhando algo para comer. Uma vez descartada a hipótese de isto ser causado por algum fator trivial, puderam perceber que o padrão de atividade neuronal associado à ação observada era uma representação real do próprio ato no cérebro, mesmo que a ação não tivesse sido realizada pelo macaco (Rizzolatti, 2006 e Iaconi, 2008).

A experiência inicialmente consistia em observar apenas um neurônio no cérebro do macaco enquanto ele tentava apanhar algum tipo de comida, de modo a medir a resposta neuronal a certos movimentos, mas os pesquisadores notaram que alguns neurônios respondiam tanto quando o macaco via uma pessoa pegando comida como quando ele próprio pegava. Dessa forma, puderam

destacar um tipo de neurônio que dispara tanto quando o macaco realiza a ação, como quando observa ação semelhante sendo feita por um dos pesquisadores. É o que nomeiam “monkey see, monkey do”. Pesquisas posteriores confirmaram que aproximadamente 10% dos neurônios no córtex frontal inferior e no parietal inferior têm propriedades de “espelho” e dá respostas semelhantes tanto às ações realizadas quanto às apenas observadas. Os macacos são os únicos animais em que os neurônios-espelho foram pesquisados individualmente.

Pesquisou-se também se os neurônios-espelho F5 eram capazes de “reconhecer” ações apenas pelos sons que produziam. Registrou-se o comportamento do macaco enquanto este observava uma ação motora manual, como rasgar uma folha de papel ou quebrar uma casca de amendoim, e, logo a seguir, lhe era apresentado somente o som emitido nessas atividades. Resultou que também nesse caso, muitos neurônios F5, que tinham respondido à observação visual dos atos acompanhada por sons, agora respondiam apenas aos sons emitidos, sem o aspecto visual das atividades realizadas.

Outros experimentos foram feitos para verificar se o macaco, mesmo sem observar a ação, tem pistas suficientes para criar uma representação visual dela. Um deles foi posto diante de um pesquisador que tentava alcançar um alimento e depois o segurava. A seguir, o animal viu a mesma ação, mas com a parte final (pegar o alimento) encoberta por um biombo. Mesmo assim, mais da metade de seus neurônios-espelho F5 entraram em atividade quando ele só podia imaginar a conclusão do ato, pois estava fora de seu campo visual.

Após uma série de outros testes com macacos (por exemplo, movimento das mãos para pegar objetos visíveis ou, atrás de uma tela opaca, pegar comida ou observar um cientista pegando comida, etc.), Rizzolatti e seu grupo puderam confirmar que a atividade dos neurônios-espelho serve de base para o entendimento de atos motores. Verificou-se que a compreensão de uma ação é possível em uma base não visual (como o som ou a representação mental) e ainda assim os neurônios dispararam para sinalizar o significado do ato (2006: 44-48). Portanto, há possivelmente muitas funções diferentes para o sistema de neurônios-espelho. Entre elas, a linguagem, a compreensão das intenções, a empatia e o autismo.

1.1 Neurônios-espelho no cérebro humano

O próximo passo foi perguntar se também existiria um sistema de neurônios-espelho no cérebro humano. Não foi possível realizar uma pesquisa que estudasse a ação de um neurônio apenas como no caso dos macacos, mas uma série de experimentos que empregavam técnicas para detectar alterações na atividade do córtex motor forneceu indícios positivos. Enquanto voluntários observavam um pesquisador pegando objetos ou fazendo gestos sem significado com o braço, por exemplo, houve aumento da ativação neural em suas mãos e músculos associados aos mesmos movimentos, o que indicava uma resposta de neurônios-espelho nas áreas motoras de seus cérebros. Segundo Rizzolatti, outras pesquisas, que utilizaram eletroencefalograma e também técnicas de imageamento cerebral recorrendo à tomografia por emissão de pósitrons (PET, em inglês) para monitorar a atividade neuronal no cérebro, confirmaram a presença de um sistema de neurônios-espelho em seres humanos. Ainda para checar a existência de um mecanismo capaz de perceber as intenções em humanos, o grupo de Rizzolatti se associa ao de Marco Iacobini (1960-) na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, para mais experimentos, desta vez empregando o imageamento em ressonância magnética funcional (fMRI). Novamente, constatou-se que os neurônios-espelho humanos eram capazes de distinguir entre a ação de pegar uma xícara para beber ou pegá-la para levar embora. Os resultados demonstram que eles não apenas distinguem como respondem ativamente ao componente intencional de um ato (Iacoboni, 2008: 109-16).

Assim como as ações, os seres humanos também podem entender as emoções de mais de uma maneira. As observações de outra pessoa que está sentindo emoção desencadeiam uma elaboração cognitiva daquela informação sensorial, o que leva a uma conclusão lógica sobre as emoções das pessoas ao nosso redor: “Eu sei o que você está sentindo”. Esta frase comum para mostrar *empatia* pode ser literalmente verdadeira. Um mecanismo como esse pode não explicar tudo na cognição social, mas fornece, pela primeira vez, uma base neuronal a partir da qual comportamentos sociais são construídos. Outro exemplo

é a emoção de nojo, uma reação básica para a sobrevivência da espécie. Em sua forma mais primitiva, o nojo indica que algo que se cheira ou se come é ruim e provavelmente perigoso. Também nesse caso, experiências como inalar substâncias ruins e testemunhar o nojo no rosto de outra pessoa ativam em nós o mesmo sistema neuronal nas mesmas regiões. Tanto o observador quanto o observado compartilham um mecanismo neuronal que permite a existência de uma forma de compreensão empírica direta.

1.2 Imitação e aprendizagem

Outro aspecto decisivo diz respeito ao mecanismo da *imitação*. Embora a “macaquice” seja muitas vezes usada para indicar a imitação, esta não é uma habilidade muito desenvolvida em primatas não humanos. É rara em macacos e muito limitada em outros primatas, como gorilas e chimpanzés. Para os humanos, pelo contrário, é o meio pelo qual se aprendem e se transmitem habilidades e linguagem bem como se constitui cultura. Iacoboni e seu grupo conseguiram a primeira pista de que essa capacidade se desenvolve no substrato neural do sistema dos neurônios-espelho, através de fMRI, ao analisar humanos que observavam e imitavam movimentos com o dedo. Ambas as atividades disparavam o giro frontal inferior, parte do sistema de neurônios-espelho, particularmente quando o movimento tinha um objetivo específico.

Mas a pesquisa foi além. Qual o papel dos neurônios-espelho quando temos que aprender atos motores completamente novos e complexos através da imitação? O grupo de Giovanni Buccino, do Centro de Pesquisas Jülich, Alemanha, empregou fMRI para estudar voluntários que imitavam notas no violão, após vê-las tocadas por um especialista. Enquanto os participantes do teste observavam o músico, seus sistemas de neurônios-espelho ficaram ativos e a mesma área foi ativada de forma ainda mais intensa durante a imitação dos movimentos nas cordas do violão.

Muitos aspectos da imitação são desconhecidos. Por exemplo, a questão básica de como o cérebro recebe informação visual e a traduz para ser reprodu-

zida em termos motores (Rizzolatti, 2006:145-56). Se o sistema de neurônios-espelho serve de ponte nesse processo, além de fornecer uma compreensão das ações, intenções e emoções de outras pessoas, pode ter evoluído para tornar-se um importante componente da capacidade humana de aprendizado com base na observação de habilidades cognitivas sofisticadas.

As propriedades dos neurônios-espelho resolvem dois problemas fundamentais da comunicação: a *paridade* (que faz com que o significado no interior da mensagem seja o mesmo para emissor e destinatário) e a *compreensão direta* (eliminação da necessidade de um acordo interno entre as partes para que se entendam sobre signos arbitrários, por exemplo). Já que o acordo é inerente à organização neural de ambos, as ações podem ser consideradas mensagens que são entendidas pelo observador sem qualquer mediação cognitiva.

Outro ponto importante proposto pela pesquisa é o possível papel dos neurônios-espelho no surgimento e desenvolvimento da linguagem falada, uma das habilidades cognitivas mais sofisticadas da humanidade. Se, como muitos lingüistas supõem, a comunicação humana pode ter começado com um tipo de linguagem gestual, os neurônios-espelho certamente participaram da evolução das línguas. Como vimos, as experiências com PET-Scan (positron emission tomography) sugerem que um sistema de reconhecimento de gestos também existe em humanos e inclui a área de Broca. Para Rizzolatti e Arbib, desse sistema – que implica observação e execução – pode-se deduzir uma ponte entre “fazer” e “comunicar”, e a ligação entre *ator* e *observador* se torna também a mesma que há entre *emissor* e *receptor* da mensagem (Rizzolatti e Arbib, 1998). A partir dessa hipótese, propuseram que o sistema de neurônios-espelho representa o mecanismo neurofisiológico a partir do qual a linguagem evoluiu, principalmente a partir da comunicação gestual (Corballis, 2002). Logo, sua semântica é inerente aos gestos usados na comunicação e o passo necessário para a evolução até a fala foi a transferência do significado do gesto, intrínseco ao próprio gesto, aos significados abstratos do som. Ou seja, a forte ligação que há entre mão e boca possibilitando a transformação dos sinais gestuais em articulação fonológica. Para isto, os circuitos neurais do movimento da mão, do

braço e da mímica facial, que compõem a fala articulada, devem estar intrinsecamente relacionados, ou compartilhar um substrato neural comum. Vários estudos comprovam esta hipótese, o que mostra que os circuitos neuronais dos movimentos feitos com as mãos e com a boca estão estritamente ligados e esta ligação inclui os movimentos do aparelho fonador usados na produção da fala (Iacoboni, 2008: 84-9).

Esta última constatação permite indagar se os *espelhos internos* – uma vez que possibilitam a conexão sem palavras – não seriam a estrutura que possibilita a comunicação entre os humanos em seus múltiplos e complexos níveis (Rizzolatti, 2006).

1.3 Autismo, linguagem e cultura

Há alguns anos, dois grupos de cientistas que trabalhavam de maneira independente sugeriram que o autismo poderia estar associado à disfunção no sistema dos neurônios-espelho. Um grupo, na Escócia, dirigido por Justin Williams, especialista em autismo, que se juntou a Andrew Whiten, especialista em comportamento imitativo em primatas e Dave Parrett, especialista em neurofisiologia de macacos. Outro, de Vilayanur Ramachandran, da Universidade da Califórnia, San Diego, que pesquisava a supressão da onda mu em crianças com autismo ao mesmo tempo que observava ações de outras pessoas.

Estes cientistas supõem que a descoberta dos neurônios-espelho seja o elo perdido que ajudaria a explicar por que somente o homem, entre todas as espécies conhecidas, teve capacidade cognitiva suficiente para desenvolver linguagem e cultura. Ramachandran se pergunta, inclusive, se essa descoberta não terá, para o estudo da mente, o mesmo impacto que teve a descoberta do DNA por James D. Watson (1928-) e Francis Crick (1916-2004) em 1953. Mas um de seus interesses principais é na relação entre os neurônios-espelho e o autismo.

Na década de 40, o psiquiatra americano Leo Kanner (1894-1981) e o pediatra austríaco Hans Asperger (1906-1980) descobriram o autismo, distúrbio

que afeta milhares de crianças. Foram achados isolados, nenhum sabia o que o outro pesquisava, mas, por coincidência, deram o mesmo nome à “síndrome” – *autismo* – cujos traços mais marcantes são o isolamento do mundo exterior e a conseqüente perda de interação social. Atualmente, ela é denominada “transtornos do espectro do autismo”.

No final da década de 1990, Ramachandran e seu grupo passaram a buscar as possíveis conexões entre autismo e os neurônios-espelho. Os autistas não compreendem metáforas e muitas vezes as interpretam literalmente, assim como têm dificuldades em imitar gestos alheios. Demonstram preocupação exagerada com aspectos insignificantes e ignoram outros mais importantes, principalmente os referidos à socialização (2006: 54). Como já se sabe, o desenvolvimento da linguagem na infância requer integração de áreas cerebrais. Se os neurônios-espelho estão diretamente envolvidos nesse processo não se sabe, mas algum processo análogo deve existir. Tudo parece indicar que essa classe de células nervosas habilita o ser humano a enxergar a si mesmo como seu semelhante o enxerga, competência esta essencial tanto na autopercepção como na introspecção.

Para Ramachandran, os neurônios-espelho pareciam desempenhar as mesmas funções que estariam prejudicadas ou desintegradas nos autistas. Mediante a medição de ondas cerebrais com eletroencefalograma (EEG), detectou a supressão de ondas mu quando a criança monitorada fazia um gesto voluntário. Mas quando ela observava outra pessoa desempenhar a ação, a supressão das mesmas ondas não ocorria. A conclusão do experimento foi que o sistema motor da criança estava intacto, mas seu sistema de neurônios-espelho, deficiente. Apresentado na reunião anual da Sociedade de Neurociências (2000), este resultado foi considerado prova cabal da hipótese da relação entre autismo e deficiência no sistema dos neurônios espelho (2006: 57). Outros pesquisadores também o confirmaram mediante diferentes técnicas de monitoramento de atividade neural. Ou seja, pessoas com autismo sofrem de disfunção do sistema neurônios-espelho (2006: 57-58).

Crianças autistas costumam ter dificuldades de interpretar provérbios e metáforas, e Ramachandran supõe que a competência para fazer *analogias*

e metáforas – que atingiu altíssimo grau de complexidade no ser humano – dependa dos neurônios-espelho. Portanto, a aquisição e o desenvolvimento da linguagem humana também poderiam ser explicados por essa via.

O autismo atinge aproximadamente 0,5% das crianças nos Estados Unidos. Muitos portadores têm níveis de inteligência normal, às vezes acima, mas com sérios problemas de socialização. Os principais indícios clínicos da doença são: isolamento social, falta de contato visual, reduzida capacidade de linguagem ou comunicação e ausência de empatia. O teste realizado pelos pesquisadores para confirmar a deficiência de neurônios-espelho em crianças autistas foi simples e direto, e as medidas de atividade cerebral foram obtidas mediante encefalograma. Os pesquisadores pediram para a criança abrir e fechar a mão direita em forma de pinça e mediram a atividade de um grupo específico de neurônios. Depois, exibiam um filme em que uma pessoa executava exatamente o mesmo movimento com a mão. Em uma criança normal, os mesmos neurônios espelho seriam ativados, mas não aconteceu a ativação esperada nos autistas. Ou seja, neles “os espelhos estariam quebrados” (2006: 53).

A hipótese geral de Ramachandran é: os neurônios-espelho foram decisivos no desenvolvimento de habilidades sociais elaboradas e da rede complexa de formas de conhecimento que constituem a linguagem humana e a cultura. Ele acredita que esse “grande salto a frente”, ocorrido em um momento-chave da evolução do homem, coincidiu com a complexificação desse sistema neuronal (Ramachandran, 2005). Os neurônios-espelho se tornaram muito mais rápidos e mais numerosos no homem do que em outros animais. Isto propiciou que o aprendizado mediante observação e repetição se tornasse mais eficiente, pois a passagem do conhecimento adquirido de uma geração a outra passou a ser feita diretamente (a herança cultural), sem a necessidade de aguardar o lento processo de seleção natural darwiniana. Para ele, há também a possibilidade de a mudança ter sido uma adaptação genética que deu a esses neurônios a capacidade especular que têm hoje, abrindo rápido caminho no processo de aprendizado e comunicação.

Em linhas gerais, vimos alguns dos aspectos fundamentais sobre os neurônios-espelho. A seguir, veremos outros estudos sobre a interface mente/

espelho como subsídio para o que pretendemos apresentar sobre o teorema do Revirão e o Princípio de Catoptria da Nova Psicanálise. Ou seja, sobre a mente entendida como puro espelho.

2. A questão mente/espelho

Henri Wallon (1879-1962), em 1931, denominou “prova do espelho” à experiência mediante a qual a criança, posta diante de um espelho, passa a distinguir progressivamente seu próprio corpo de sua imagem nele refletida. Esta operação dialética se processaria graças a uma compreensão simbólica, por parte da criança, do espaço imaginário no qual ela forjava sua identidade. A prova do espelho especificaria assim a passagem do especular para o imaginário e do imaginário para a simbolização.

Em 1936, Jacques Lacan (1901-1981) retomou a experiência e a terminologia de Wallon e a transformou no “estádio do espelho” – em muitos aspectos diferente da tese original – como entendimento da operação mental mediante a qual o ser humano constitui identificação com seu semelhante e tem acesso à função simbólica, ou seja, à linguagem humana. Na comparação entre o ponto de vista de Wallon e o de Lacan, pode-se perceber que este transformou uma experiência psicológica em uma teoria da organização imaginária do ser humano.

2.1 A prova do espelho de Wallon

É fato bem conhecido que a noção de corpo próprio, na teoria de Wallon, constrói-se por meio de etapas sucessivas e relacionadas ao processo da psicogênese. É indispensável para os progressos da consciência a construção do que a psicologia chama de “subjetividade” e se integra ao desenvolvimento do eu psicológico. A pessoa vai-se construindo ao longo de sua evolução e tem na emoção a origem de seu psiquismo. As emoções estão intimamente relacionadas aos processos orgânicos, isto é, às descargas provenientes das necessidades

corporais do bebê humano. É por meio das interações com os outros que as expressões se manifestam, tornam-se intencionais e podem ser reconhecidas pelo ambiente e por ele influenciadas.

Entretanto, para adquirir a noção de corpo próprio é necessária a realização de um processo distintivo entre os elementos atribuídos ao próprio corpo e aqueles mais diretamente ligados à chamada realidade externa. Essas duas atividades precisam estar articuladas simultaneamente à investigação progressiva do mundo exterior. Inicialmente, a delimitação do corpo e da exterioridade é bastante vaga e imprecisa. Como a criança está em uma simbiose afetiva com o meio ambiente, só através da exploração sistemática de seu corpo é que poderá reconhecer gradativamente suas partes para, então, integrá-lo em uma unidade corporal (Wallon, 1995: 205-6).

Mediante o dispositivo “prova do espelho”, Wallon estudou as reações das crianças diante de sua imagem refletida no espelho e os diversos graus de dificuldades porque passam antes de poder integrar, em um único conjunto, sua unidade corporal (1995: 210). Sem efetuar essas redução e diferenciação em relação ao meio, a criança só poderá ter uma visão partida, fragmentada, de seu corpo. Afirmo ele que, “para apreender-se como um corpo dentre os corpos, como um ser entre os seres” (1995: 211), o bebê precisa empregar analogias, assimilar o que já sabe, individualizar-se e discernir os diferentes aspectos que possibilitarão uma representação de si mesmo. A consciência corporal é a condição fundamental para o início da consciência de si, o prelúdio da construção da pessoa que contempla necessariamente a diferenciação eu-outro, segundo o pensamento hegeliano vigente na época.

A psicologia de Wallon se constitui a partir de um dualismo em que a noção de desenvolvimento tem papel central. Para ele, o fator biológico está ligado à maturação do sistema nervoso, o que é inseparável do fator social, constituído pelas interações entre o homem e seu meio ambiente (1995: 213). Dando ênfase à dialética de transformações sucessivas, a psicologia é pensada a partir da infância, cuja sucessão descontínua de estágios – e, depois, suas transformações em termos de crises – fornece a chave da passagem do estado

infantil ao adulto. Sua psicologia leva em conta a hereditariedade, de um lado, e a cultura, de outro. A ótica é principalmente a de uma psicobiologia, de uma teoria das mentalidades, uma teoria “total” situada no cruzamento das ciências sociais e biológicas (1995: 82-96).

Ele se interessa pelo pensamento freudiano a partir de 1921, embora não aceite a idéia de libido e considere a psicanálise apenas um ramo da filosofia. Em 1931, escreve um texto sobre a prova do espelho e a noção de corpo próprio, cujas idéias básicas Lacan utiliza na construção de seu “estádio do espelho”, proposto inicialmente em 1936. É também desse texto que Lacan retira dois conceitos fundamentais de sua teoria, o imaginário e o simbólico. No XVI Congresso da International Psychoanalytical Association (IPA), em Zurique, em 1949, Lacan retoma essa articulação e apresenta uma comunicação intitulada *O estágio do espelho como formador da função do eu [je] tal como nos é revelada na experiência psicanalítica* (1947), posteriormente publicada em seus *Écrits* (1966).

O espelho já ganhara lugar de destaque no pensamento moderno com contribuições como as de Lewis Carroll, *Alice no país das maravilhas* (1865) (*Alice in the Wonderland*) e principalmente *Alice através do espelho* (1871) (*Alice through the mirror glass*). Nessas narrativas, temos gatos, cachorros, patos, ratos, outros bichos e crianças que atravessam espelhos e depois comentam suas experiências de forma lúdica e precisa. A prova do espelho de Wallon é apresentada como uma aparelhagem de observação científica. Em experiências etológicas, por exemplo, quando um pato é privado de sua fêmea e encerrado em um cômodo revestido de espelhos, ele toma sua própria imagem como sendo a da companheira ausente. Em situação semelhante, um cachorro pode ter uma reação de evitação: responde a afagos, mas recusa seu reflexo e se volta para seu treinador. Já um chimpanzé passa a mão por trás do espelho e um gorila ou um elefante pode se reconhecer no espelho, conforme atestam experiências mais recentes.

Ao fazer uma comparação entre as reações de animais e das crianças, Wallon percebe reações diferentes conforme as idades. Até o fim do terceiro

mês, a criança é indiferente à sua imagem no espelho. Mas já no decorrer do quarto mês, produzem-se mudanças. O bebê pode fixar o olhar e observar seu reflexo como algo estranho à sua pessoa. Pode mesmo esboçar um sorriso. Aos seis meses, já pode rir para sua imagem e para a de sua mãe ou pessoa conhecida refletida no espelho. Pode mesmo mostrar surpresa para a voz vinda de trás, pois não consegue fazer coincidir no tempo e no espaço um reflexo e uma presença real. São ainda realidades independentes. Por volta dos dez meses, a criança estende os braços para a imagem e olha para ela quando é chamada pelo nome. Nesse momento, percebe essa imagem externa a si como um complemento natural. Assim, representa seu corpo próprio através de fragmentos ao fim de um longo processo de exteriorização.

Para proceder à unificação de “si mesma” no espaço, a criança precisa articular duas coisas. Primeiramente é necessário admitir a existência de imagens que têm apenas uma aparência de realidade, ou seja, são reflexos. A seguir, deve afirmar a realidade de uma existência que escapa à percepção. Desse modo, o bebê encontra imagens sensíveis, mas não reais, e de outro, imagens reais, mas subtraídas ao conhecimento sensorial. Ou seja, segundo essa hipótese, para sua organização no tempo e no espaço, a criança tem que subordinar progressivamente os dados da experiência imediata à representação (1995: 209-216).

A prova do espelho lhe serve como um jogo cada vez mais diferenciado de distinções e equivalências, mediante o qual forma-se a noção de corpo próprio que conduz à “unidade do eu”. O problema comporta basicamente dois momentos: perceber a imagem e relacioná-la reflexivamente consigo mesmo. Para Wallon, essa transformação se dá em três passos: 1. No âmbito da especularidade, nenhuma relação é introduzida entre a imagem refletida e a imagem real; 2. O estabelecimento de uma relação que permite a constituição de um eu unificado em um espaço imaginário que escapa ao efeito especular. Este momento é considerado como um prelúdio do que vem a seguir; 3. Ele antecipa uma terceira etapa, agora simbólica, que propiciará à criança meios de organização de sua experiência sensível (Roudinesco, 2006: 42).

Por volta de um ano, o reflexo é vivenciado como um sistema de referências que possibilita direcionar gestos orientados a particularidades do corpo. Nesse estágio, a criança já não se contenta mais, como no décimo mês, em estabelecer uma relação entre imagem refletida e a imagem real. Ela reproduz a experiência do sexto mês em outro registro. Não mais separa radicalmente o reflexo e a pessoa real, e reconhece a existência de uma dualidade entre ambos, mas percebe que uma está subordinada à outra. Tem, assim, acesso a uma compreensão do espaço em que se forjou seu eu.

Aos quinze meses aproximadamente, a prova do espelho assume uma outra feição. Wallon descreve que uma criança nessa idade, solicitada a mostrar sua mãe, primeiramente a designa no espelho e depois se volta para ela sorrindo. Já brinca com sua especularidade. Percebe-se que ela finge atribuir uma preponderância à imagem justamente quando pode reconhecer com clareza a reflexão da imagem e a ordem simbólica (1995: 214).

Até este momento, o autor não estabelece relação alguma entre seu trabalho e o de Freud. Ele apenas faz uma psicologia que considera tanto os aspectos biológicos quanto os mentais e culturais, e não pode ainda fazer idéia da importância que seu trabalho terá na reelaboração da psicanálise por Lacan alguns anos mais tarde.

2.2 A contribuição de Lorenz

No estudo do comportamento humano e animal, a relação com o espelho começa com Wallon e se desenvolve nas pesquisas de Konrad Lorenz (1903-1989), fundador da moderna etologia e prêmio Nobel de Fisiologia em 1973. Etologia é o estudo do comportamento animal. A observação dos hábitos dos animais e a comparação de sua agressividade com o comportamento humano foi uma grande preocupação do cientista e um tema oportuno dos pensadores no período entre guerras.

Lorenz sugeriu que as espécies animais estão geneticamente construídas para aprender tipos específicos de informação que são importantes para a

sobrevivência da espécie. Descreveu o aprendizado de patos e gansos recém-nascidos. Os filhotes, logo que nasciam, aprendiam a seguir a mãe, ou então, uma falsa mãe. O processo, chamado de *imprinting* ou *estampagem*, compreende sinais visuais e auditivos do objeto “mãe” que são gravados, mesmo que sejam enganosos. Inicialmente, o fenômeno foi chamado de “stamping in”, pois Lorenz entendeu que o objeto sensorial encontrado pela ave é *estampado* ou *carimbado* de forma irreversível em seu sistema nervoso. Isto provoca uma resposta de “acompanhamento” que, depois, afeta o animal adulto por toda vida.

Um critério importante para o *imprinting* é sua limitação a uma fase circunscrita ontogeneticamente, quando o organismo praticamente “espera” alguns estímulos-chave bem definidos que serão associados a uma parte do estímulo situacional que o acompanha (Lorenz, 1995: 357). Antes ainda dos etólogos, Lorenz atribui a Freud a descoberta desse mecanismo, quando este descreveu a “fixação de objeto” nos primórdios da psicanálise (Freud [1905]).

Nos seres vivos, existe uma gama de misturas de comportamentos inatos e adquiridos. Muitos padrões comportamentais aprendidos dependem de mecanismos inatos. Por exemplo, um filhote de gato é dotado de mecanismos cerebrais para caçar ratos, mas deve aprender a usá-los com a gata mãe. O mesmo acontece com alguns cantos de pássaros, que precisam ouvir seus colegas adultos, caso contrário seus padrões canoros serão modificados e ficarão irreconhecíveis para outros membros da espécie. Este é um fenômeno presente em vários animais jovens, principalmente aves, como patinhos e pintinhos. Quando saem dos ovos, seguirão o primeiro objeto em movimento que encontrarem no ambiente. Pode ser a mãe pata ou galinha, mas não necessariamente. Em muitos casos, o estampamento se dá com membros da mesma espécie como uma forma de resguardo contra a hibridização. Mas pode também fixar reações em outros objetos. Nas experiências com filhotes de patos, percebeu-se que o período sensível para a ocorrência do *imprinting* estende-se entre as horas logo após o nascimento até 15 horas após, com um pico destacado entre a décima e a décima-quinta hora. Ocorre então uma ligação social entre o filhote e esse objeto ou organismo. Gansos cinzentos, criados por Lorenz desde filhotes,

passaram a segui-lo como se ele fosse sua mãe. E mesmo depois de adultos, continuaram preferindo-o a outros gansos da mesma espécie.

Em outros experimentos, demonstrou-se que patinhos poderiam receber o *imprinting* não somente de seres humanos, mas também de objetos inanimados, como de um balão, por exemplo. Observou-se que há um intervalo de tempo muito restrito após o nascimento dos filhotes para que o estampamento se realize efetivamente. Esse tipo de pesquisa deu provas de que existem períodos críticos na vida quando um tipo definido de estímulo é necessário para que o desenvolvimento normal se processe. Então, como é necessária a exposição repetitiva a um estímulo ambiental – o que provoca uma associação com ele –, podemos dizer que esse mecanismo é um tipo de aprendizagem, embora contenha elementos inatos muito fortes.

Ao longo de sua obra, Lorenz também fez estudo comparativo entre o comportamento humano e o animal, expondo suas teses principalmente nos livros *Sobre a agressão* e *Por trás do espelho: uma pesquisa por uma história natural do conhecimento humano*⁶. No primeiro, ressalta que, nos animais, a agressividade tem um papel positivo para sobrevivência da espécie, como o afastamento de competidores e a manutenção do território. No homem, a agressividade poderia ser orientada para comportamentos socialmente úteis. No segundo livro, *Por trás do espelho*, especula sobre a natureza do pensamento e da inteligência humanas e seu poder de ultrapassar as limitações reveladas por seus estudos. Também argumenta que a tendência à guerra no homem tem uma base inata, mas que pode ser mudada ou controlada.

Seu trabalho sobre as raízes da agressividade alcançou grande repercussão devido à possibilidade de aplicação ao conhecimento da violência urbana e, em maior escala, à prevenção das guerras. Lorenz descobriu que muitos dos mais importantes padrões de comportamento dos animais, aqueles tradicionalmente chamados instintivos, eram inatos e não podiam ser explicados behavioristicamente. Eram comportamentos fixos, que não podiam ser alterados ou eliminados

⁶ *Das sogenannte Böse* (1963) e *Die Rückseite des Spiegels: Versuch einer Naturgeschichte menschlichen Erkennens* (1973), sem tradução em português.

pelo meio ambiente, por mais que se manipulasse experimentalmente esse meio. Tomou como exemplo uma observação de outro etólogo, Wallace Craig, que havia descrito como um pombo macho afastado da fêmea corteja um pombo empalhado, um pedaço de pano e até mesmo o canto vazio da sua gaiola.

Lorenz é também um dos principais críticos da idéia clássica de *instinto* como algo que não necessitava ou era acessível a uma explicação natural (1995: 17). Discordava tanto da psicologia finalista, com sua idéia de instinto, quanto da behaviorista e sua afirmação de que todo comportamento deve ser aprendido. Há padrões que determinam o comportamento dos animais que se originaram filogeneticamente e estão inscritos no genoma. Cita como exemplo o fato de patos das mais variadas espécies exibirem movimentos de corte similares em inúmeras características. Isto indica que a programação para esses movimentos tem que estar inscrita no genoma “de uma maneira exatamente idêntica àquela em que o programa para caracteres morfológicos está codificado nos genes” (1995: 20).

O comportamento do homem é fundamentalmente semelhante ao dos outros animais e está sujeito às mesmas leis causais da natureza. Segundo ele, o critério para determinar se certo padrão de comportamento é inato, é que seja mostrado por todos os indivíduos normais da espécie, de determinada idade e sexo, sem nenhum aprendizado anterior e sem tentativas e erros. É o caso do comportamento agressivo, entre outros.

O ponto crucial de sua visão sobre a natureza humana é: assim como outros animais, o homem tem o impulso inato do comportamento agressivo em relação à sua própria espécie. Esse impulso estaria limitado a poucos danos, como acontece entre animais do mesmo grupo, não fossem dois agravantes: dispor de armas que multiplicam seu poder ofensivo e a falta do respeito ao gesto de submissão feito pelo perdedor (como acontece em outros animais menos agressivos). O homem, por essas razões, é o único animal que mata em grande escala dentro de seu próprio grupo social.

As pesquisas etológicas de Lorenz destacam um dado importante: “Uma cultura é um sistema vivo como qualquer outro” (1995: 438). Então, mesmo

sendo o sistema mais complexo do planeta, nem por isso deixa de estar sujeito às leis da natureza que prevalecem no mundo orgânico. Ou seja, há correlação direta, se não mesmo homologia, entre a produção simbólica do ser humano e a natureza que o cerca e o constitui.

2.3 Lacan e o “estádio do espelho”

Do texto de Jacques Lacan sobre o “estádio do espelho”, apresentado no Congresso de Marienbad em 1936, restaram as versões ulteriores de 1949 e 1966⁷. Suas principais fontes de referência são bem conhecidas: o conceito de *narcisismo* formulado por Freud (1914), o *neodarwinismo* (nos trabalhos do anatomista Bolk sobre a neotenia do homem (1926), nas teses psicológicas de Wallon (1934) e nas pesquisas etológicas de Lorenz), a *psicologia da Gestalt* e o *hegelianismo* como apresentado por Kojève. Entretanto, segundo Dufour (1999), além dessas referências, é preciso levar em conta o quanto o espelho lacaniano deve ao *espelho sofístico* de Jacob Boehme (1575-1624). A inovação de Lacan foi reintroduzir, no século XX, um modelo de pensamento considerado “irracional”, “mágico”, “barroco”, cuja origem remonta ao misticismo teosófico. Essa transposição para um novo ambiente se deu através de Alexandre Koyré (1892-1964) e foi reapropriada por Lacan ao tomar uma forma antiga de pensamento como sendo mais moderna que as formas modernas da racionalidade.

Na teosofia de Boehme, o tema do espelho é uma questão central, pois o “*um* só pode chegar a se exprimir e a se manifestar no *outro* e pelo *outro*”. O *um* se apresenta dividido. De acordo com Koyré, o indeterminado aspira a um limite para revelar-se, e não como forma de limitação. Ou seja, a vontade divina constrói para si mesma um espelho no qual se mira e, assim, o Absoluto

⁷ “1938: Verbete sobre “la famille” na *Encyclopédie française* (Larousse, Paris, 1938, tomo 8, reeditado sob o título *Les Complexes familiaux dans la formation de l’individu*, Navarin, Paris, 1984). 1949: *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je, telle que’elle nous est révélée dans l’expérience psychanalytique* 4, 1949, 1966: retomada em *Écrits* (Paris, Seuil, 1966). A que se deve acrescentar os “Propos sur la causalité psychique” (1946), cujas oito últimas páginas retomam, atualizando-os os argumentos do texto de 1938” (Dufour, 1999: 10).

(o *Ungrund*) olha a si mesmo e acha a si mesmo⁸. Esse espelho divino contém a totalidade das imagens. O *um* se divide e se desdobra ao mesmo tempo que permanece *um*, e assim devém outro ao mesmo tempo que permanece o mesmo. A ousadia de Lacan foi ter dado a esse Um-dividido um lugar de destaque na formação das bases de nosso psiquismo. Durante muito tempo atribuiu-se esse tema a Hegel, mas hoje sabe-se que o que Lacan encontra em Hegel (via Koyré e Kojève) são basicamente esquemas boehmianos⁹. As referências de Hegel a Boehme são explícitas nas *Lições sobre a História da Filosofia* (Dufour, 1999: 46-9).

A partir desse conjunto de referências, Lacan transforma a prova do espelho (Wallon) em uma teoria da organização imaginária do ser humano. Faz a mudança terminológica: de “prova do espelho” para “estádio do espelho”, isto é, a passagem de uma experiência laboratorial a uma teoria da psicanálise. Já sabemos que, em Wallon, a prova do espelho especifica a passagem dialeticamente hegeliana do especular ao imaginário e do imaginário ao simbólico. Lacan, por sua vez, retoma a experiência walloniana para completar a teoria do Édipo freudiano, pois esta não permitia situar o modo como o sujeito se projeta em sua imagem especular para assim constituir um imaginário dominado pelo narcisismo.

⁸ “O resultado é uma teoria do “espelho sofístico”: é saindo desse indizível *Ungrund* que Deus se concebe como sujeito. Deus só pode com efeito conhecer-se a si mesmo opondo-se a Si-Mesmo. Deus se exprime assim no homem, criando à sua imagem, e isso num movimento jamais acabado, infinito de revelação a Si-mesmo. O meio desse engendramento onde se passa do Um, indizível e invisível, ao múltiplo visível do mundo não é outro senão o espelho, este olho da Sabedoria divina, que contém as imagens de todos os seres individuais. (...) A vontade divina ‘vê-se pois ela mesma de toda eternidade e nela mesma vê o que é; faz para si mesma um espelho no qual se mira’ e, como não pode nele encontrar outra coisa a não ser si mesma, torna-se ela mesma objeto de seu próprio desejo [...]: ‘o desejo não tem objeto e só pode desejar-se a si mesmo [...]. É assim que o Absoluto (o *Ungrund*) olha em si e se acha a si mesmo” (Dufour, 1999: 37-8).

⁹ Em 1988, MD Magno dedica seu Seminário *De Mystério Magno: A Nova Psicanálise* a Jacob Boehme, ocasião em que se refere a vários aspectos do pensamento do “grande sapateiro” (o “philosophus teutonicus”, o primeiro filósofo alemão, segundo Hegel).

Lacan já tinha esboçado essa questão em *Os complexos familiares na formação do indivíduo*, cujas bases foram apresentadas no volume VIII da *Encyclopédie Française*, organizada pelo historiador Lucien Febvre, intitulada *A vida mental*. Lacan retoma aí o aparelho walloniano, reinterpretado à luz do pensamento freudiano que fora reelaborado a partir de uma perspectiva boehmiana (via Koyré) e hegeliana (via Kojève). Segundo essa articulação inicial, os “complexos familiares” estão no centro da formação da mente humana. No primeiro momento, há o *complexo de desmame* (Melanie Klein), que rompe com a relação parasitária com a mãe e deixa sua marca indelével no psiquismo. No segundo, surge o *estádio do espelho* (Wallon/Lacan), que corresponde ao fim do desmame e possibilita ao indivíduo realizar uma unidade especular ou antecipada do eu, na qual o outro ainda não tem lugar. Por fim, surge um terceiro momento em que aparece o outro e se instala a luta pelo reconhecimento. Só então, há o advento do complexo de Édipo como descrito por Freud (Roudinesco, 1988: 161-162).

Em 1949, Lacan apresenta *O estádio do espelho como formador da função do eu [je] tal como ela nos é revelada na experiência psicanalítica* (1998), em que funde a noção freudiana de *Ich* (eu) e cria a oposição do *eu imaginário* (alienado na figura do outro) a um *sujeito do inconsciente* reorganizado pela ordem simbólica. Mantém a idéia de *desejo do Outro* de origem hegeliana, que permite apontar as modalidades dialéticas de identificação do sujeito (Lacan) com o Outro, em termos não psicanalíticos de alienação, reconhecimento e desconhecimento. Ele deseja o desejo do Outro, de forma que o desejo do homem pode ser definido como o desejo do Outro mediado pela linguagem, isto é, pela função simbólica. Nessa operação, Lacan põe o inconsciente freudiano no lugar da consciência, seja ela cartesiana ou hegeliana. Mais tarde, entre 1953 e 1957, Lacan introduz em seu quadro teórico a noção de *demanda* (que se entende sempre como demanda de amor). As necessidades biológicas podem ser satisfeitas com objetos naturais (alimentação e outras), mas o desejo nasce da distância irreduzível entre necessidade e demanda. Ele não se refere a um objeto, mas a uma *fantasia*, a um “outro imaginário”. Trata-se de desejo

do desejo do Outro enquanto busca ser absolutamente reconhecido por ele ao preço de uma luta de morte.

Apoiado em pesquisas de psicólogos e etólogos, Lacan situa a fase do estádio do espelho entre os seis e os dezoito meses de idade. O acontecimento básico aí destacado é o fato de que um bebê (*infans*), diante do espelho, ainda sem postura ereta e controle motor, apoiado em algum suporte artificial, “supera, numa azáfama jubilatória, os entraves desse apoio, para sustentar sua postura numa posição mais ou menos inclinada e resgatar, para fixá-lo, um aspecto instantâneo da imagem” (Lacan, 1998: 97). É nesse momento que, para ele, o “sujeito” antecipa, como numa miragem, a maturação, que só lhe é dada como *Gestalt*, e que surge como *imago do corpo próprio* (1998: 98).

É nesse passo de sua articulação que Lacan faz uso das experiências etológicas descritas por Harrison, Chauvin e desenvolvidas por Lorenz (1998: 190-92). Ou seja, os efeitos que uma Gestalt pode ter sobre o organismo, como é o caso clássico da maturação da gônada na pomba que tem como condição necessária a visão de um semelhante, não importa de que sexo seja. Efeito este que pode ser obtido pela simples reflexão de um espelho. Então, a função do estádio do espelho se revela como um caso particular da função da imago, isto é, “estabelecer uma relação do organismo com sua realidade, ou seja, como se costuma dizer, do *Innenwelt* com o *Umwelt*”¹⁰ (1998: 100). Mas, nesse caso, o mais importante é o fato de isto se dar no seio de uma “discórdia primordial”, em virtude da prematuração específica do nascimento no homem¹¹ (1998: 100). Por isso, o estádio do espelho é um drama que acontece na *passagem de uma insuficiência para uma antecipação*, que vai tanto fabricar para o “sujeito” suas fantasias com imagens do corpo despedaçado (que aparece sob a forma de membros disjuntos e órgãos representados em exoscopia), quanto promover a formação de uma imagem de totalidade, que Lacan chama de “ortopédica” (1998: 100). Nesses termos, ele aponta os elementos básicos que constituem

¹⁰ Em alemão, *Innenwelt* se refere ao “mundo interior”. No uso que Lacan faz, contrasta com *Umwelt* (“ambiente”, “meio ambiente”) para sugerir a experiência mental de “interioridade” que acompanha o “eu” que se forma no “estádio do espelho”.

¹¹ Lacan retirou essa idéia do anatomista holandês Louis Bolk (1866-1930).

a emergência do simbólico para o ser humano. Esta é sua contribuição para o entendimento de uma idéia fundamental da antropologia estrutural, a da passagem de um estado natural para o cultural ou simbólico.

Em suma, Lacan parte da experiência walloniana de prova do espelho e faz dela um conceito que lhe permite revisar a teoria freudiana do complexo de Édipo. Afasta-se da perspectiva psicológica referida a uma experiência natural para pensar o estágio do espelho como uma operação psíquica mediante a qual o homem se constitui em uma identificação com seu semelhante. Para que essa prova se torne um estágio no sentido não-biológico do termo, ele a repensa com termos da filosofia cartesiana e hegeliana. Ao retomar a categoria de desejo em Hegel, dá um novo sentido ao desejo em Freud. Mais tarde, como vimos, cinde seu sistema e nele introduz o conceito de demanda. Então, todo seu modelo será pensado a partir da lingüística (Saussure) e da antropologia estrutural (Lévi-Strauss), o que lhe permitirá retomar as categorias de especular, imaginário e simbólico, de Wallon, para lhes dar um sentido mais amplo, em consonância com as teses freudianas.

3. O espelho da Nova Psicanálise

Segundo MD Magno¹², uma das coisas que mais intrigou o pensamento humano em todos os tempos, seja ocidental ou oriental, é o fato de ao que quer que seja colocado para nossa mente, o contrário também ser pensável ou exigível. Pensadores de diversas áreas sofreram com essa qualidade básica do psiquismo, o qual, por outro lado, está configurado mediante aparelhos de recalque, limitações e travamentos. Mesmo que tenhamos uma aparência mais

¹² Criador da Nova Psicanálise ou NovaMente, em 1986, na linhagem Freud-Lacan. É uma reformatação da psicanálise a partir do conceito de Pulsão (considerado conceito fundamental) e suas conseqüências. Esse modelo tem se mostrado compatível com as complexas questões contemporâneas em múltiplos campos do conhecimento. Coaduna-se com teorias científicas atuais e freqüentemente demonstrou antecipá-las em pontos cruciais. Os Seminários e Falatórios de MD Magno estão sendo publicados desde 1977. Para maiores informações: www.novamente.org.br.

ou menos constante, o que se passa em nossas mentes é um vale-tudo radical, pois ao que quer que se diga, com um pouco de esforço, é possível virar pelo avesso (Magno [1999]: 29).

A essa competência da mente e suas possibilidades, a Nova Psicanálise chama de Revirão¹³, que é fundamentado no Princípio de Catoptria (do gr. *katóptron* = *espelho*), princípio de base psicanalítica que afirma que o que quer que haja suscita seu avesso ou enantiomorfo. Esta competência é dada e está disponível a qualquer um que dela faça uso. Destaca-se também uma “vontade de simetria” como princípio primeiro e organizador de tudo o que há em qualquer tempo e lugar. Se a simetria se produz ou não, não é a questão principal, pois isso depende das condições de resistência das formações em jogo, porque o que se destaca é a simetria como possibilidade constante e sempre em busca de sua efetivação (Magno, [1990]: v.1, 105). O funcionamento do Princípio de Catoptria é conjecturado para o *Haver*, donde sua aplicação aberta e genérica: o que quer que haja, em qualquer ordem de havência, tem a propriedade de ser uma forma simetrizável ou reversível em seu avesso, contrário ou oposto.

Pode-se, então, falar de *enantiomorfismo* como característica definidora do Princípio de Catoptria: a possibilidade de operação da reversibilidade. Assim, dia / enanti-dia; noite / enanti-noite; matéria / enanti-matéria; partícula / enanti-partícula; logos / enanti-logos; corpo / enanti-corpo; eu / enanti-eu; dentro / enanti-dentro; fora / enanti-fora; outro / enanti-outro. Nas palavras do autor, é catoptria radical, pois ao que quer que se coloque, tem-se o avesso “em todos os sentidos e com várias possibilidades de avessamento interno a esse processo: enantiomorfia total” (1990: v.1, 106-107).

O que qualifica esse princípio é a *catoptria*, o *puro espelho* como modelo de operação lógica de avessamento que estrutura os movimentos da mente e do Haver, questão nuclear na obra de Magno desde seus artigos *O hífen na barra* (1972), *Gerúndio* (1973) e de seu primeiro Seminário *Senso contra*

¹³ O termo *Revirão* foi cunhado a partir da criação de James Joyce, em *Finnegans Wake*, *riverrun* e da tradução que dele fizera Glauber Rocha no título de seu romance *Riverão Sussuarana*. Além do próprio verbo da língua portuguesa “revir”, que, segundo o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, vem do latim “revenire” e significa “vir de novo”, “voltar”, “regressar”.

censo: Da obra de arte (1976). Além de recorrer à tradição lacaniana de tomar o espelho como modelo estrutural do sujeito, ele se utiliza sistematicamente de outros autores para extrair um entendimento das propriedades reflexivas do espelho, no sentido de sua lógica e competência de reflexão. Sobretudo, das obras de Marcel Duchamp (*Le Grand Verre* e *Etant Donnés*), Fernando Pessoa, Lewis Carroll, Guimarães Rosa (*Grande Sertão: Veredas* e *Primeiras Estórias*) e Velázquez, (o quadro *As Meninas*). Esses autores são referências constantes em sua produção.

Em *A reflexão* ([1983]: 20-28), Magno retoma o estádio do espelho lacaniano na suposição de que, mais cedo ou mais tarde, cientistas acabariam por descobrir em laboratório a distinção entre o macaco e o humano. Então, afirma o que já dissera em *A música* ([1982]), e que se torna tema recorrente em seus Seminários: *a base cerebral ou neuronal desse espelho, reconhecido na mente humana desde Freud*. Ainda articulando a partir do pensamento lacaniano, temos “que aí, no lugar da antiga falta, é o espelho mesmo que se encontra, que se inscreve como borda, como única margem, de referência, lá instalada pelo furo com que o significante repete, agora como fronteira – melhor, como litoral, como linha demarcatória –, a mesma antiga falta” ([1983]: 23). Temos também a referência à possibilidade de um “espelho interno” que se funda nesse processo, a ser representado como “espelho intra-orgânico” a partir de hipóteses da época sobre o córtex cerebral lembradas por Lacan.

3.1 A mente artificialista

Torna-se senso comum em nosso tempo o reconhecimento de que o homem é um ser *artificialista* e *tecnológico*. Um “deus de prótese”, como diz Freud ([1930]: 111)¹⁴. Cria o mundo mediante artifícios e artefatos, através

¹⁴ “O homem, por assim dizer, tornou-se uma espécie de “Deus de prótese”. Quando faz uso de todos os seus órgãos auxiliares, ele é verdadeiramente magnífico; esses órgãos, porém, não cresceram nele e, às vezes, ainda lhe causam muitas dificuldades. Não obstante, ele tem o direito de se consolar pensando que esse desenvolvimento não chegará ao fim exatamente no ano de 1930 A.D. As épocas futuras trarão com elas novos e provavelmente inimagináveis grandes

de operações de transformação ou metamorfose de tudo que o cerca. Ele tem *competência e desempenho* (Chomsky) mental para tanto. As marcas que deixa no planeta Terra, desde o controle do fogo à mais complexa nave espacial, dão prova dessa vocação tecnológica. Nesse sentido, todas as formas de arte e de técnica atestam os mais variados interesses que ultrapassam a utilidade imediata de qualquer aparelho ou engenho e se constituem como *extensões de sua mente e de seu corpo* (McLuhan, 2005). Também pode-se verificar cada vez mais que não há barreira radical ou heterogeneidade entre o que constrói artificialmente e o mundo natural e físico em que vive.

Se a mente está aparelhada para operar essas transformações, é provável que haja compatibilidade entre o sistema que nos constitui e aquele que podemos transformar mediante novos artificios. Todas as limitações e recalques com que nos deparamos diariamente – naturais ou culturais – são efeitos de parcialização ou fronteiras que, de algum modo, produzem a separação das coisas entre si, gerando a relação “dentro / fora”, “eu / outro”, etc. Por outro lado, os artificios que fabricamos são possibilidades de dissolução de tais fronteiras, mas posteriormente também eles se tornam novas formas de prisão e limitação. Não há a prótese definitiva que possa resolver tudo de uma vez por todas.

A Nova Psicanálise apresenta uma hipótese para esta habilidade de artificialização de nossa mente. Toda produção artística e tecnológica feita pelo homem resulta de uma função de simetrização, a *função catóptrica* da mente. Ela é concebida como máquina que espelha ou revira o que quer que se lhe apresente, produzindo o arquivo infinito de artificios (a cultura) com que a humanidade convive há milhares de anos. Esse modelo destaca a função de *reversão*, *avessamento* ou *revirão* de que o cérebro é capaz como sendo a função originária que teria tornado possível o surgimento da linguagem, da arte, da técnica, da ordem simbólica (com suas transcrições ou traduções culturais e comportamentais).

Sendo, antes de tudo, uma máquina de avessamento ou Revirão, a

avanços nesse campo da civilização e aumentarão ainda mais a semelhança do homem com Deus. No interesse de nossa investigação, contudo, não esqueceremos que atualmente o homem não se sente feliz em seu papel de semelhante a Deus” (Freud [1930]: 111).

mente é a competência de articular as informações recebidas no regime de sua *enantiose*, isto é, no regime de pura e simplesmente poder efetivar a função contrária do que comparece. Por enantiose ou enantiomorfismo devemos entender a operação de avessamento de toda e qualquer formação que nossa mente é capaz de sonhar ou pensar, por ser sua competência fundamental a habilidade de propor uma formação reversa. Assim – questão cara à teoria dos neurônios-espelho – se há imitação de um “outro” é porque a função revirão opera avessando o que comparece como “externo” em “interno”. Faz-se o que o “outro” está fazendo porque há a capacidade de virar pelo avesso a articulação que se apresenta. A máquina de reviramento incorpora tudo que emerge recordadamente como sendo “outro”. Nesse sentido, a função catóptrica indiferencia as barreiras operacionais que recortam e constroem as noções ligadas ao jogo da alteridade (Magno [2003]: 42-43).

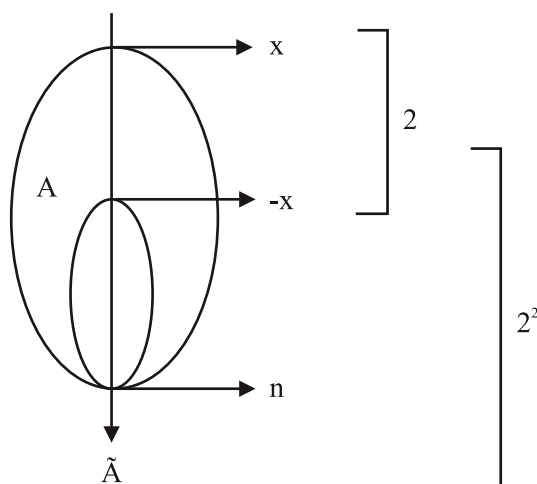
3.2 A mente-espelho

Ao afirmar que *o inconsciente é máquina de Revirão*, de avessamento, Magno também considera que há função catóptrica como repetição de um “princípio alucinatório” constitutivo da mente. Mente esta cuja base é sua competência de *indiferenciação*, de *neutralização* das polaridades ou diferenças que comparecem mediante a função catóptrica (que a tudo põe a possibilidade de avessamento). Os travamentos e emperramentos desta função resultam do que Freud chamou de resistência e recalque, os quais, de inúmeras maneiras, limitam o poder de indiferenciar ou neutralizar qualquer formação que se apresente.

O ponto de partida do pensamento psicanalítico é a idéia de Pulsão, pensada originalmente por Freud ([1920]) como Pulsão de Morte e reformata-da por Magno como: *Haver desejo de não-Haver* ($A \rightarrow \tilde{A}$). É a mesma e única Pulsão que ordena qualquer outra (de vida, de destruição, oral, anal, etc.) que tenha sido recortada por Freud ou outros teóricos da psicanálise. Assim, a mente (que Há) é regida por um Princípio de Catoptria que alucina sua extinção (não-Haver) como requisição (desejo) de simetria absoluta, a qual, em última instância, por impossibilidade de concretização desse gozo último, de Morte,

impõe à própria máquina catóptrica sua reversão para o *mesmo* lado do espelho. Note-se que, neste ponto, o espelho é tomado como limite absoluto, sem qualquer possibilidade de avesso.

Para efeitos didáticos, apresenta-se o modelo do Revirão mediante a lógica de avessamento da banda de Moebius¹⁵, o que amplia a analogia desse expediente topológico com o inconsciente proposta por Lacan. Vejamos abaixo sua esquematização:



Temos aí a superfície unilátera da banda de Moebius desenhada segundo o percurso longitudinal sobre ela, nomeado pelos matemáticos como *oito interior*¹⁶. Nele estão inscritas as diferenças $x / -x$, que podem ser indiferenciadas

¹⁵ A hipótese do Revirão é apresentada formalmente pela primeira vez em (Magno [1982]). Cf. principalmente as seções: 10. *Introdução à matemática-2 (A Chã Psicanálise ou o ICS da A a Z)*, p. 176-193; e 12. *O halo, o alelo*, p. 208-220. Cf. também a produção subsequente do autor, com destaque para [1999] e [2000/2001].

¹⁶ Da banda de Moebius (ou *contrabanda*, como chama Lacan) a topologia também extrai a lógica do *oito interior* (ou oito dobrado ou invertido). É o percurso longitudinal sobre a superfície unilátera da banda a partir de um ponto qualquer, resultando uma dobradura (o anel superior do oito é *dobrado* no interior do anel inferior). Os dois anéis se superpõem e, no ponto em que lhes é comum, inscreve-se o *ponto catóptrico*, especular (também chamado, por Magno, de

ou neutralizadas no ponto terceiro n , onde estes pontos positivo (x) e negativo ($-x$) se equivalem. O que interessa à psicanálise, além do terceiro ponto – lugar de *indiferenciação* –, é sobretudo a vontade de simetria (entre A e \tilde{A}), que está na base do conceito de Pulsão. Trata-se da função lógica do espelho: para além dos avessamentos que opera (pois a mente é pura função de catoptria), há a função alucinatória de uma *vontade de simetria absoluta*, que jamais comparece na experiência, pois é uma simetria absolutamente impossível. É essa “polaridade” de último grau – que está no esquema como sendo a “segunda potência do binário” (2²) – que a fórmula *Haver desejo de não-Haver* descreve.

Esse é o trauma, senão mesmo a condenação, apontado por Freud, que comparece para a mente propondo a simetria absoluta e a impossibilidade de atingi-la. É, portanto, uma experiência de *Quebra de Simetria* que se coloca como início de tudo que há. E a dissimetria que se produz em função dessa impossibilidade ressoa no Haver como as clausuras e fronteiras das situações com que nos defrontamos cotidianamente das mais variadas formas e maneiras. Mas é também sobre ela que se operam todas as formas de artifício e técnica que nos caracterizam.

Dessa maneira, ao tomar o conceito de Pulsão como fundamental e de formular o Princípio de Catoptria e o Revirão, Magno refaz o projeto freudiano por inteiro, colocando-o em consonância com as transformações que vêm ocorrendo desde o final dos anos 1980.

3.3 O “estalo do espelho” no “estádio do espelho”

A seguir, acompanharemos a crítica de Magno à proposição lacaniana do estágio do espelho, anteriormente apresentada. Vimos como esta proposição foi fundamental para a formulação do “sujeito do inconsciente”, que predominou

Real do Revirão ou *ponto bífido*), que inverte absolutamente tudo que passa por ele como se fosse um *furo* de passagem entre um anel e outro. Notamos, também, que, com o percurso em oito interior, atravessa-se duas vezes o mesmo ponto e decompõe-se a superfície em duas partes distintas. As partes pertencem à mesma formação e constituem uma única peça que se organiza a partir do ponto neutro e suas polarizações.

no primeiro e no segundo classicismo lacanianos (Milner, 1996).

Além das influências de Wallon, a obra de Lacan também é contemporânea das pesquisas de Lorenz e outros, que transformaram a “obscura disciplina” da etologia em um dos ramos mais importantes da biologia evolutiva (Vieira, 1983: 28) e foram decisivos na formulação da gênese da mente a partir de informações orgânicas e etológicas. Lacan pretendia justamente dar um modelo explicativo da função do “eu” [je] que superasse a problematização etológica da imagem do corpo na constituição que o organismo tinha com o meio ambiente. Ou seja, que superasse o que Lorenz destacou como o reconhecimento dos modelos de vinculação etogramatical, para além da noção clássica de instinto.

Para os seres humanos, a problemática essencial da integração das funções motoras se dá mediante a unificação da imagem do corpo próprio (como vimos em Wallon), num processo de identificação que é dado prematuramente na experiência do reconhecimento da imagem no espelho. A criança, na “assunção jubilatória de sua imagem especular”, em “azáfama jubilatória” (Lacan, 1998: 97), organiza ludicamente sua forma corporal como em uma *Gestalt*, com a imagem especular do corpo próprio ajudando na formação da *imago*¹⁷ da criança. O “estádio do espelho” seria o momento lógico da instalação da ordem simbólica do sujeito, antes ainda que a palavra e o discurso o situassem no universo simbólico dos falantes. O processo identificatório iniciado pela experiência do espelho, mediante a qual o sujeito se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo, está conectado às identificações infinitas que se constroem em seu acesso ao processo simbólico (Roudinesco, 1988: 71).

Para a Nova Psicanálise, o modelo é inteiramente diferente. Toda função de “alteridade” que comparece é entendida ou produzida pelo desejo ou pela competência de simetrização que está dada no Princípio de Catoptria. Dessa maneira, a lógica do inconsciente não depende desse jogo de imagem no

¹⁷ “Basta compreender o estágio do espelho *como uma identificação*, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*” (Lacan, 1998: 97).

espelho a partir do qual alguém articula seu processo reflexivo. Mas, sim, do *fato* de que *há função catóptrica*, isto é, de que a competência de reviramento está dada, de que há o reconhecimento do espelho enquanto tal. E justo porque a máquina é catóptrica, enantiomórfica, a tão comentada “imagem do corpo próprio” é construída. A “azáfama jubilatória” da criança no estádio do espelho é o reconhecimento de sua própria competência de reflexão. Acompanhemos esta articulação nos termos do próprio autor:

(...) o grande momento, mais do que o assentamento sobre imagem especular coagulante do famigerado corpo despedaçado, que me parece da ordem perceptiva, o que talvez seja motivo de júbilo para a espécie é o fato de haver reconhecimento do processo reflexivo no nível geométrico, digamos assim, catóptrico, enquanto reconhecimento desse fenômeno como homológico ao que nela está inscrito, por razões de espécie, como catoptria interna. Ou seja, sem a menor consciência, porque isto não é necessário, o grande júbilo do Estádio do Espelho é esse *estalo* de sacar, para além da coagulação do corpo despedaçado, para além do assentamento daquela imagem do lado de cá, que aí está vazio, o fato da coincidência, da tiquê, do encontro da catoptria reconhecida visualmente no espelho com a catoptria interna da espécie. Ou seja, de que *eu* sou tão reflexivo quanto o espelho o é, coisa que certamente não comparece em outras espécies, por mais evoluídas que sejam (Magno [1988]: 31).

Mais adiante, afirma: “(...) *É esse espelho interior que a fisiologia e a anatomia procuram*” (grifos nossos). Podemos, portanto, afirmar que a descoberta dos neurônios-espelho parece confirmar esta afirmação. Magno aponta que só há “júbilo” para a criança na medida em que há encontro da catoptria percebida no espelho com a catoptria dada na própria mente em constituição. Encontro este que só é possível porque essa competência está disponível do lado de cá, ou seja, na mente. O núcleo destacado no estádio do espelho é o *encontro de um espelho com outro* e o “júbilo” de que tanto se falou é índice de

reconhecimento da máquina catóptrica disponível mentalmente ([1988]: 32).

Certamente que essa capacidade especular do espelho plano é muito inferior à catoptria cerebral, pois o Princípio de Catoptria põe um *espelho absoluto*, capaz de qualquer tipo de avessamento ou reversão. A única reversão impossível é a da simetria absoluta que, como vimos, é impossível e coincidiria com a extinção absoluta que não há.

3.4 A instalação do Revirão no cérebro (1982)

O modelo da mente como espelho não só parece estar em sintonia com as mais recentes descobertas da função dos neurônios-espelho pelas neurociências, como também as antecipou em quase duas décadas. A hipótese do Revirão – e sua função catóptrica – é de 1982 e, desde 1983, Magno afirma que caberia às ciências biológicas (fisiologia, anatomia) – ou, hoje, às neurociências – procurar e determinar sua funcionalidade no cérebro humano.

A partir dos experimentos acima descritos, Ramachandran fez a suposição de que os neurônios-espelho são parte de uma rede que permite ver o mundo “desde o ponto de vista de outras pessoas”, o que dissolve as fronteiras entre eu/outro. A capacidade de *empatia*, a possibilidade de ler a mente ou as intenções dos outros, de antecipar atos e comportamentos, foram cruciais no desenvolvimento de habilidades sociais elaboradas, de redes complexas de conhecimento que vieram a constituir a cultura. Assim, a comunicação e o aprendizado puderam espalhar-se amplamente criando a dinâmica simbólica em que vivemos.

A idéia de *Pessoa*, proposta por Magno em [2004], que resulta da concepção da mente como espelho (e se contrapõe radicalmente à noção de sujeito da filosofia), pode nos dar uma noção da compatibilidade da tese psicanalítica com as pesquisas das neurociências. No aparelho teórico que estamos descrevendo, a Pessoa é concebida como uma rede de formações “naturais” e “culturais”, com vários níveis e em interações recíprocas, que se organiza em

pólos que, por sua vez, se apresentam de modo *focal* e *franjal*¹⁸. É uma formação complexa, com *n* componentes que se organizam em dada configuração, que também pode estar gravitando em torno de outras formações e assim sucessivamente. E, como todo pólo, é um conjunto de resistência a outras formações já constituídas e também organizadas polarmente.

O que caracteriza a Pessoa em sua *singularidade* é poder, ainda que aprisionada em um grande conjunto de formações que a determinam e constituem, ser eventualmente afetada por uma *hiperdeterminação*. Ou seja, poder ser afetada pelo determinante último e radical capaz de produzir eventos que suspendem as outras formas de determinação em vigor e possibilitam o surgimento de formações originais e novas configurações causais no sistema. A HiperDeterminação, como escreve Magno, é a possibilidade de ocorrência de neutralização no conjunto das forças que existem em dada situação. Então, mesmo que determinada e oprimida pelo conjunto de formações que a constituem, há para a Pessoa a possibilidade de *exasperação*, de *atrito* em um ponto limite que *revira tudo pelo avesso* (Princípio de Catoptria / Revirão) e repõe o jogo novamente, porque não há saída para “fora” desse sistema. É o vigor máximo da função catóptrica. Dessa forma, é possível acontecer um ato de *criação* para o vivido nessa experiência e a emergência de uma nova prótese, de uma tecnologia, que facilite o manejo da realidade.

¹⁸ “...ao considerar as formações, é preciso fazê-lo no sentido abrangente, pois isso é infinitamente grande para todos os lados e não sei quais são suas conexões. Lembram do que eu dizia do foco e da franja, e de que, até para se produzir um conhecimento, uma quantidade de coisas fica fora? Não só o campo é infinito de formações, pois não há como fazer a leitura dele todo, como cada uma das formações tem que ser pensada como formação de formações, não se sabe onde isso termina. A história da física, por exemplo, antigamente parava na idéia de átomo, mas foi crescendo: o átomo tomou outra característica e hoje temos a suposição, incomprovada ainda, de que há umas três ou quatro cordas mínimas como última formação das formações. Será? A infinitude, tanto na abrangência do campo como dentro de cada formação, é fractal. É o conceito de Mandelbrot, de que já falei aqui há anos: a coisa vai se expandindo para dentro e para fora. Pode-se até, com frequência, ter uma forma mínima que percebemos organizar todo o campo, mas aquilo é infinito no extensivo e no intensivo” (Magno, [2000/2001]: 481).

O único caso conhecido de Pessoa até o momento, com *mente revirante*, somos nós mesmos, mas talvez haja outras formações também complexas que sejam afetadas pelo movimento hiperdeterminante e pelo reviramento – “extra-terrestres” (ETs), ou futuramente “máquinas espirituais” (Kurzweil, 1999) –, com mente homóloga quanto à competência e performance.

Ray Kurzweil (1948-) chama de *singularidade* (2005: 9) o momento de culminância da união entre nossa existência e os pensamento biológicos com a tecnologia, o que resultará em um mundo ainda humano, mas que transcende nossas raízes biológicas. Na pós-singularidade, não haverá distinção entre humano e máquina ou entre realidade física e virtual. Se podemos supor que algo de humano ainda vai restar neste mundo é o fato de pertencermos à espécie que busca ampliar seu limite físico e mental para além do meio que a cerca. A hipótese de Kurzweil é compatível com a de Pessoa que a psicanálise atual está propondo para pensar nosso tipo de mente. Ocasionalmente, somos capazes de atos radicais de criação em qualquer campo do conhecimento, criação esta que resulta da mente revirante e especular que portamos.

4. Considerações finais

No desenvolvimento deste trabalho, vimos os seguintes passos e articulações:

- A importância da descoberta dos neurônios-espelho pelas neurociências e seu papel no desenvolvimento da linguagem humana e da cultura;
- O surgimento de outras áreas de pesquisa a partir dessa descoberta, principalmente as relacionadas ao autismo e suas possíveis causas;
- Os antecedentes da questão mente/espelho: as influências do pensamento de Boehme e Hegel, as pesquisas de Wallon (a “prova do espelho”), bem como as teses da etologia, em particular as de Lorenz;
- O “estádio do espelho” de Lacan, inspirado no trabalho de Wallon, Harrison, Chauvin e de Lorenz, como base para a formação do “sujeito do inconsciente”;

- O Revirão de Magno, com as hipóteses do Princípio de Catoptria e da Quebra de Simetria como modelo suficiente para a descrição do funcionamento da mente;
- A antecipação conceitual da função catóptrica e suas conseqüências em relação às descobertas dos neurônios-espelho;
- O “estalo do espelho” como crítica de Magno ao “estádio do espelho” lacaniano;
- Os neurônios-espelho como prova da instalação primária do Revirão no cérebro.

Destacamos, ao longo do texto, que a descoberta dos neurônios-espelho pode demonstrar que não só imitamos os outros como também, se estivermos vendo ou ouvindo ações de outros, o cérebro funciona como se nós mesmos estivéssemos fazendo aquelas ações. Além disso, vimos, segundo essa hipótese, que a linguagem humana também surge do processo sintático gerado por essa rede neuronal.

Por sua vez, Magno enfatiza que – enquanto para Lacan o “estádio do espelho” funda para a criança a função do “eu” – o que se explicita no estágio do espelho é o “estalo do espelho”, ou seja, a expressão de sua *função catóptrica*, que não é o mesmo que “função especular”. Esta última sendo o reconhecimento de *imagem* ou de *imitação*, que Lacan incluiu em seu conceito de Imaginário. A função catóptrica é a *reversão lógica contida no Revirão* e não a simples projeção da imagem como *duplo*. Trata-se da competência de avessamento radical de qualquer formação que se apresente, pois para a mente humana (e mesmo para todo o Haver) há um princípio segundo o qual seu funcionamento é regido por polaridades opositivas, como se no meio houvesse um *espelho* (= Princípio de Catoptria), capaz de *enantiomorfismo* total. Isto é, a possibilidade de pensar ou sonhar o avesso radical de qualquer afirmação ou identidade. É a *função catóptrica* (com a lógica do Revirão) que produz a linguagem humana com toda a sua complexidade.

É com estas hipóteses e suas conseqüências que faz a crítica ([1988])

à noção lacaniana de estádio do espelho (1936), inspirada nas idéias de Wallon e Lorenz, para afirmar que a competência de reviramento está dada primariamente em nosso cérebro. Caberia às pesquisas científicas fazer sua demonstração competente.

Assim sendo, finalizamos com as seguintes observações:

1. Percebe-se que há uma conexão mais direta entre “prova do espelho” (Wallon), “estádio do espelho” (Lacan) e “estalo do espelho” (Magno). Lacan se apropriou da experiência walloniana para transformá-la em uma teoria da organização imaginária do ser humano e base para o surgimento do simbólico, visando completar a teoria do Édipo freudiano. Magno, por sua vez, destaca que o que está aí em jogo é a ressonância do Princípio de Catoptria, pois o “júbilo” do estádio do espelho é o estalo de perceber, para além de qualquer outra coisa, “o encontro da catoptria reconhecida visualmente no espelho com a catoptria interna da espécie”. Ou seja, de que a mente é tão reflexiva quanto o espelho, e que isso não comparece em outras espécies, por mais evoluídas que elas sejam.

2. A descoberta dos neurônios-espelho trouxe, por via biológica, a questão da reflexão novamente, atribuindo a eles – seja mediante suposições ou provas efetivas – as operações de imitação, analogia, identificação com o “outro” e de produção da linguagem e da cultura humanas. Mesmo as pesquisas sobre o autismo seguem indicações parecidas. Ora, embora Magno afirme que essas pesquisas estão demonstrando sua hipótese da *instalação do Revirão no cérebro como uma funcionalidade e não como um órgão específico*, convém lembrar que sua teoria sobre a mente é um modelo genérico, acabado, amplo e com conseqüências nos mais diversos campos do conhecimento. É nesse âmbito que afirma que a competência de avessamento, de enantiomorfismo, possibilita o surgimento das línguas e da cultura. O mais importante é que, mediante essa mesma competência, há criação e invenção de outros mundos, fazendo emergir, por exemplo, a revolução tecnológica em que vivemos, seja para melhor ou para pior. Isto também não ocorre a outras espécies conhecidas.

3. Embora o termo lingüístico “espelho” seja o mesmo nas várias pesquisas, não se designa com ele o mesmo na Nova Psicanálise e nas neurociências. En-

quanto que para os pesquisadores em neurociências, assim como para Wallon e Lacan, a ênfase recai respectivamente sobre a *reflexão*, o *espelhamento*, a *imago* e a *alteridade especular*, para a Nova Psicanálise trata-se de um *espelho absoluto, pura superfície de reflexão*, capaz de *avessamento radical* de qualquer ordem, até aquelas ainda não pensados pelas ciências ou pela filosofia. O único avessamento impossível absolutamente é o da própria imanência do espelho enquanto tal (Princípio de Catoptria) em um sumiço ou desaparecimento definitivos, pois isto é radicalmente impossível (Quebra de Simetria). O *espelho da mente* há de maneira inarredável, embora seu desejo seja sempre de extinção: *Haver desejo de não-Haver* (a Pulsão freudiana *informada e enformada* nesses princípios). Todas as outras observações sobre o espelho são consideradas a partir daí.

4. Com os resultados recentes das pesquisas sobre os neurônios-espelho, a aposta de Magno sobre a instalação biológica da funcionalidade do Revirão no cérebro (1982) parece estar confirmada, o que abre possibilidades de estudos e pesquisas na interface da psicanálise e das neurociências.

Há, entretanto, muitas brechas a serem preenchidas, pois o que parece novidade em uma área do conhecimento, já é bem conhecido e desenvolvido em outra. Isto certamente se deve à pouca freqüentação mútua dos diversos campos de conhecimento, ocasionando defasagem e esforços duplicados. As fronteiras entre as formas de conhecimento continuam ainda muito rígidas, assim como os preconceitos e as rivalidades, mas esperamos ter apresentado notícias promissoras para um entendimento mais preciso e compartilhado dos modos de funcionamento da mente humana e de todas as outras formas de mente que também começam a ser pesquisadas e conhecidas.

Referências

ALTSCHULER E. L., VANKOV A., HUBBARD E. M., ROBERTS E., RAMACHANDRAN V. S., PINEDA J.A.. *Mu wave blocking by observation of movement and its possible use as a tool to study theory of other minds*. In: Soc. Neurosci. 2000, 68.1 (Abstr.)

- ARBIB, Michael A. *From monkey-like action recognition to human language: an evolutionary framework for neurolinguistics*. In: Behavioral and Brain Science. Cambridge University Press, 2004.
- ARMSTRONG AC, STOKOE WC, WILCOX SE. 1995. *Gesture and the nature of language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- BASTOS, Alice Beatriz B. Izique. *A construção da pessoa em Wallon e a construção do sujeito em Lacan*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BUCCINO G, VOGT S, RITZL A, FINK GR, ZILLES K, FREUND HJ, RIZZOLATTI G. 2004. *Neural circuits underlying imitation of hand actions: an event related fMRI study*. Neuron 42:323-34.
- CORBALLIS MC. *From Hand to Mouth. The Origins of Language*. Princeton: Princeton Univ. Press. 2002, 257 p.
- DAPRETTO M, DAVIES MS, PFEIFER JH, SCOTT AA, SIGMAN M, BOOKHEIMER SY, and IACOBONI M. 2006. *Understanding emotions in others: Mirror neuron dysfunction in children with autism spectrum disorders*. Nature Neuroscience, 9,28-30.
- DUFOUR, Dany-Robert. *Lacan e o espelho sofiano de Boehme*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1999.
- EIBL-EIBESFELDT, Irenäus. *Etología: introducción al estudio comparado del comportamiento*. Barcelona: Ediciones Omega, 1974.
- FOGASSIL, FERRARI P.F., GESIERICH B., ROZZI S., CHERSI F. and RIZZOLATTI G. 2005. *Parietal Lobe: from Action Organization to Intention Understanding*. Science, 308: 662-7.
- _____. GALLESE V, FADIGA L, RIZZOLATTI G. *Neurons responding to the sight of goal directed hand/arm actions in the parietal area PF (7b) of the macaque monkey*. In: Soc. Neurosci. 1998, 24:257.5
- _____. et al. *Parietal lobe: from action organization to intention understanding*. In: Science, 2005, vol. 302, p 662-67.
- FREUD, Sigmund. [1938] *Esboço de psicanálise*. Edição Standard Brasileira (ESB), vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago, 1974.
- _____. [1930] *O mal-estar na civilização*. ESB, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. [1923] *O Ego e o Id*. ESB, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. [1920] *Além do Princípio de Prazer*. ESB, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

- _____. [1914] *Sobre o narcisismo: uma introdução*. ESB, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. [1905] *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. ESB, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. [1900] *A interpretação dos sonhos*. ESB, vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. [1895] *Projeto para uma psicologia científica*. ESB, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- GALLESE, Vittorio, FADIGA, Luciano, FOGASSI, Leonardo and RIZZOLATTI, Giacomo. *Action recognition in the premotor cortex*. In: *Brain*, 1996, 119: 593-609.
- _____. FOGASSI, L, FADIGA, L, RIZZOLATTI, G. *Action representation and the inferior parietal lobule*. In: *Attention & Performance XIX. Common Mechanisms in Perception and Action*, ed. WPrinz, B. Hommel, 2002, p. 247–66. Oxford, UK: Oxford Univ. Press.
- _____. FADIGA L, FOGASSI L, RIZZOLATTI G. 1996. *Action recognition in the premotor cortex*. *Brain* 119:593-609.
- _____. GOLDMAN A. 1998. *Mirror neurons and the simulation theory of mind-reading*. *Trends in Cognitive Sciences*, 12:493-501.
- _____. KEYSERS C. and RIZZOLATTI G. 2004. *A unifying view of the basis of social cognition*. *Trends in Cognitive Sciences*, 8: 396-403.
- _____. *The manifold nature of interpersonal relations: the quest for a common mechanism*. In: *The Royal Society*, 2003, p. 517-528.
- _____. *Embodied simulation: from neurons to phenomenal experience*. In: *Phenomenology and the cognitive sciences*, 2005, 4: 23-48.
- GARDNER, Martin. *L'univers ambidextre: les miroirs de l'espace-temps*. Paris:Seuil, 1985.
- IACOBONI, Marco. *Mirroring people: The new science of how we connect with others*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2008.
- _____. WOODS R. P., BRASS M., BEKKERING H., MAZZIOTTA J. C., RIZZOLATTI G. *Cortical mechanisms of human imitation*. In: *Science*, 1999, 286:2526–28.
- _____. MOLNAR-SZAKACS I., GALLESE V., BUCCINO G., MAZZIOTTA J.C., RIZZOLATTI G. 2005. *Grasping the intentions of others with one's own mirror neuron system*. *PLoS biology*, 3, e79.
- _____. WOODS RP, BRASS M, BEKKERING H, MAZZIOTTA JC, RIZZOLATTI G. 1999. *Cortical mechanisms of human imitation*. *Science* 286:2526-8.
- JELLEMA T, BAKER CI, ORAM MW, PERRETT DI. 2002. *Cell populations in the banks*

of the superior temporal sulcus of the macaque monkey and imitation. In *The imitative mind. Development, evolution and brain bases*, ed., AN Melzoff, W Prinz. Cambridge: Cambridge University Press.

JÜRGENS, U. 2002. *Neural pathways underlying vocal control.* *Neuroscience and Biobehavioral Review*, 26, 235-258.

KOHLER E., KEYSERS C., UMILTÀ M. A., FOGASSI L., GALLESE V., RIZZOLATTI G.. *Hearing sounds, understanding actions: action representation in mirror neurons.* In: *Science*, 2002, 297:846-48.

KURZWEIL, Ray. *The singularity is near.* New York: Vikings, 2005.

_____. *The age of spiritual machines.* MIT Press, 1999.

LACAN, Jacques. O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 96-103.

_____. Formulações sobre a causalidade psíquica. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 152-194.

_____. O Seminário, livro 11: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

LA TAILLE, Yves de, OLIVEIRA, Marta Kohl de e DANTAS, Heloysa. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. 3ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

LORENZ, Konrad. *A demolição do homem: crítica à falsa religião do progresso*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. *Evolução e modificação do comportamento*. Rio de Janeiro: Interciência, 1986.

_____. *Os fundamentos da Etologia*. São Paulo: Unesp, 1995.

MAGNO, MD. [2006] *AmaZonas: a psicanálise de A a Z*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2008.

_____. [2005] *Clavis universalis: da cura em psicanálise ou revisão da clínica*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2007.

_____. [2004] *Economia fundamental: MetaMorfoses da Pulsão*. Proferido na UniverCidadeDeDeus [a sair].

_____. [2003] *Ars gaudendi: a arte do gozo*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2006.

_____. [2000/2001] *Revirão 2000/2001*. Rio de Janeiro, NovaMente, 2003.

_____. [1999] *A psicanálise, novamente: um pensamento para o século II da era freudiana*:

- conferência introdutórias à Nova Psicanálise* (1999). Rio de Janeiro: NovaMente, 2004.
- _____. [1993] *A natureza do vínculo*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994.
- _____. [1992] *Pedagogia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993.
- _____. [1990] *Arte & Fato: a Nova Psicanálise: da arte total à clínica geral*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2001. 2 volumes.
- _____. [1988] *De mysterio magno: a Nova Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aouta, 1990.
- _____. [1986/7] *Sexo dos Anjos: a sexualidade humana em psicanálise*. Rio de Janeiro: Aouta, 1988.
- _____. [1983] *Ordem e progresso: por dom e regresso*. 2ed. Rio de Janeiro: Aouta, 1987.
- _____. [1982] *A música*. Rio de Janeiro: Aouta, 1986.
- _____. [1981] *Psicanálise & política*. Rio de Janeiro: Aouta, 1986.
- _____. [1976] *Senso contra censo: da obra de arte, etc...* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.
- MAZZIOTTA J. C., et al. *Grasping the intentions of others with one's own mirror neuron system*. PLoS Biol, 2005, 3(3): e79.
- McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 2005.
- MILNER, Jean-Claude. *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- RAMACHANDRAN, Vilayanur e OBERMAN, Lindsay M. *Espelhos quebrados – Uma teoria sobre o autismo*. In: Scientific American Brasil. São Paulo. Ano 5 – nº 55, dezembro de 2006.
- _____. OBERMAN L.M. 2006 *Broken mirrors: a theory of autism*. Scientific American, 5: 62-9.
- _____. *Mirror neurons and imitation learning as the driving force behind “the great leap forward” in human evolution*, 2005.
- http://www.edge.org/3rd_culture/ramachandran/ramachandran_pl.html.
- [Acesso em 27/08/2006].
- RIZZOLATTI, Giacomo e SINIGAGLIA, Corrado. *How our minds share actions and emotions*. Oxford University Press, 2006.
- _____. ARBIB MA. 1998. *Language within our grasp*. Trends Neurosci. 21:188-94.
- _____. FADIGA L, FOGASSI L, GALLESE V. 1996a. *Premotor cortex and the recognition*

- of motor actions*. Cogn. Brain Res. 3:131-41.
- _____. FOGASSI L, GALLESE V. 2001. *Neurophysiological mechanisms underlying the understanding and imitation of action*. Nat. Rev. Neurosci. 2:661-70.
- _____. CRAIGHERO L. 2004 *The Mirror-Neuron System*. Annual Rev. Neurosci. 27 169-192.
- _____. & CRAIGHERO, L. *The Mirror-Neuron System*. In: Annu. Ver. Neurosc. 2004, 27: 169-92.
- _____. FOGASSI, Leonardo e GALLESE, Vittorio. *Espelhos na mente*. In: Scientific American Brasil. São Paulo. Ano 5 – nº 55, dezembro de 2006.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *História da psicanálise na França. A batalha dos cem anos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.
- _____. *A análise e o arquivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- SAARELA MV, HLUSHCHUK Y, WILLIAMS AC, SCHURMANN M, KALSO E, HARI R. 2006. The Compassionate Brain: Humans Detect Intensity of Pain from Another's Face. Cerebral cortex.
- SINGER T. 2006 The neuronal basis and ontogeny of empathy and mind reading: review of literature and implications for future research. Neuroscience and biobehavioral reviews. 6: 855-63.
- SLUCKIN, W. *Estampagem: o aprendizado inicial*. São Paulo, 1972.
- VARELA, Francisco J., THOMPSON, Evan e ROSCH, Eleonor. *A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- VIEIRA, António Bracinha. *Etologia e ciências humanas*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983.
- VAUCLAIR, Jacques. *A inteligência dos animais*. Lisboa: Livros do Brasil, 1992.
- WALLON, Henri. *As origens do caráter na criança*. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.
- WICKER B., KEYSERS C, PLAILLY J, ROYET JP, GALLESE V, RIZZOLATTI G.. (2003) *Both of us disgusted in my insula: The common neural basis of seeing and feeling disgust*. Neuron 40, 655-664.

SOBRE O AUTOR

MD Magno (Prof. Dr. Magno Machado Dias):

Nascido em Campos dos Goitacazes, Rio de Janeiro, Brasil, em 1938.

PSICANALISTA.

Bacharel e Licenciado em Arte. Bacharel e Licenciado em Psicologia.
Psicólogo Clínico.

Mestre em Comunicação; Doutor em Letras; Pós-Doutor em Comunicação –
pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (RJ, Brasil).

Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Santa Maria (RS,
Brasil).

Professor Aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Univer-
sidade do Estado do Rio de Janeiro.

Ex-Professor Associado do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris
VIII (Vincennes), quando era dirigido por Jacques Lacan.

Fundador do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro (instituição psicanalítica). Fun-
dador da UniverCidadeDeDeus (instituição cultural sob a égide da psicanálise).
Criador e Orientador de NOVAMENTE, Centro de Estudos e Pesquisas, Clínica e
Editora para o desenvolvimento e a divulgação da Nova Psicanálise.

Atualmente, além de sua atividade como Psicanalista, continua o desenvolvimento de
sua produção teórico-clínica (*work in progress*) em Falatórios e Oficinas Clínicas,
realizados na sede da UniverCidadeDeDeus e publicados regularmente.

ENSINO DE MD MAGNO

MD Magno vem desenvolvendo ininterruptamente seu Ensino de psicanálise desde 1976, ano seguinte à fundação oficial do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro.

1. 1976: Senso Contra Censo: da Obra de Arte
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. 216 p.

2. 1976/77: Marchando ao Céu
Seminário sobre Marcel Duchamp. Proferido na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro (Parque Laje). Inédito.

3. 1977/78: Rosa Rosae: Leitura das Primeiras Estórias de João Guimarães Rosa
3ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1985. 220 p.

4. 1978: Ad Sorores Quatuor: Os Quatro Discursos de Lacan
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007. 276 p.

5. 1979: O Pato Lógico
2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 252 p.

6. 1980: Acesso à Lida de Fi-Menina
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 316 p.

7. 1981: *Psicanálise & Polética*

Quatro sessões, sobre *Las Meninas*, de Velázquez, reunidas em *Corte Real*, 1982, esgotado. Texto integral publicado por Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 498 p.

8. 1982: *A Música*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 329 p.

9. 1983: *Ordem e Progresso / Por Dom e Regresso*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1987. 264 p.

10. 1984: *Escólios*

Parcialmente publicado em *Revirão: Revista da Prática Freudiana*, nº 1. Rio de Janeiro: Aoutra editora, jul. 1985.

11. 1985: *Grande Ser Tão Veredas*

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 292 p.

12. 1986: *Ha-Ley: Cometa Poema // Pleroma: Tratado dos Anjos*

Publicados em *O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1988. 249 p.

13. 1987: *“Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise”, Ainda // Jufzo Final*

Publicados em *O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1988. 249 p.

14. 1988: *De Mysterio Magno: A Nova Psicanálise*

Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1990. 208 p.

15. 1989: *Est’Ética da Psicanálise: Introdução*

Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. 238 p.

16. 1990: *Arte&Fato: A Nova Psicanálise, da Arte Total à Clínica Geral*
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2001. 520 p., 2 vols.

17. 1991: *Est'Ética da Psicanálise (Parte 2)*
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2002. 392 p., 2 vols.

18. 1992: *Pedagogia Freudiana*
Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993. 172 p.

19. 1993: *A Natureza do Vínculo*
Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. 274 p.

20. 1994: *Velut Luna: A Clínica Geral da Nova Psicanálise*
2ª ed. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 310 p.

21. 1995: *Arte e Psicanálise: Estética e Clínica Geral*
2ª ed. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 264 p.

22. 1996: *"Psychopathia Sexualis"*
Santa Maria: Editora UFSM, 2000. 453 p.

23. 1997: *Comunicação e Cultura na Era Global*
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 408 p.

24. 1998: *Introdução à Transformática: Por uma Teoria Psicanalítica da Comunicação*
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004. 156 p.

25. 1999: *A Psicanálise, Novamente: Um Pensamento para o Século II da Era Freudiana: Conferências Introdutórias à Nova Psicanálise.*
2ª ed. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 224 p.

26. 2000: “Arte da Fuga”
Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática. Rio de Janeiro:
NovaMente Editora, 2003. 656 p.
27. 2001: Clínica da Razão Prática: Psicanálise, Política, Ética, Direito.
Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática. Rio de Janeiro:
NovaMente Editora, 2003. 656 p.
28. 2002: Psicanálise: Arreligião
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 248 p.
29. 2003: Ars Gaudendi: A Arte do Gozo.
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 340 p.
30. 2004: Economia Fundamental: MetaMorfoses da Pulsão
Proferido na UniverCidadeDeDeus [a sair].
31. 2005: Clavis Universalis: Da cura em Psicanálise ou Revisão da Clínica.
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007. 224 p.
32. 2006: AmaZonas: A Psicanálise de A a Z.
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 198 p.
33. 2007: A Rebelião dos Anjos: Eleutéria e Exousía.
Proferido na UniverCidadeDeDeus [a sair].
34. 2008: AdRem: Gnômica ou MetaPsicologia do Conhecimento [em
andamento].

Formato

16 x 23 cm

Mancha

12 x 19 cm

Tipologia

Times New Roman e Amerigo BT

Corpo

11,0 | 16,5

Número de Páginas

200